

**CONVERSAS FAMILIARES**

**SOBRE**

**O ESPIRITISMO**



**CRBBM**

**Casa de Recuperação e Benefícios  
Bezerra de Menezes**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)

**ÉMILIE COLLIGNON**

**CONVERSAS FAMILIARES**

**SOBRE**

**O ESPIRITISMO**

**Pesquisa, Introdução e Notas**  
**Jorge Damas Martins**  
**Stenio Monteiro de Barros**

**CRBBM**  
**CASA DE RECUPERAÇÃO E**  
**BENEFÍCIOS**  
**BEZERRA DE MENEZES**  
**RIO DE JANEIRO**

@1865 Émilie Collignon

Título original francês:

ENTRETIENS FAMILIERES SUR LE SPIRITISME

Paris / Bordeaux: Chez Ledoyen Libraire – Chez Feret et Barbet

Direitos reservados à

CASA DE RECUPERAÇÃO E BENEFÍCIOS

BEZERRA DE MENEZES

Rua Bambina, 128

Botafogo – Rio de Janeiro - RJ

CEP. 22251-050

<http://www.casarecupbnbm.org.br>

Publicação autorizada segundo o *Service Reproduction* da *Bibliothèque Nationale de France* (nº de Client: 82170)

PESQUISA, COORDENAÇÃO, INTRODUÇÃO E NOTAS:

Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros

TRADUÇÃO:

José Augusto Carvalho

REVISÃO:

José Antonio Carvalho

Júlio Couto Damasceno

CAPA:

1.000 exemplares

1ª edição - Junho/2007

Impresso em offset nas oficinas da

FOLHA CARIOCA EDITORA LTDA.

A reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio, somente será permitida com a autorização por escrito do editor.

(Lei nº 9.619 de 19. 02. 1998)

Impresso no Brasil

Presita en Brazilo

*Os coordenadores da edição brasileira dedicam com carinho e reconhecimento este resgate histórico ao amigo e destacado pesquisador espírita Eduardo Carvalho Monteiro.*

# CONVERSAS FAMILIARES SOBRE ESPIRITISMO

## DUAS PALAVRAS SOBRE A EDIÇÃO BRASILEIRA

Não é muito comum médiuns escreverem textos de sua própria lavra. Mas, quando há esta possibilidade, é sempre interessante porque, ao final, acaba-se conhecendo um pouco melhor a árvore de onde se origina os frutos...

Os romances mediúnicos da nossa saudosa Yvonne do Amaral Pereira são verdadeiras pérolas no mar da literatura mediúnica, seja pela forma quanto pelo fundo moral; mas é na sua produção autoral, especialmente em trabalhos como “Recordando a Mediunidade” e “Devassando o Invisível”<sup>1</sup> que se pode constatar, mais claramente, a nobreza moral, a dignidade, a devoção ao bem e ao dever desta que se tornou um exemplo inesquecível de verdadeira mediunidade cristã.

Assim também como Émilie Collignon, uma das mais admiráveis médiuns do século XIX. Inicialmente conhecida em nossa terra pela recepção mediúnica da magistral obra “Os Quatro Evangelhos”, durante muito tempo sua imagem sofreu com os reveses criados pela controvérsia em torno da “Revelação da Revelação”. Como nossos espíritos, ainda imperfeitos, são quase sempre apressados e temerários em seus julgamentos, nossa irmã sofreu todo tipo de crítica e ironia sem qualquer base histórica ou referência concreta que pudesse sustentar as avaliações feitas a seu respeito, praticamente durante todo o século XX. Ao longo de todo este tempo, poucas vozes se levantaram em defesa da médium.

Mas, diz Emmanuel, através da pena do nosso Chico Xavier, que “se Deus é a força do Tempo, o Tempo é a força de Deus”. Para os que são “justos aos olhos do Senhor”, Sua Voz sabe falar a todos, em defesa verdadeiramente legítima... Nosso Pai sabe, mais que nós todos, que há vidas tão belas, tão dignas, tão nobres de virtudes e tão ricas de exemplos verdadeiramente cristãos, que falam por si, enfaticamente, na humildade de seu silêncio.

Foi assim que, pouco a pouco, através do trabalho paciente e minucioso de nossos irmãos Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros, em mais de vinte anos de pesquisas regulares em torno da história do Espiritismo, trazendo diretamente da França milhares e milhares de páginas de fontes primárias sobre os primórdios de nosso movimento; foi assim, dizia, que surgiram as informações necessárias para melhor compreensão da vida e da obra de Émilie Collignon que, hoje sabemos, bem se poderia chamar, por sua estatura moral, da “Yvonne Pereira” das primeiras horas da seara espírita.

Descobriu-se então que diversas mensagens mediúnicas por ela recebidas foram aproveitadas pelo Codificador na “Revista Espírita” e em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, referendando-se a todo momento, por este meio, a qualidade moral de seu trabalho mediúnico.

Foi ainda por meio dessa pesquisa que verificou-se ter a mesma médium publicado ao todo cinco obras, sempre sob a orientação e inspiração de seus mentores espirituais (assim como a nossa Yvonne) e, ao resgatar-se os originais destes trabalhos, é que se pôde, enfim, avaliar com propriedade a nobreza deste Espírito ao mesmo tempo sensível, generoso e operoso em sua *mediunidade com Jesus*.

---

<sup>1</sup> Ver também o recente “Pelos Caminhos da Mediunidade Serena”, Pereira, Yvonne do Amaral, Lachâtre, 1ª edição, novembro de 2006, São Paulo, organização Pedro Camilo.

Soube-se igualmente desta forma de seu pioneiro e intenso trabalho social, em favor principalmente das crianças e mulheres desassistidas, antecipando em muito toda a tradição de beneficência da comunidade espírita, especialmente a brasileira.

Além de suas mensagens mediúnicas, também os trabalhos de sua autoria foram alvo de elogios da parte do Codificador, deixando este, nas páginas da “Revista Espírita”, um verdadeiro legado de depoimentos que tornam-se hoje testemunho precioso para que a história faça jus ao valor dessa figura admirável da história do Espiritismo. No caso específico – CONVERSAS FAMILIARES SOBRE ESPIRITISMO – há ainda um aspecto adicional, digno de nota: trata-se do primeiro resumo de “O Livro dos Espíritos” e de “O Livro dos Médiuns”, de toda a produção bibliográfica espírita, chancelado pelo Codificador, publicamente, e ainda inserido por ele na relação de obras recomendadas para a formação de uma Biblioteca Espírita!

Neste momento em que comemoramos os 150 anos de “O Livro dos Espíritos”, do nosso grande pioneiro, Allan Kardec, olhamos para os originais de “Conversas Familiares sobre Espiritismo”, ainda sobre a mesa, e nos vêm à mente a frase célebre da Epístola de Tiago (2: 18): “Mostra-me a tua fé sem obras, que eu te demonstrarei pelas obras a minha fé”.

A Verdade é sempre maior que o tempo, porque é Eterna. O silêncio de Cristo, diante de seus algozes, ensina-nos que, diante da incompreensão, a resposta do bem é sempre a do trabalho, porque só sabe utilizar as próprias obras em sua defesa...

É com imensa satisfação, portanto, e cheios de sentimentos de gratidão e reconhecimento à Émilie Collignon – a VALOROSA MÉDIUM de “Os Quatro Evangelhos” – que trazemos a público este trabalho, para distribuição gratuita quando da realização do III Congresso Jean Baptiste Roustaing, em 16 e 17 de junho, como parte de nossa agenda de comemorações dos 150 anos da Doutrina Espírita.

Que Jesus abençoe esta nossa irmã, Émilie Collignon. Que seu Espírito nobre, que saberá certamente relevar a singeleza das homenagens que lhes são prestadas pelos habitantes deste vale de lágrimas chamado Terra, receba de nossos corações as melhores vibrações de Luz e Paz.

Junho de 2007,

JULIO DAMASCENO,  
*pelos amigos da  
Casa de Recuperação e Benefícios  
Bezerra de Menezes*

## INTRODUÇÃO

Caro amigo leitor, está em suas mãos umas das principais obras do Espiritismo nascente, uma das mais divulgadas e que, dedicada a Allan Kardec, foi previamente aprovada por ele, além de ter sido recomendada no seu “*Catálogo Racional*”, para aqueles que quisessem “*fundar uma biblioteca espírita*”, por ser ela “*Obra Complementar da Doutrina*”<sup>2</sup>.

O seu salvamento junto ao *Service de la Reproduction* da BNF – *Bibliothèque Nationale de France* -, ocorreu em 12 de maio de 1997, quando recebemos o “*Original Facture*” (PF 9709628) autorizando-nos o pagamento para a sua aquisição. Dias depois, estávamos frente a um importante trabalho de síntese doutrinária realizado pela pioneira e missionária, Sra Collignon.

No mês de abril de 1864, que vimos surgir na imprensa o seu *L'Éducation maternelle*, é lançado, em um novíssimo periódico bordelense, *La lumière*, no dia 7 (quinta-feira), sobre a direção do Sr Claude Armand Lefraise, uma nova série de artigos de Émilie Collignon, não mediúnica, mas inspiradíssima, intitulada: *Entretiens familiers sur le spiritisme* [*Conversas familiares sobre o espiritismo*]. Essa publicação se inicia no primeiro número de *La lumière* e só termina em 15 de março de 1865 (Nº 24). Como se vê, a série é longa, e é dividida em duas partes: As *conversas*, encerradas em 1º de janeiro de 1865 (Nº 19) formam a primeira parte. Em seguida, vem uma segunda parte, com uma série de profundas e significativas mensagens mediúnicas, por diversos Espíritos, até o Nº 24 do periódico.

Émilie foi de uma felicidade indizível. Didática, repassa os principais pontos doutrinários, com ênfase sobre a educação espírita, principalmente a mediúnica. É uma espécie de síntese de *O livro dos espíritos* e de *O livro dos médiuns*. O que ela escreveu, e da forma como escreveu, se observa total segurança; segurança tão necessária para o bom desempenho de missão na seara do serviço mediúnico com Jesus.

Émilie Collignon mostra todo o seu carinho e respeito pelo Codificador, lhe dedicando este trabalho:

“AO SENHOR ALLAN KARDEC

“Caro e honorável mestre.

---

<sup>2</sup> Ver “*Catálogo Racional das Obras para Fundar uma Biblioteca Espírita, Allan Kardec*” (1ª ed. FEB, Brasília, DF, 2006, 4ª parte da obra “*O Espiritismo na sua expressão mais simples e outros opúsculos de Kardec*”, p. 151). O *Catálogo* de Allan Kardec teve a sua primeira edição em março de 1869. A tradução da FEB, de Evandro Noleto Bezerra, é baseada na segunda edição de maio do mesmo ano. Ressalto que o estimado pesquisador professor Florentino Barrera, nosso confrade argentino, registra que a segunda edição citada deste *Catálogo* é do mês de agosto (ver facsimile Ediciones Vida Infinita, 1985, Buenos Aires, p. XII). Nessa obra, Kardec recomenda mais dois livros da Sra Collignon como “*Obras Diversas sobre o Espiritismo ou Complementares da Doutrina*”: 1º) *A Educação Maternal*; 2º) *Os Quatro Evangelhos*, por Roustaing. Em 1873 surgiu uma terceira edição ampliada desse *Catálogo*, por P.-G. Leymarie. Nela, as três obras já citadas da Sra Collignon são confirmadas na mesma seção, e uma quarta é incluída: *Éducation des la Famille et par l'État*, de 1873 (ver facsimile Ediciones Vida Infinita, 1987, Buenos Aires, p. 6).

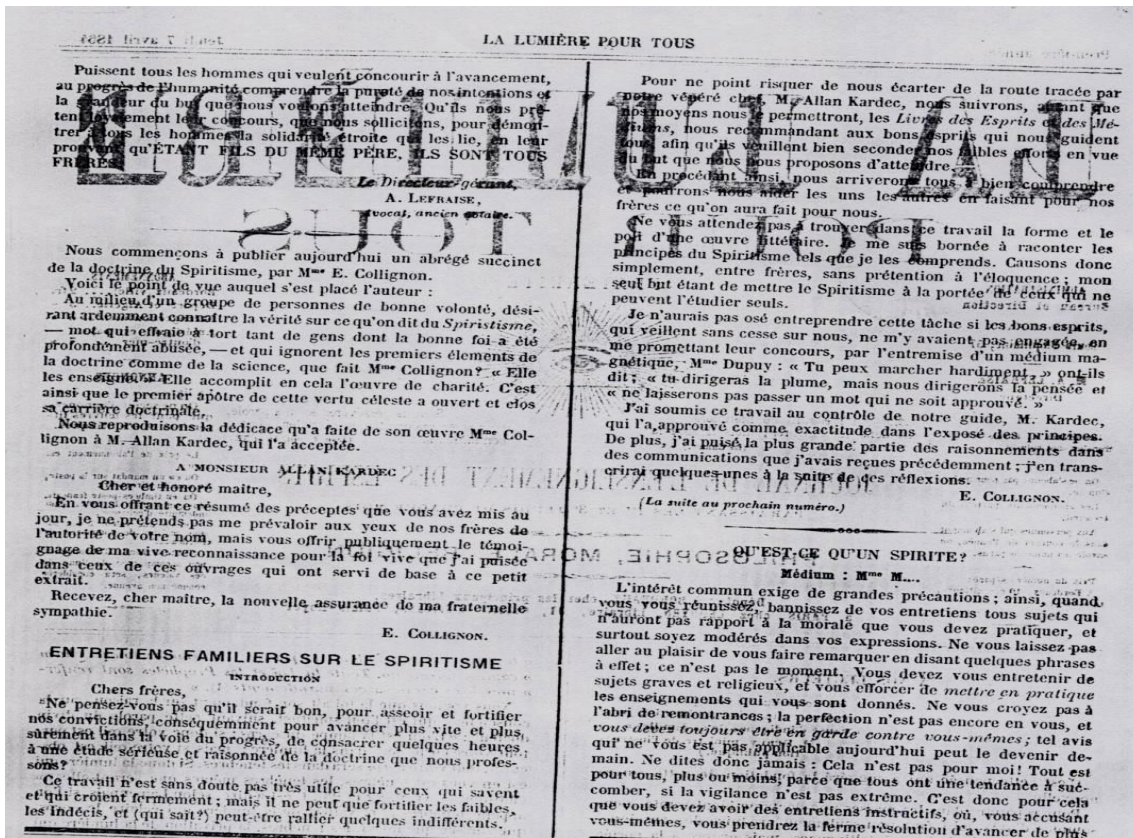


“Em lhe oferecendo este resumo dos preceitos que foram por vós estabelecidos, não pretendo me prevalecer aos olhos de nossos irmãos da autoridade de vosso nome, mas lhe conceder, publicamente, o testemunho de meu profundo reconhecimento pela fé viva que fui buscar em todas as vossas obras que me serviram de base para este pequeno opúsculo.

“Receba, caro mestre, a garantia renovada de minha fraternal simpatia”

É. Collignon

Meu Deus! Quanto reconhecimento, agradecimento e amor!



La lumière, 1º ano, No 1, 7 de abril de 1864.

O prefácio de A. Lefraisse, a Dedicatória a Allan Kardec e a Introdução de E. Collignon

# LA LUMIÈRE

## POUR TOUS

ADMINISTRATION  
Bureau et Direction

A BORDEAUX

Cours d'Aquitaine, 57

M. A. LEFRAISE

Directeur

Celui qui me suit ne marchera point dans les ténèbres, mais il aura la lumière de la vie. (La Caux.)

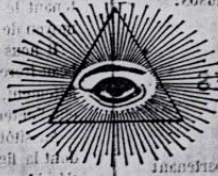
On ne s'abonne pas pour moins d'un an.

Les abonnements partent de 1er avril.

Aux personnes qui s'abonnent dans le courant de l'année, on envoie les numéros parus.

Prix du numéro séparé: A Bordeaux, 10 c.; ailleurs, 15 centimes.

FRATERNITÉ



CHARITÉ

VÉRITÉ

ABONNEMENTS

Bordeaux (ville).... 2 fr.

Départ et Algérie... 3 »

Etranger continental 5 »

Amérique et pays d'outre-mer... 7 »

ANNONCES

La ligne..... 50 c.

On ne reçoit d'annonces que pour les œuvres littéraires et scientifiques.

Le prix de l'abonnement est

reçu d'avance par mandat

ou en un mandat sur la poste,

au nom du directeur.

On en timbre-poste français,

plus un timbre de 20 c. pour

indemnité d'échange.

On en une valeur à vue sur

une maison de commerce de

Bordeaux.

Toute demande d'abonnement

non accompagnée de l'un de

ces valeurs, sera considérée

comme non avenue.

### JOURNAL DE L'ENSEIGNEMENT DES ESPRITS

PARAISANT LES 1<sup>er</sup> ET 3<sup>es</sup> JEUDIS DE CHAQUE MOIS

### PHILOSOPHIE, MORALE, RELIGION

Dépôts: à BORDEAUX, chez les principaux Libraires;  
à PARIS, chez LEDOYEN, Libraire, 31, Galerie d'Orléans, Palais-Royal

#### ENTRETIENS FAMILIERS SUR LE SPIRITISME

##### LE SPIRITISME AU POINT DE VUE RELIGIEUX

(Suite.)

Nous allons commencer, si vous le voulez bien, par le côté le plus difficile, le plus délicat de la question; celui qui soulève le plus de discussions en éveillant le plus de susceptibilités; à savoir: Si le Spiritisme est ou n'est pas une religion nouvelle? Et, d'abord, nous allons poser en principe que le Spiritisme n'est autre que la démonstration et l'application des rapports qui exis-

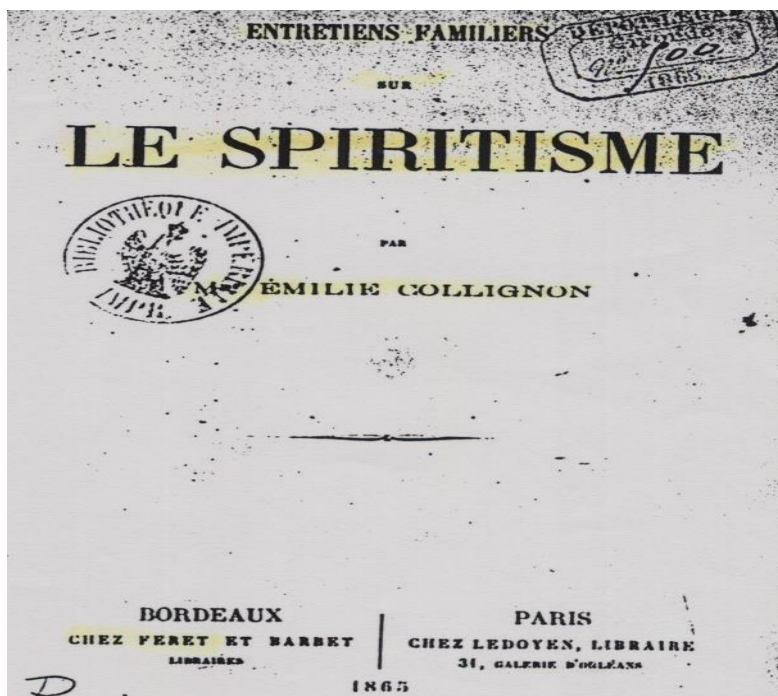
Depuis que les hommes ont créé ce mot, qui peut s'interpréter de tant de manières, ils l'ont pour ainsi dire personnifié dans chacun de ses représentants; ils en ont fait un régiment; on dit: les catholiques, les protestants, les juifs, les mahométans, comme on dirait les zouaves, les kaiserlitz, les hulans, les cipayes. Tous sont prêts à se faire la guerre, avec cette différence que les derniers combattent au nom de divers souverains, tandis que les autres, ayant le même Dieu, le même maître, devraient avoir le même drapeau! C'est donc une guerre civile qu'ils se font sans cesse, la plus impie de toutes! guerre seulement morale aujourd'hui; mais combien de sang n'a-t-elle pas fait verser, ne ferait-elle pas verser encore?... Et combien de fois, Dieu, dans sa juste colère, n'a-t-il pas dû dire à ces exterminateurs orgueilleux et

La lumière, 1<sup>o</sup> ano, No 2, 21 de abril de 1864  
1<sup>o</sup> artigo da série *Entretiens familiers sur le spiritisme*

A segunda parte, a das comunicações espíritas, é intitulada: *Dissertations médianimiques – Dictées à Madame Collignon – à l'appui du travail qui précède*. São ao todo oito (08) mensagens: 1<sup>o</sup>) *Allez et instruisez les hommes*, do Espírito Joseph; 2<sup>o</sup>) *Utilité du spiritisme*, [Espírito não identificado]; 3<sup>o</sup>) *Du culte*, do Espírito Lazare; 4<sup>o</sup>) *Origine de l'âme dans la Gênese*, do Espírito Siméon, pour Matthieu; 5<sup>o</sup>) *Où se trouve la justice du Seigneur*, do Espírito Jean, évangéliste; 6<sup>o</sup>) *L'indulgence*, do Espírito Joseph; 7<sup>o</sup>) *Le spiritisme pratique*, do Espírito Dufêtre, évêque de Nevers; e, 8<sup>o</sup>) *Chrétien de coeur*, do Espírito Joseph.

Terminada a publicação em série, todo o material foi organizado numa brochura publicada em 1865, e distribuída em Bordeaux pela Chez Feret et Bardet librairie e, em Paris pela Chez Ledoyen librairie, 31, Galerie d'Orléans.

Ressalto que não consta na brochura os nomes de todos os Espíritos comunicantes. Todo este levantamento, das identidades, fizemos nos jornais *La lumière*, *Le sauveur* e em *O evangelho segundo o espiritismo*, de Allan Kardec; este último, não cita o nome do médium, mas registra o do Espírito e a cidade de origem do ditado mediúnico. A única mensagem que não consegui identificar o nome do Espírito, foi a segunda, *Utilité du spiritisme*.



*Entretiens familiers sur le spiritisme*



*Anúncio no Sauveur des peuples<sup>3</sup>*

<sup>3</sup> 2º ano, Nº 9, domingo, 2 de abril de 1865, p 4. Segue a tradução do anúncio: NO PRELO – A aparecer em breve – Conversas familiares SOBRE O ESPIRITISMO - Seguidos de algumas noções sobre o Magnetismo espiritualista, pela Sra Émilie Collignon – Exposição concisa de toda a doutrina espírita, reunindo a teoria e indicando os meios práticos para a obtenção das comunicações com os Espíritos – 1 vol. In-8º compacto –

Allan Kardec fez questão de anunciá-la em uma saudação muito rica de elogios:

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS  
(À VENDA)  
CONVERSAS FAMILIARES SOBRE O ESPIRITISMO

Pela Sra. Émilie Collignon (de Bordeaux)

“Temos a satisfação e o dever de chamar a atenção dos nossos leitores para essa brochura, que apenas anunciamos no último número, e que inscrevemos com prazer entre os livros recomendados. É uma exposição completa, embora sumária, dos verdadeiros princípios da doutrina, em linguagem familiar, ao alcance de todos, e sob uma forma atraente. Fazer a análise desta produção seria fazer a de *O livro dos espíritos* e de *O livro dos médiuns*. Assim, não é por conter idéias novas, que recomendamos esse opúsculo, mas como um meio de propagar a doutrina” (RS, FEB, 1865, setembro, pp. 382).

Uma ressalva: além das palavras encomiásticas como, *satisfação*, *dever* e *prazer*, ainda encontramos a frase que é o alvo de nossa ressalva: *inscrevemos com prazer entre os livros recomendados* (“*nous inscrivons avec plaisir parmi les livres recommandés*”)<sup>4</sup>. Essas palavras, positivas, em relação à brochura da Sra Collignon, não deixarão de influenciar a opinião prévia dos leitores admiradores de Allan Kardec. Para evitar julgamentos precipitados, mesmos os positivos, o Codificador escreveu, quatro anos antes, o que se segue:

“Por esse lado, não preconizamos, nem criticamos obra alguma, visto não querermos, de nenhum modo, influenciar a opinião que dela se possa formar. Trazendo nossa pedra ao edifício, colocamo-nos nas fileiras. Não nos cabe ser juiz e parte e não alimentamos a ridícula pretensão de ser o único distribuidor da luz. Toca ao leitor separar o bom do mau, o verdadeiro do falso” (*O Livro dos Médiuns*, 1ª ed. Especial FEB, Brasília, DF, 2004, 1ª parte, capítulo III, item 35, p. 57)<sup>5</sup>.

Penso que esta mudança de atitude de Allan Kardec (de 1861 para 1865) se deve a grande penetração da Doutrina, em especial de suas obras básicas, pois sabia, como bom pedagogo, que o público possuía, agora, melhores condições para separar o *joio do trigo*, sem se deixar influenciar pela opinião seja lá de quem for, inclusive a dele, podendo seguir então o rastro mais seguro da *fé raciocinada*.

Bom, o certo é que ele só viu elogios no novo opúsculo da Sra Collignon, e o recomendou enfaticamente.

Outro ponto que merece atento cuidado é a frase: “*apenas anunciamos no último número*”. Todas as buscas feitas no mês de agosto de 1865 na *Revue Spirite*, não localizaram o tal *anúncio* prévio da brochura: *Conversas Familiares sobre o Espiritismo*. Salvo algum engano do próprio Kardec - o que aqui é o mais provável -; penso, também, que este

---

Pedidos a Bordeaux, no escritório do *Sauveur des Peuples*, cours d'Aquitaine, 57 – Preço: 2 fr. – via postal 2 fr. 20.

<sup>4</sup> Página 288 do original francês.

<sup>5</sup> Esta mesma frase de Kardec foi aventada por J.-B. Roustaing como contra-argumento da opinião pessoal do Kardec frente a obra *Os Quatro Evangelhos* (QE, I, 1942, p. 99 ou *Les Quatre Évangiles de J.-B. Roustaing – Réponse a ses critiques et a ses adversaires*, Edité par les élèves de J.-B. Roustaing, Bordeaux, Imprimerie de J. Durand, 1882, p. 127).

anúncio prévio pode estar vinculado à frase logo abaixo: “Assim, não é por conter idéias novas, que recomendamos esse opúsculo, mas como um meio de propagar a doutrina”.

Este tema do NOVO, no ensino espírita, foi alvo do estudo do Codificador na *Revue* no mês de agosto, que já abre com esta matéria de destaque: “*O que Ensina o Espiritismo*”. Vejamos algumas considerações de Kardec:

“[...] alguns impacientes acham a marcha do Espiritismo muito lenta para o seu gosto. Admiram-se de que ainda não tenha sondado todos os mistérios da Natureza, nem abordado todas as questões que parecem ser de sua alçada; gostariam de vê-lo diariamente ensinar coisas novas, ou enriquecer-se com alguma descoberta recente. [...] concluem que não saiu do á-bê-cê, que não entrou na verdadeira via filosófica e que se arrasta em lugares-comuns, já que prega incessantemente a humildade e a caridade.

“[...]”

“[...] Aí temos a história para nos mostrar que as ciências não seguem uma marcha ascendente contínua, ao menos ostensivamente. Os grandes movimentos que revolucionam uma idéia não se operam senão em intervalos mais ou menos distanciados. Assim, não há estagnação, mas elaboração, aplicação e frutificação daquilo que se sabe, o que é sempre progresso. Poderia o Espírito humano absorver incessantemente novas idéias? A própria terra não precisa de um tempo de repouso antes de reproduzir? Que diriam de um professor que diariamente ensinasse novas regras aos seus alunos, sem lhes dar tempo para exercitarem nas que aprenderam, de com elas se identificarem e de se aplicarem?” (RS, FEB, agosto, 1865, pp. 303-11).

Em seguida ele lista uma série de dez itens, como resultado da contribuição do Espiritismo. O que é interessante, é que eles sintetizam os dezesseis títulos da primeira parte do opúsculo em foco, da Sra Collignon. Que o leitor releia o artigo da Kardec na íntegra e verá por si mesmo a identificação dos conteúdos.

Por fim, conclui o Codificador:

“Saibamos, pois, soletrar o nosso alfabeto antes de querer ler fluentemente no grande livro da Natureza. Deus saberá bem no-lo abrir, à medida que avançarmos, mas não depende de nenhum mortal forçar sua vontade, antecipando o tempo para cada coisa. Se a árvore da ciência é muito alta para que possamos atingi-la, esperamos, para sobrevoá-la, que as asas estejam crescidas e solidamente pregadas, para não virmos a ter a sorte de Ícaro” (p. 311).

Então, vamos reprisar o final da *nota bibliográfica* de Kardec:

“Fazer a análise desta produção seria fazer a de *O livro dos espíritos* e de *O livro dos médiuns*. Assim, não é por conter idéias novas, que recomendamos esse opúsculo, mas como um meio de propagar a doutrina”.

Assim, é isso que parece que Kardec *anunciou* na *Revue* de agosto: a obra da Sra Collignon não contém *idéias novas*, é o á-bê-cê do Espiritismo, é *uma exposição completa, embora sumária, dos verdadeiros princípios da doutrina, em linguagem familiar, ao alcance de todos, e sob uma forma atraente*.

Conjuntamente, sobre o tema das *novas idéias*, Kardec podia também estar respondendo aos *impacientes*, que de alguns pontos do território francês já se agitavam no

aguardo *ansioso*<sup>6</sup> do lançamento de *Les quatre Évangiles*. Já era sabido pelo movimento espírita que a Sra Collignon estava psicografando uma grande e revolucionária obra em torno dos Evangelhos de Jesus; e tal verdade já havia chegado em Paris, aos ouvidos de Allan Kardec, principalmente dada as suas íntimas relações com o movimento de Bordeaux, em especial com o Sr Émile A. Sabò.

Logo, parece que o Codificador ressalva não ser esse opúsculo a tal obra aguardada; livro que traria *revelações novas* ao acervo já codificado da Doutrina, como um complemento. Penso assim, e acredito fortemente que Kardec não está dizendo que se essa brochura tivesse idéias novas não seria aceita. Kardec não tinha o espírito misonista. Coerentemente sabia aguardar e antever que os tempos estavam próximos, mas ainda não eram chegados. Faltavam ainda oito meses... quase uma gestação completa!

#### A) CLAUDE ARMAND LEFRAISE:

O Sr Armand Lefraise nasceu em 1823 em Angoulême, França. O *Censo* do ano de 1866 registra que ele residia em Bordeaux com a esposa Jeanne e a mãe Marie. Era advogado e foi antigo tabelião em sua cidade natal.

O Sr Lefraise era também proprietário de uma oficina gráfica, profissão que soube desempenhar com sucesso, podendo em especial favorecer, com entusiasmo, a divulgação espírita. Sua gráfica estava localizada num espaço contíguo a sua residência, na Rue Saite-Catherine, 57 (antiga cours d'Aquitaine).

Agora podemos melhor esclarecer sobre a tipografia da brochura que ora publicamos: *Entretiens Familiars sur le Spiritisme*. Na última página do original francês (p. 88) encontramos o nome da empresa do Sr Lefraise, acompanhado do endereço: Imprimerie A.-R. Chaynes, cours d'Aquitaine, 57.

Escrita fácil e temperamento aquecido pelo ideal espírita, o Sr Armand Lefraise soube com destemor defender a grande causa pela qual vivia, e para isso não mediou esforço, colocando a sua gráfica a serviço da divulgação doutrinária, através de jornais, de livros e muitas vezes como consultora de outros órgãos de divulgação espírita, onde esclarecia a melhor forma de apresentação, favorecendo o controle de custos e incentivando os benefícios.

Comunicativo, se correspondia com as principais lideranças espíritas da sua época: Allan Kardec, Alexandre Delanne, Alexandre Canu, Z.-J. Piérat, André Pezzani, E. Edoux, Sra H. Dozon, Alis d'Ambel, Jean Guérin, T. Jaubert, L. A. G. Salgues, etc.

Freqüentava diversos grupos espíritas de sua localidade e das vizinhanças, sempre aplicado e comprometido com a divulgação das revelações recebidas. Nas páginas de seus periódicos os principais médiuns da França, em especial da cidade de Bordeaux, e até do estrangeiro, viam suas comunicações e livros divulgados. Em especial três médiuns brilham em suas produções jornalísticas, em páginas e mais páginas do mais cristalino espiritismo: Émilie Collignon, Ermance Dufaux e o Sr J. C. A. R.

---

<sup>6</sup> No anúncio do lançamento dos dois primeiros tomos de *Os Quatro Evangelhos*, Auguste Bez escreveu: “Nós somos felizes ao anunciar aos nossos leitores que esta importante obra, após longo tempo IMPACIENTEMENTE aguardada pelos amigos do autor, será colocada à venda” (*L'Union*, 1º ano, Nº 41, 1º de abril, 1866, p. 120). O versal é nosso.

Quando o Espiritismo se via perseguido pela *ira do Vaticano*, a voz firme do Sr Lefraise foi uma das primeiras a se levantar, quiçá a primeira. Numa nota significativa, ele bradava da tribuna espírita: O ESPIRITISMO NO ÍNDEX. Nesta nota ele ainda publica uma bela mensagem mediúnica sobre o triste e lamentável fato, intitulada: NADA TEMAI! Nela o *Guia do Médiun* - bem como o médium, não são identificados. A mensagem ensina com propriedade:

“[...] a instrução moral e intelectual; é ela que regenerará a humanidade, é ela que deve ser o objetivo de todos os vossos esforços” (*La lumière*, No 4, 19 de maio de 1864).

Certa feita era seu colega de advocacia e de ideal espírita, J.-B. Roustaing, que se via *ameaçado pelos raios da Igreja*, enquanto exercia o apostolado espírita na sua quinta *au Tribus*, em Arbis, cantão de Targon (Gironde). O Sr Lefraise, após uma visita que se tornou histórica, a uma dessas domingueiras doutrinárias, em 04 de setembro de 1864, sabendo das *ameaças*, veio a público e entre outras revelações históricas grafou sem titubeio:

“Apesar dos sermões nos quais ele foi ameaçado pelos raios da Igreja e pelas fornalhas do inferno, o Sr Roustaing, compenetrado da santidade da doutrina que propaga, continua ainda mais a levar as populações que o cercam ao conhecimento do Evangelho pelo Espiritismo; por isso obteve um resultado bem satisfatório. A cada dia de reunião, vê-se chegar ao Tribus, de todas as regiões vizinhas, pessoas que, sentindo-se melhoradas, renovadas pela nova revelação posta à capacidade de sua inteligência, vêm dos arredores agrupar-se em torno daquele cuja palavra eloqüente e convicta lhes explica de uma maneira clara e penetrante a realidade da existência de Deus, da imortalidade da alma e de sua individualidade após a morte, pelas relações do mundo invisível dos Espíritos com o nosso” (*Le sauveur des peuples*, No 33, 11 de setembro de 1864, p. 4 e *La lumière*, 15 de setembro de 1864, p. 4).

Não devemos perder a oportunidade de conhecer seu pensamento doutrinário espírita estampado nos editoriais dos seus históricos periódicos. Vamos transcrever apenas alguns parágrafos dos primeiros editoriais de cada jornal, pois são, por ora, suficientes para o propósito desta *Introdução*:

## LE SAUVEUR DES PEUPLES

### A META E OS MEIOS

“[...]”

“Mas, se o tempo dos estudos elementares da ciência [espírita] passou, é chegada à hora de tirar as conseqüências morais que deles decorrem; é chegada a hora de içar ao mais alto a bandeira da doutrina regeneradora, de a implantar sobre um rochedo inabalável, sobre a Palavra de Deus contida no Evangelho de Jesus Cristo.

É sobre esse terreno que nós nos situamos, e é das alturas da fé evangélica, a qual nos conduziu o Espiritismo, que nós nos esforçaremos para demonstrar a verdade desta santa expressão: *nós somos todos um em Cristo*.

Nós não dissimulamos os perigos da empreitada. Sabemos que nos oferecemos aqui como ponto de mira às tramóias ocultas, subterrâneas, dos

interessados inimigos do Espiritismo; estes são, do ponto de vista do mundo, os mais perigosos. Mas sabemos também que nada está oculto para Deus que nos julga, e, confiantes em nossos bons guias, submetidos à vontade d'Aquele que governa tudo, temos a esperança de que estaremos protegidos dos efeitos perniciosos da influência deletéria de nossos inimigos ocultos.

Nossa publicação tem então por objetivo levar o maior número possível de homens para a doutrina espírita, seguros que estamos de que, compreendendo claramente a verdade contida no Evangelho, seus corações serão regenerados, que eles se tornarão homens novos em espírito e em verdade, cumprindo espontaneamente o preceito dado pelo divino Mestre: *Amai-vos uns aos outros*.

A. LEFRAISE.

*Advogado, antigo tebelião.*

(1º ano, Nº 1, segunda-feira, 1º de fevereiro de 1864, p. 1)

-----

## LA LUMIÈRE POUR TOUS

### AOS NOSSOS LEITORES

*O Imperador<sup>7</sup> não quer que uma só criança fique privada da educação por causa da pobreza de sua família.*

(Senhor DURUY<sup>8</sup>, ministro da instrução pública)

Foi este pensamento que sugeriu a fundação desta nova obra.

Para derramar sobre as massas uma doutrina benfeitora somos de opinião que é necessário não somente produzir ensinamentos ao alcance de suas inteligências, mas ainda ao alcance de todos os indivíduos pela modicidade do preço das publicações que lhes são destinadas. Tal é o objetivo que nós nos propomos atingir com o novo jornal que oferecemos ao público.

LA LUMIÈRE POUR TOUS [A luz para todos] é o título que lhe damos, porque ele explica, de uma maneira clara e precisa, o objetivo de nosso ardente desejo. Queremos que a ciência primeira, a moral universal, a *Verdade*, a *Caridade*, o *Amor fraternal*, base essencial de toda sociedade, brilhem aos olhos de todos, pequenos e grandes, homens de boa vontade cujas aspirações tendam ao progresso, à melhoria moral da humanidade.

[...]

Possam todos os homens que desejam cooperar com a evolução, com o progresso da humanidade, compreender a pureza de nossas intenções e a grandeza do objetivo que nós desejamos atingir. Que nos ajudem lealmente, quando solicitados, para demonstrar a todos os homens a estreita solidariedade que os une, provando a eles que SENDO FILHOS DO MESMO PAI, TODOS SÃO IRMÃOS.

O DIRETOR gerente,  
A. Lefraise,

---

<sup>7</sup> Louis-Napoléon Bonaparte (Napoléon III) – 1808-1873.

<sup>8</sup> Victor Duruy (1811-1894) – Ministre de l'Instruction Publique (1863-1869). Autor de inúmeras e significativas obras.



Advogado, antigo tabelião.  
(1º ano, Nº 1, quinta-feira, 7 de abril de 1864, pp. 1-2)

Quando chegou o tempo de otimizar os esforços de divulgação espírita, unificando os diversos periódicos doutrinários de Bordeaux, num único título, sua voz foi logo de aprovação e total apoio. Surgia então mais um grande farol na França: a *União Espírita Bordelesa*, na supervisão lúcida de um outro grande pioneiro, o Sr Auguste Bez.

Este apoio do Sr Lefraise se traduzia no oferecimento de sua empresa e de seus serviços tipográficos, para a execução deste belo programa de vulgarização espírita. Nesta época a sua empresa gráfica estava remozada e ampliada por novas aquisições.

Armand Lefraise era maçom dedicado. Ele compreendeu cedo que a proposta de caridade espírita, estampada no lema, “fora da caridade não há salvação”, é bem mais abrangente que o praticado na maçonaria, que se restringe ao círculo dos irmãos adeptos. Ele, então, com grandeza de espírito, escreve uma série de oito artigos esclarecendo o delicado assunto e os publica no seu *La Lumière pour tous*. Esta pesquisa resgatou estes artigos e os enviou ao pesquisador Eduardo Carvalho Monteiro que os mandou traduzir e inserir na sua última produção literária: “*MAÇONARIA E ESPIRITISMO – Encontros e Desencontros – As Relações de Allan Kardec e Léon Denis com a Maçonaria*” – Autores: Armand Lefraise e Eduardo Carvalho Monteiro – Editora Madras, 2007, São Paulo. Foi com alegria e dever doutrinário que participamos, como *revisor* e *colaborador*, neste canto dos cisnes do nosso inesquecível lidador.

-----

Por fim, a *Revue spirite* registra sua desencarnação através de uma nota significativa redigida pela *Redação*, sob a responsabilidade dos Srs P.-G. Leymarie e H. Joly:

“A Sra Dubois nos anuncia a morte corporal do Sr Claude Armand Lefraise, antigo tabelião em Angoulême; ele via as suas forças se debilitarem, tendo porém a aparência saudável, e solicitou à Sra Dubois de nos avisar quando seu Espírito abandonasse seu envelope carnal; Espírita convicto, ele acreditava que a morte, que aguardava, fosse somente um desligamento agradável.

“Em 1864-65, ele publicou em Bordeaux um jornal intitulado *Le Sauveur des Peuples*, dois anos<sup>9</sup>, repletos de bons e tocantes ensinamentos, muitos instrutivos, que todos os espíritas devem possuir.

“O Sr A. Lefraise era membro honorário da Sociedade, todos nós temos por ele a doce, a boa e fraternal recordação; nós o evocaremos quando retornarmos às nossas reuniões<sup>10</sup>.

“Obrigado a nossa digna irmã Sra Dubois” (RS, 1881, setembro, p. 445).

No mês de novembro a *Revue Spirite* estampa uma nota redigida pela viúva Sra Jeanne Lefraise:

Poesia medianímica de Armand Lefraise.

Senhores,

---

<sup>9</sup> No original se encontra, por engano, *três* anos.

<sup>10</sup> Este era o período de férias da Sociedade estipulado por Allan Kardec.

“Eu encaminho à Direção da *Revue spirite*, uma comunicação do Sr Armand Lefraise, membro honorário da *Société scientifique d'études psychologiques* de Paris, com a solicitação de inseri-la no próximo Nº da *Revue spirite*; ele a obteve antes de sua morte.

“O Sr Lefraise era um dos mais fervorosos adeptos do Espiritismo e um dos seus mais zelosos propagandistas; doente por longos anos, ele se preparava diariamente para essa terrível passagem, e eu posso afirmar que ele suportou as terríveis provas finais com uma fé e confiança que não podem ser jamais desmentidas.

“Ele disse para mim, sua esposa, que ele amava de todo o coração, buscando aumentar minha coragem, que nos reveremos lá no alto.

“Agradeceríamos que fosse transmitida esta triste notícia aos grupos espíritas de Paris, exprimindo meus sentimentos a cada um de seus membros, dos quais não conheço os endereços particulares.

“Não esqueça, eu vos solicito, Senhores, de o recomendar nas preces de todos os seus irmãos e irmãs em crença, aos quais eu recomendo também sua infeliz viúva.

Sra Lefraise

-----

PERGUNTAS: O que a alma se torna após a morte? Ela vai para a dissipação no nada? Ela é imortal? Os mortos entram em comunicação com os vivos? E você, meu espírito familiar, viveu na terra?

Quem é você?

*Resposta do espírito*<sup>11</sup>

Há muitas moradas na casa de meu Pai.  
(O Cristo<sup>12</sup>)

Quem eu sou!... junto a vós venho pôr a minha tenda.  
Quero-a e sobre o tripé que a vossa mão se estenda.  
Os mortos como vós os retiro do inferno,  
E, calando o meu nome, eu vos dou amor terno.

Do sangue contas dou nas veias sem engano?  
Conheço do passado os vastos horizontes...  
Já fui grande senhor, escravo e soberano,  
Eu penso!... e o coração dos brasões tem as fontes.

Verdade, eu sei, sem desalento,  
Que a exalar o último fim  
Vi que era morto e com o talento  
De renascer menos ruim,  
Já que estou preso a este planeta  
Curvo a cabeça qual calceta;

---

<sup>11</sup> Tradução gentilmente feita pelo querido confrade e amigo Inaldo Lacerda Lima, grande defensor e propagador do binômio Kardec-Roustaing.

<sup>12</sup> João 14: 2.

Aí pregava o amor e a fé  
Sempre a portar firme a bandeira  
Daquele que de Deus, na leira,  
Os vendilhões do Templo enxotava-os de pé!

Eles já não são mais deuses de eterna liça,  
Para vingança e crueldade!  
De Deus quando eu mostrava a infalível justiça,  
Nunca exigi de alguém bondade.

Dizia-lhes: “Morrer... é devolver ao pó  
“O corpo, o servidor às vezes revoltado;  
“É ao Espírito abrir ampla estrada sem nó  
“De novo reviver pra ser eternizado!”

Eu lhes dizia: “Amai! tal é a lei suprema,  
“Amai a Deus que bendirá  
“De vós, irmãos, e como lema,  
“Vossa alma amando crescerá!”

“Fazei da lágrima uma esmola  
“Se nada tendes para dar.  
“Perdoai; pois, que Deus consola  
“A quem aprende a perdoar.”

“Orai! Eu amo muito a íntima oração  
“De secreto e suave louvor,  
“Só no arrependimento e quando a alma em ação  
“Se abisma ao vosso olhar co’ invisível amor”

“Orai! pela ventura é a prece mais fecunda,  
“Pela virtude orai, pelo trabalho arisco  
“De abandonar do mundo a vaidade que o inunda;  
“Segui o bom pastor que vos conduz ao aprisco.”

“Orai!... ante um fracasso em efêmera glória,  
“Vede os tronos daqui, são enganos atrozés.  
“O trono é a santa cruz, a divinal vitória  
“Do Cristo salvador a orar por seus algozes.”

Porém, tempo depois, eis abate-se o templo,  
E o ateísmo a bramir do Cristo esquece o exemplo,  
E em desespero a multidão,  
Para os mortos o céu amor prodigaliza  
Sem entenderem Deus os visa,  
De olhos sem ver a evolução.

.....

Aqui se acaba esta comunicação que não devia estar ainda terminada.  
(*Revue spirite*, 1881, novembro, pp. 529-30).

Em dezembro, o Sr Lefraise volta às páginas da *Revue spirite* de forma singular. Acompanhemos:

### UM ERRO INVOLUNTÁRIO

-----

“A senhora Lefraise encontrou após a morte de seu marido uma poesia que o Sr Lefraise tinha literalmente copiado do *Fables et poésies de l'esprit frappeur*, volume publicado em 1862, em Carcassonne, e republicado em 1878 com modificações que o Espírito achou conveniente realizar. Esta senhora acreditou que o Sr Armand Lefraise era o autor desta poesia que enviou ao comitê de leitura da revista, com as seguintes observações: “aqui se interrompe esta comunicação que não está ainda terminada”. O sentimento que levou esta senhora a proceder assim é bem natural.

“O comitê realizando a leitura dessa poesia afirmou: estes pensamentos não são novos, nós já os vimos interpretados por outro autor, mas, quem será? Esta idéia impressionou um dos membros que procurou e encontrou, pois as poesias estavam impressas e o autor Sr Jaubert<sup>13</sup>, vice-presidente do tribunal de Carcassonne, foi quem as havia obtido mediunicamente, e o Sra Lefraise não poderia adivinhar.

“No volume “*Quelques pensées de l'esprit frappeur*”<sup>14</sup>, edição de 1878, páginas de 1 a 4, se encontra esta poesia tão marcante intitulada: “*Resposta do Espírito*”, que o Sr Lefraise, um dos admiradores da faculdade mediúnica do Sr. Jaubert copiou, para rememorar, e não para se apropriar.

“O Sr Lefraise era a própria sinceridade e uns dos homens mais estimados entre os espíritas. (RS, 1881, dezembro, pp. 579-80).

### B) ÉMILIE COLLIGNON:

Émilie Aimée Charlotte Bréard nasceu em Antwerp (Anvers), Bélgica, no ano de 1820. Era filha de Paul Damase Bréard, que vivia de rendas (*rentier*) e Aimée Marie Célestine Hubert, dita Descours.

A Sra Émilie Collignon era casada com o artista pintor Sr Charles Paul Collignon, nascido em Paris 1808, e que também vivia de rendas (*rentier*). O casamento deu-se em Paris, onde residiam, em 03 de janeiro de 1843.

A Vida abençoou os recém casados com uma filhinha: Jeanne Aimée Berthe, nascida em 15 de dezembro de 1843, na Rue Grange aux Belles, 19, Paris.

Depois o casal foi morar na commune de Caudéran, nas vizinhanças de Bordeaux, na Rue Terre Nègre, no bairro de Saubos.

Anos mais tarde, a Sra Collignon teve uma outra filha, Paule Victorine Aimée Collignon, nascida em 11 de outubro de 1854. Paule Victorine cumpriu uma pequena estada na Terra, pois, com menos de um ano de idade, em 25 de setembro de 1855, desencarnou, sensibilizando pela dor os seus pais.

---

<sup>13</sup> Vide nota Nº 96.

<sup>14</sup> Nós recomendamos especialmente a leitura do volume do Sr Jaubert: “*Quelques pensées de l'esprit frappeur*”, obra medianímica, tanto na forma quanto no fundo [Nota do original].

A *roda da vida*, no entanto, num fluxo permanente, não pára. *É Deus que dá e retoma a vida* (I Sm 2: 6), e faz tudo *nascer, morrer e renascer, continuamente* (RS, FEB, 1861, novembro. p. 478). Assim, numa onda permanente, a dor da perda é substituída pela alegria da vida, e tudo prossegue obedecendo à ordem imperativa do comando evolutivo. Então, em 02 de outubro de 1856, nasce mais um filho para o casal, que receberia o nome de Henri Paul François Marie Collignon, e que daria aos seus pais e à França o maior exemplo de dedicação, serviço e amor. Henri, advogado, se immortalizou na política como prefeito dos mais queridos, em diversos departamentos, e como herói na guerra de 1914, quando num gesto de coragem entregou a sua vida em defesa da pátria.

Agora vamos focar o ano de 1861, quando a Sra Collignon conheceu pessoalmente os missionários Allan Kardec e Jean Baptiste St. Omer Roustaing. Ambos foram visitá-la no intuito de observar um grande quadro mediúnico desenhado, representando um dos aspectos dos mundos que povoam o espaço. Neste tempo, a Sra Émilie Collignon e sua família não moravam mais em Caudéran. Vamos encontrá-la, na nova residência, em Bordeaux, na rue Sauce, 12. Esta rua, em 1920, passou a se chamar Henri Collignon em justa homenagem a seu grande filho, herói francês.

Inicialmente, foi visitá-la Allan Kardec, aproveitando sua estada em Bordeaux, a convite do Sr Émile Sabò, para a inauguração em 14 de outubro da *Sociedade Espírita*. Foi então o Codificador convidado para observar as faculdades medianímicas da jovem Jeanne Collignon, a primeira filha de Émilie, que completaria dezenove anos em dezembro. Kardec informa que à sua faculdade de escrever se somava a de desenhista e música. Ela recebeu um trecho de música do Espírito Mozart, que não desautorizaria este grande compositor. Surpreendente foi, também, a exatidão na assinatura da entidade, em tudo por tudo, semelhante ao seu autógrafo quando encarnado.

Mas, ainda segundo Kardec, o seu trabalho mais notável é, sem dúvida nenhuma, o desenho (*le dessin*):

“Trata-se de um quadro planetário (*un tableau planétaire*) de quatro metros quadrados de superfície, de um efeito tão original e tão singular que nos seria impossível dar uma idéia pela sua descrição” (RS, 1861, FEB, novembro, p. 475).

O trabalho é desenhado em lápis negro, em pastel de diversas cores e em esfuminho. Este trabalho tinha sido iniciado há alguns meses, e ainda não estava encerrado, quando da visita do Prof Rivail, e havia sido destinado, pelo Espírito artista, à *Sociedade Espírita de Paris*. Kardec viu a médium em plena execução e ficou maravilhado com a rapidez e o nível de precisão:

“Inicialmente, e à guisa de treino, o Espírito a fez traçar, com a mão levantada e de um jacto, círculos e espirais de cerca de um metro de diâmetro e de tal regularidade, que se encontrou o centro geométrico perfeitamente exato” (p. 475).

Evidentemente, sem o trabalho pronto, Kardec não pode aquilatar o quadro, quanto ao valor científico, e como ele mesmo disse, admitindo seja uma fantasia, não deixa de ser, como execução mediúnica, um trabalho notável.

A tela, antes de ser encaminhada a Paris, seria fotografada e reproduzida, em várias cópias, por sugestão do próprio autor espiritual, para que da obra muitos tivessem o

conhecimento. Outro fato que o visitante fez questão de ressaltar é que o pai da médium era pintor:

“Como artista achava que o Espírito obrava contrariamente às regras da arte e pretendia dar conselhos. Por isso o Espírito o proibiu de assistir o trabalho, a fim de que a médium não lhe sofresse a influência” (p. 476).

Mas, com todo respeito ao artista pintor espiritual e seu quadro, e ao músico celeste e seu trecho musical mediúnico, penso que é na concordância com o ensinamento de *O livro dos espíritos* que encontraremos a grande virtude deste médium bordelense, como tão bem observa Kardec:

“Até pouco tempo a médium não havia lido nossas obras. O Espírito lhe ditou, para nos ser entregue à nossa chegada, que ainda não estava anunciada, um pequeno tratado de Espiritismo, em todos os pontos conforme *O livro dos espíritos*” (p. 476).

Agora foi a vez de J.-B. Roustaing conhecê-la; e logo após ao inesquecível encontro pessoal dele com o missionário de Paris, Allan Kardec, em 14 e 15 de outubro, onde com toda a satisfação apertaram as mãos, na Sociedade de Bordeaux. Jean Baptiste Roustaing também foi visitar a Sra Collignon impulsionado pelo mesmo motivo de Allan Kardec:

“Em Dezembro de 1861, foi-me sugerido ir à casa de Mme. Collignon, que eu não tinha a satisfação de conhecer e a quem devia ser apresentado, para apreciar um grande quadro (*un grand tableau*) mediunicamente desenhado (*dessiné*), representando um aspecto dos mundos que povoam o espaço” (QE, I, 64).

Evidentemente que estamos diante do mesmo quadro (*tableau*), mediunicamente desenhado (*médianimiquement dessiné*), visto em execução por Kardec e doado espiritualmente, depois de pronto, à Sociedade de Paris. Dada as dimensões do movimento espiritual da época, em Bordeaux, fica difícil se pensar numa obra com as mesmas características: grande quadro (*grand tableau*) mediúnico, de 4 m<sup>2</sup>, retratando o aspecto planetário (*planétaire*) ou, como diz Roustaing, representando um aspecto dos mundos que povoam o espaço (*qui figurait un aspect des mondes répandus dans l'espace*). Além da identidade do sexo do médium, da sua idade e da profissão de artista pintor para o seu pai. A semelhança nos textos, acrescida desses últimos dados, nos leva à identificação que Kardec e Roustaing viram o mesmo *quadro planetário* e na mesma época, nos fins de 1861.

Assim temos que o Codificador do Espiritismo esteve na casa de Émilie Collignon aonde, alguns dias mais tarde, os Evangelistas, assistidos pelos Apóstolos, em *espírito e verdade*, anunciariam mediunicamente a obra *Les quatre evangiles*. Precisando a época, a visita de Kardec ocorreu cerca de sessenta (60) dias antes do anúncio da maior obra mediúnica sobre os ensinamentos de Jesus Cristo.

Voltemos ao quadro mediúnico. Charles Collignon era pintor e espírita e, por certo, queria expor este quadro em seu atelier, para observar melhor a técnica espiritual empregada pois, naquela época, tudo isto, em especial a *psicopictografia*, era muito novo. Outro fato: dada a sua influência no meio das artes, o quadro ali exposto seria melhor e mais facilmente observado, principalmente por especialistas no assunto que deviam ser convidados por Charles Collignon. E mais: seu atelier serviu para a execução do quadro

como espaço apropriado e com a devida disponibilidade dos materiais e instrumentos necessários.

O pai da médium, Sr Charles Collignon, sendo pintor profissional, com larga experiência – com exposições em Paris e Bordeaux -, quis inclusive opinar na execução da técnica mediúcnica, o que não foi consentido pelo autor espiritual. O quadro foi executado com cuidado e levou alguns meses para ser pintado.

O *Censo* de 1866, na cidade de Bordeaux, também contemplou a Rue Sauce e a família dos Collignon. Nele, temos algumas particularidades até então desconhecidas. Na Gironde era comum dar ao lado do nome legítimo, o oposto, *em família*. Por isso Roustaing era conhecido por *St Omer* e Elizabeth, sua esposa, por *Jenny*. Os Collignon, Charles e Émilie eram conhecidos, na intimidade, segundo o Censo, pelos prenomes: *Jean*, de 58 anos e *rentier* (capitalista) e *Jeanne*, da família Bréard, 47 anos, sem *profissão*. Como este prenome só era escolhido muito tempo depois do nascimento, o menino Henri ainda não tinha o seu, mas aparece, com o nome do registro de nascimento, tendo, então, 10 anos (nasceu em 2 de outubro de 1856). A jovem Jeanne, agora com 22 anos, foi registrada com o nome íntimo e carinhoso de *Jeannine*.

O imóvel era grande, e as respostas ao Censo foram dadas em uma das entradas da residência, do No 7 ao No 12, da Rue Sauce, pois ao que parece, ele estendia-se até ao atelier do Sr Charles, na esquina com a Rue Laroche, por uma comunicação interna entre os prédios.

Voltemos à filha dos Collignon, Jeannine (na intimidade do lar). Ela era médium mecânica – a mediunidade é hereditária, pois Émilie também é médium mecânica -, que escrevia tratados, compunha e pintava. Mas a faculdade psicopictórica era a que mais sobressaía, segundo Kardec:

“O trabalho mais notável é, sem contradita, o desenho” (RS, FEB, 1861, novembro, p. 475).

Agora há um fato que precisa bem a época em que a Sra Émilie Collignon conheceu as obras de Allan Kardec. O Codificador, falando sobre a filha dela, Jeannine, registra:

“Até pouco tempo a médium não havia lido nossas obras. O Espírito lhe ditou, para nos ser entregue à nossa chegada, que ainda não estava anunciada, um pequeno tratado de Espiritismo, em todos os pontos conforme *O livro dos espíritos*” (p. 476).

O anúncio da visita de Kardec à cidade de Bordeaux foi feito na *Revue spirite* de setembro de 1861. Logo, o tratado foi psicografado antes do mês de setembro. Com o anúncio da chegada próxima de Kardec, tudo divulgado pelos *quatro ventos*, seu nome se popularizou mais em Bordeaux, bem como suas obras, que puderam ser conhecidas pelas médiuns, Jeannine e Émilie Collignon.

Quanto à informação de Émilie, na carta para um abade de Bordeaux, e publicada por Kardec na *Revue spirite*, de que em sua família, em janeiro de 1862, apenas ela e seu marido Charles seguiam a *via espírita*, não é argumento para se opor aos dados sobre a mediunidade de sua filha Jeannine. Ela era jovem, solteira nesta época, como informa o Censo; logo, casadoira, dependente da família, que a prudência de seus pais achou por bem resguardar. Coisa aceitável para época, para famílias ricas e, inclusive, de tradição

protestante por parte do Sr Charles. Tempo depois a jovem veio estabelecer casamento com o Sr Maillères.

O casamento de Jeanne-Maillères ocorreu entre 1866 e 1872. Não temos ainda a certidão de casamento, porém, esta pesquisa já conseguiu levantar muitos dados relevantes: No Censo de 1866 temos a informação, já registrada, de ser Jeanne solteira, mas no Censo de 1872 ela aparece como *separada* (séparée) do Sr Maillères. Bem mais à frente, em 1891, após a desencarnação do Sr Charles Collignon, quando foi feita a transferência de seus bens aos seus herdeiros, através da Declaração de Sucessão (Déclaration des Mutations por Décès), Jeanne já se encontrava (divorcée) do Sr Georges Maillères, e continuava a morar na residência de seus pais, na Rue Sauce, 12.

Qual o motivo da separação do casal? Possivelmente ficará para sempre o sigilo na história! Mas me dou o direito de aventar a hipótese, bem plausível para a época, de que o principal motivo, entre outros, esteja no fato de Jeanne ser médium e espírita. Daí todo o cuidado em não se revelar o nome de jovens casadoiras, naqueles tempos ...

E isto é bem certo, pois Kardec não revelou o seu nome na *Revue spirite*, nem Roustaing em *Les quatre evangiles*.

Kardec era bem consciencioso quando da publicidade de nomes de espíritas e simpatizantes em sua época:

“A reserva que temos na publicação de nomes é motivada por razões de conveniência, pelo que não temos, até o momento, senão que nos felicitar” (RS, FEB, 1860, janeiro, p. 53).

Mais à frente, ele explica o porquê:

“Uma coisa é ter coragem de externar a opinião numa conversa e outra é entregar o nome à publicidade [...] Estes escrúpulos, que absolutamente não implicam falta de coragem, devem ser respeitados” (RS, FEB, 1860, fevereiro, p. 62).

E, por fim, comenta a principal razão que é, também, o principal motivo sobre o silêncio do nome de Jeannine:

“Quando fatos extraordinários se passam em qualquer parte, compreende-se que seria pouco agradável, para as pessoas que lhes são objeto, serem transformadas em ponto de mira da curiosidade pública e molestada pelos importunos. Sem dúvida, devemos ser gratos aos que se põem acima dos preconceitos, mas também não devemos censurar com tanta leviandade os que talvez tenham motivos legítimos para não se fazerem notados” (pp. 62-3).

*Não há nada oculto que não venha a ser descoberto.* Jeannine Collignon é mais uma prova.

A partir desta visita de Roustaing, a Sra Émilie Collignon e seu esposo se engajam de vez no movimento espírita bordelense e, em âmbito nacional, marcam presença na *Revue spirite* de Paris e na *La vérité* da cidade de Lyon. Émilie vai se transformar na maior personalidade mediúmica de Bordeaux, aquela que recebeu a maior divulgação na imprensa espírita, com *um cem número* de mensagens, poesias, novelas, artigos, cartas e livros.



Imediatamente após estas duas célebres visitas, vamos encontrar o casal Émilie-Charles freqüentando e participando das sessões espíritas do prestigiado *Grupo Sabò*. O local do *Grupo* facilitava muito, pois a rue Barennes está localizada nas proximidades da antiga rue Sauce.

Em seguida, Émilie Collignon funda um Centro Espírita: o *Grupo Sra Collignon*, o que era comum na época. Aliás, é o próprio Kardec quem recomendava estes grupos particulares, evitando o inchaço inconveniente para a prática mediúnica e pelo perigo de endeusamento pelo poder<sup>15</sup>.

Dada a sua excelente mediunidade, do tipo mecânica, e sua grande fluência no escrever, seu *Grupo* se popularizou rapidamente, o que fez o Sr Alexandre Delanne observar, quando de sua visita à cidade de Bordeaux:

Eu visitara os grupos espíritas dessa cidade; nela já havia um número bastante grande. Os mais freqüentados eram os da Sra Collignon, da Srta O'kine, dos Srs Roustaing, Krell, Alexandre, etc. Existiam dois órgãos espíritas: *Le Sauveur des peuples* e *L'Union spirite bordelaise* (*Le spiritisme – organe de l'union spirite française* (Gerente: Gabriel Delanne), No. 23, 1º quinzena de fevereiro de 1884, p. 6. Redação e administração: Passage Choiseul, 39 & 41, Paris).

Não é surpreendente, nem coincidência, que, nesta lista de grupos espíritas de Bordeaux, o Grupo da Sra Collignon a esteja encabeçando. Dada à divulgação de sua produção mediúnica, nos diversos periódicos espíritas da cidade, e da veracidade comprovada de vários fenômenos mediúnicos obtidos por seu intermédio, o destaque ao seu *Grupo* é mais que natural.

A Sra Émilie Collignon estudava a doutrina e as diversas comunicações mediúnicas, recebidas por ela ou não, as meditava, analisava a linguagem, a forma e o fundo, comparava com outras mensagens de seus *bons guias particulares* e, em especial, consultava o seu mentor, o Espírito Joseph, sempre que achava necessário. Ressalto que Joseph fazia parte do *corpo* do Espírito de Verdade, responsável primeiro por toda a Terceira Revelação.

Estudante sistemática da *Revue spirite* mantinha-se atenta a todas as novidades do movimento nascente, principalmente, no campo da mediunidade, prestando-se a colaborar com informações pertinentes e assegurando o seu valioso testemunho como membro honorário da Sociedade de Paris. Um exemplo podemos tirar do artigo *La psychométrie du professeur Denton* [A psicometria do professor Denton] estampado neste periódico (RS, 17º ano, 1874, fevereiro, pp. 55-8). Émilie, vendo a novidade da palavra *psicometria* e de seu estudo, presta o seu testemunho em carta endereçada à Redação da revista (Administração P.-G. Leymarie), datada de Bordeaux em 23 de fevereiro do ano em curso, informando que cerca de quatorze a quinze anos passados<sup>16</sup> ela foi informada sobre este tipo de mediunidade. O fato se deu assim: uma senhora, Mme D\*\*\*, de plena confiança, esposa de um de seus amigos, narrou-lhe o fato de um serralheiro de cerca de 60 anos, analfabeto, que sabia “ler”, como num “quadro vivo”, o conteúdo de uma determinada página de um livro, marcada ao acaso por uma pessoa, que também não sabia o que ali se encontrava narrado. O caso era mais surpreendente ainda, pois o serralheiro contava que

---

<sup>15</sup> Ver o artigo completo de Allan kardec: *Organização do espiritismo* (RS, 1861, dezembro, pp. 528-47).

<sup>16</sup> Aqui é Émilie Collignon quem informa que seu interesse por assuntos espíritas já existia por volta dos anos de 1860-61.

sua filha (a mediunidade é hereditária) podia identificar numa planta, tocando-a, seu país de origem e suas características individuais. Dado o interesse do tema, a Redação transcreveu a carta na íntegra acrescentando outros fatos que corroboram seu conteúdo (RS, 1874, abril, pp. 109-15).

Émilie também colaborou com instrutivas mensagens mediúnicas que foram estampadas por Allan Kardec na *Revue spirite: O espiritismo filosófico*, de Bernardin (RS, FEB, 1862, junho, 263-266), *Meu Testamento* (poesia, RS, FEB, novembro, pp. 462-5) e, - *É permitido evocar os mortos, já que Moisés o proibiu?* - de Simeão, por Mathieu (RS, FEB, 1863, outubro, pp. 425-7).

Émilie Collignon contribuiu muito mais. 1864 foi um ano de graças abundantes para o Espiritismo e para a médium de *Les quatre evangiles*. No mesmo mês de abril, em que surgiu o seu *L'Éducation maternelle*, é lançado em Bordeaux, num outro periódico bordelense, *La lumière*, no dia 7 (quinta-feira), também sobre a direção do Sr Armand Lefraise, como já registramos, uma nova série de artigos de Émilie Collignon, não mediúnica, intitulada: *Entretiens familiers sur le spiritisme*.

Os livros da senhora Collignon eram um sucesso editorial. A *Revue spirite*, através de seu Secretário Gerente senhor Leymarie, chega a transcrever passagens remarcáveis de uma carta, datada da cidade X..., 2 de abril de 1872, de uma leitora e admiradora, a professora Sra E. Em certo parágrafo ela informa:

“Eu digo sem orgulho, que tudo que tenho conseguido é proveniente de Deus e da ajuda dos bons Espíritos – que eu imploro – bem como dos excelentes livros de Allan Kardec, dos Srs. Marc Baptiste e Babin, e da *Educação maternal* da senhora Collignon<sup>17</sup>, de Bordeaux. Eu jamais hesitei em ler as passagens mais importantes desses livros aos meus filhos, em lhes explicando o que poderia estar um pouco obscuro para uma jovem inteligência” (RS, 1872, maio, pp. 143-5).

Em 1864, outro fato relevante aconteceu na vida de nossa médium. No dia 17 de julho, às duas horas da manhã, desencarnou a mãe de Émilie Collignon, a Sra Aimée Marie Célestine Hubert dit Descours, viúva Bréard, aos 67 anos de idade, em sua residência, na rue Sauce,12.

O que é digno de nota é que a Sociedade de Paris, em 2 de novembro de 1864, visando oferecer uma piedosa lembrança a seus *falecidos* colegas e irmãos espíritas, numa reunião espiritual específica, recebe várias mensagens dos mortos-vivos e, entre elas, através da médium Sra Delanne, temos a benção das palavras mediúnicas da Sra Aimée Bréard, *de Bordeaux*, a querida mãezinha de Émilie, *membro honorário da Sociedade* (RS, FEB, dezembro, 1864, p. 492).

Continuemos aprofundando a vida da grande pioneira do Espiritismo. Agora vamos focar a pedagogia em Émilie Collignon.

O segundo testamento de Roustaing, de 25 de novembro de 1878, em certa altura anuncia:

“Dôo e lego à senhora Collignon, na sua qualidade de presidente da obra de aprendizes, obra das lojas maçônicas, a quantia de três mil francos, encarregando-a de fazer a aplicação na obra de conformidade com as regras e estatutos que a regem”.

---

<sup>17</sup> Estamos em 1872, cerca de oito (8) anos após o lançamento da brochura *Educação Maternal*.

O que significa presidente da obra de aprendizes? A *Revue spirite* esclarece sobejamente os fatos que podem ser revividos em detalhes.

Em princípios de 1870, Émilie Collignon projetou criar uma escola para meninas pobres e cursos para mulheres adultas. Os recursos para a consecução deste empreendimento era sua intenção tirá-los da venda de uma obra, escrita por ela para tal fim: *Esquisses contemporaines* (Marennes, Librairie Florentin-Blanchard<sup>18</sup>, 1870). *Esquisses* significa *esboços*; logo temos: *Esboços contemporâneos*. Esta brochura nos foi enviada, de Bordeaux, em abril de 1997, pelo então Primeiro Ministro Francês M. Alain Juppé.

É uma obra muito interessante que merece ser meditada. Depois da apresentação de Émilie Collignon, segue um belo poema intitulado *Dieu (Deus)*, que a *Revue spirite* transcreve em suas páginas (RS, 1871, p. 63). Em seguida, temos artigos e poemas com temas mais que atuais: *Às damas de Bordeaux, Dizer e fazer são duas coisas diferentes (Dire et faire sont deux – [fábula])*, *Emancipação das mulheres*, *A filha da necessidade* [poema] e *O luxo*. Por fim, uma peça de teatro, *Tudo que brilha não é ouro (Tout ce qui reluit – n'est pas or)*. A brochura tem, ao todo, 33 páginas.

Esta brochura é uma alerta às *damas da sociedade*, quanto a seu importante papel na formação da família. Diz mais, o objetivo principal da mulher é *a educação de vossos filhos*.

A *Revue spirite* anuncia este livro e seus propósitos, em 1870 (p. 295) e 1871 (pp. 13 e 63). Ele é formado por combinações (*mélanges*) de *prosas* e *poesias* e é devido à pena simpática de Sra E. Collignon e, *o produto de sua venda, está destinado a servir a uma obra essencialmente filantrópica e moralista*:

“A fundação em Bordeaux de uma escola primária e profissional gratuita para as meninas. O preço da obra é de 1 franco” (*Revue spirite*, 1870, p. 295).

Este projeto tinha, evidentemente, o apoio da Espiritualidade, em especial do Espírito Jean, dito *Bahutier*<sup>19</sup>, que cuidava da obra de forma imediata, inclusive ditando mensagem de apoio e esclarecimento.

Em 1873 Émilie Collignon faz mais um grande esforço para a concretização de seu projeto de instalação da escola, ao publicar o seu quinto livro, se incluirmos *Les quatre évangiles*, a brochura intitulada: *L'éducation dans la famille et par l'état - chef de la famille nationale* [A educação na família e pelo estado – chefe da família nacional]. Esta obra nos foi enviada pela *Bibliothèque Nationale de France-BNF* e traz as seguintes informações: Em Marennes, estava posta a venda pela Librairie Florentin-Blanchard e, em Bordeaux, pela Librairie de Feret & Fils, 15, cours de L'intendance.

Inicialmente, temos uma apresentação da Sra Collignon que aborda os objetivos que se pretende alcançar com esta publicação para a instalação de sua *Ouvroir-école*<sup>20</sup>; depois, segue uma carta de apresentação do trabalho, feita por Jean Macé, o fundador da *Liga de ensino*. Émilie Collignon diz que Jean Macé será o *passaporte* para a divulgação de sua *Ouvroir-école* e, também, de sua brochura: uma espécie de *aval*.

<sup>18</sup> O Sr *Florentin-Blanchard* era espírita em Marennes. Amigo de Kardec, bem como defensor dos princípios doutrinários contra o ataque de intransigentes. Ver artigo de Kardec intitulado *O espiritismo em Rochefort – episódio de viagem do Sr Allan Kardec* (RS, FEB, 1862, dezembro, pp. 499-509).

<sup>19</sup> *Bahutier*: produtor de cofre, baú, malas, armários rústicos, etc. Ver 2º Apêndice do opúsculo “A Educação Maternal”.

<sup>20</sup> Uma tradução seria: *instituto de beneficência escolar, escola operária ou escola profissionalizante*.

Ao todo são 44 páginas que tratam de assunto ultramoderno: *A educação na família, A família na escola primária, A instrução obrigatória, Deveres do Estado – chefe da família nacional, A gratuidade da instrução, A ciência na escola: a religião na igreja, O que será no futuro* [a educação], *Objecções, O que é: o que será* [a educação], *A questão do dinheiro, A nação é a família coletiva, Aos egoístas, O que o homem pode, o que ele deve* [em educação]. Estes temas mostram o quanto Émilie Collignon era antenada com a vanguarda.

A *Revue spirite* saudou o lançamento de mais um grande trabalho da generosa médium do Evangelho redivivo e reforçou a importância da escola que visava em seu curriculum à preparação para a profissionalização (*Revue spirite*, 1873, p. 164).

A guerra com a Prússia, porém, causou muitos danos na economia francesa, deixando o bolso das pessoas desprovidos de recursos para ajudarem no projeto de Émilie Collignon. Aliás, o Espírito Jean, *dito* Bahutier, já a havia alertado, que *nem sempre ela seria bem sucedida* neste projeto-escola. Assim, mais uma vez, ela, numa outra carta, alcança as páginas da *Revue spirite*, onde lamenta não ter podido ainda concretizar o seu projeto da *Ouvroir-école*, mas que se encontrava engajada, à frente da direção de uma escola e creche, em Bordeaux, mantidas por uma *instituição independente* (RS, 1876, abril, pp. 127-8). Ela presidia, então, instituição com vinte crianças, mantida pela maçonaria e, por isso, Roustaing, em seu segundo testamento determina: *Dôo e lego à senhora Collignon, na sua qualidade de presidente da obra de aprendizes, obra das lojas maçônicas*.

Sua vida de caridade sensibilizou os espíritas sinceros de seu tempo. P.-G. Leymarie, inclusive, em sua visita a Bordeaux, em 1881, não deixou de ir visitá-la:

“Antes de deixar Bordeaux vimos alguns dos nossos amigos espíritas... nós pudemos conversar com Sra Collignon” (RS, 1881, setembro, p. 442).

É desta grande pioneira espírita e educadora que J. Malgras escreve:

“Senhora Collignon (Émilie), mãe de um dos nossos mais simpáticos prefeitos, morta em 1902. Ela foi a célebre médium que escreveu para J.-B. Roustaing, chefe da ordem dos advogados de Bordeaux, os famosos *Evangelhos revelados* e dos quais certas visões originais foram vivamente combatidas e contestadas por um grande número de espíritas. É justo acrescentar que, longe de favorecer suas opiniões pessoais, ela era claramente oposta a certas revelações das quais não foi senão a intérprete meramente mecânica” (*Os pioneiros do espiritismo*, p. 94).

Os últimos anos de sua produtiva existência foram passados na bucólica cidade de Saint-Georges-de-Didonne, em Charente-Maritime, junto a familiares de Charles Paul Collignon, o seu digníssimo esposo. No lindo e significativo 25 de dezembro de 1902 ela desencarna aos 83 anos. Grande e significativo dia do Natal de Nosso Senhor Jesus-Cristo.

Jorge Damas Martins  
Stenio Monteiro de Barros

## PREFÁCIO

A autora deste pequeno livro, verdadeiro *compendium* da nova ciência, ai condensou todos os elementos com uma simplicidade e uma facilidade de estilo perfeitamente adequados aos leitores a que se destina.

Eis o ponto de vista em que ela se situou:

No meio de um grupo de pessoas de boa vontade, que desejam ardentemente conhecer a verdade a respeito do que se diz do *espiritismo*, - palavra que assusta equivocadamente tantas pessoas cuja boa fé foi profundamente enganada, - e que ignoram os fundamentos tanto da doutrina quanto da ciência, que faz a Sra Collignon? “Ela as ensina”<sup>21</sup>. E assim cumpre a obra de caridade. Foi assim que o primeiro apóstolo<sup>22</sup> desta virtude celeste abriu e fechou sua carreira doutrinária.

Reproduzimos a dedicatória que a Sra Collignon fez de sua obra ao Sr. Allan Kardec, que a aceitou<sup>23</sup>.

A. LEFRAISE<sup>24</sup>

---

<sup>21</sup> Vide a segunda parte desse opúsculo, *Dissertações medianímicas*, onde na primeira mensagem o Espírito Joseph, mentor de Émilie Collignon, recomenda o princípio evangélico: *Ide e instruí os homens*.

. *Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura* (Jesus, Mc. 16; 15).

. *Instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda sabedoria* (Paulo, Cl. 3: 16)

<sup>22</sup> Jesus-Cristo.

<sup>23</sup> Allan Kardec: “[...] inscrevemos com prazer entre os livros recomendados” (RS, FEB, 1865, setembro, p. 382).

<sup>24</sup> *La Lumière pour tous* (1º ano, Nº 1, quinta-feira, 7 de abril de 1864, p. 2).

## AO SENHOR ALLAN KARDEC

---

Prezado e honrado mestre<sup>25</sup>,

Oferecendo-lhe este resumo dos preceitos que o senhor nos trouxe para os dias atuais, não pretendo prevalecer-me aos olhos de nossos irmãos da autoridade do seu nome, mas oferecer-lhe publicamente o testemunho de minha profunda gratidão pela fé viva que sorvi nos livros<sup>26</sup> de que me servi como base para esta pequena súpula.

Receba, prezado mestre, os reclamos de minha simpatia fraterna.

É. COLLIGNON<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup> Allan Kardec é o pseudônimo do insigne educador Denisard Hypolite Leon Rivail (1804-1869), destacado divulgador das idéias pedagógicas de Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827).

<sup>26</sup> *O livro dos Espíritos* e *O livro dos Médiuns* foram as duas obras do Codificador que a Sra Collignon tomou como base para escrever esse opúsculo.

<sup>27</sup> *La Lumière pour tous* (1º ano, Nº 1, quinta-feira, 7 de abril de 1864, p. 2).

## INTRODUÇÃO

Prezados irmãos,

Não acham que seria bom, para assentar e fortificar nossas convicções, conseqüentemente para avançar com mais rapidez e mais segurança no caminho do progresso, dedicar algumas horas a um estudo sério e racional da doutrina que professamos?

Sem dúvida, não é muito útil para os que sabem e crêem firmemente; mas pode fortalecer os fracos, os indecisos, e (quem sabe?) talvez conseguir a adesão de alguns indiferentes.

Para não arriscar-nos a desviar-nos do caminho traçado pelo nosso venerado chefe<sup>28</sup>, Sr. Allan Kardec, seguiremos, tanto quanto no-lo permitem os nossos meios, os *Livros dos Espíritos e dos Médiuns*, pedindo aos bons Espíritos, que nos guiam a todos, que aceitem auxiliar nossos esforços a fim de que atinjamos o objetivo que nos propusemos.

Procedendo assim, conseguiremos todos entender e poderemos ajudar-nos uns aos outros, fazendo por nossos irmãos o que terão feito por nós.

Não esperem encontrar neste trabalho a forma e o brilho de uma obra literária. Limitei-me a relatar os princípios do Espiritismo tais como entendo. Conversemos então pura e simplesmente, entre irmãos, sem pretensão de eloqüência, já que meu único objetivo é o de colocar o Espiritismo ao alcance dos que não podem estudar sozinhos.

Eu não teria ousado empreender esta tarefa se os bons Espíritos, que zelam incansavelmente por nós, não me tivessem dado essa responsabilidade, prometendo-me ajuda por intermédio de um médium magnético, Sra Trély<sup>29</sup>: “Podes ir com ousadia”, disseram; “conduzirás a caneta mas conduziremos teu pensamento e não deixaremos passar uma só palavra que não seja aprovada.”

Submeti<sup>30</sup> este trabalho ao nosso orientador<sup>31</sup>, o Sr. Kardec, que o aprovou como sendo exato na exposição dos princípios. Além disso, sorvi a maior parte dos argumentos

---

<sup>28</sup> Émilie Collignon reconhece em Kardec um *venerado chefe*. Esta humildade da médium deve ser destacada, porém a palavra *chefe* deve ser evitada, dado o perigo de ser interpretada como uma liderança absoluta e infalível. J.-B. Roustaing também reconhece em Kardec um *muito honrado chefe espírita* (RS, FEB, 1861, junho, p. 253). Auguste Bez, líder e pioneiro do Espiritismo em Bordeaux, sintetizou o pensamento de Allan Kardec num banquete na *Nova Sociedade Espírita de Bordeaux*, em 1867, quando o Codificador elucidou, - *escandalizando certo número de espíritas mais kardecistas que o próprio Allan Kardec* - criticando os que querem fazer dele *mestre* em Espiritismo e *chefe* da Doutrina: “Allan Kardec alto e bom som declarou que nunca esteve em suas intenções colocar-se como mestre, e pôr-se como chefe; que em nenhum de seus escritos se encontrariam traços dessa pretensão cuja responsabilidade era preciso deixar à crítica sempre mal intencionada que tinha inventado” (*L'Union*, 3º ano, julho, 1867, pp. 16-7). Todo o discurso se encontra traduzido no nosso *Jean Baptiste Roustaing – Apóstolo do Espiritismo*, CRBBM, 2005, Rio de Janeiro (Rua Bambina, 128, Botafogo), pp. 94-107.

<sup>29</sup> Aqui temos mais um médium de Bordeaux que confirma a missão de Émilie Collignon no serviço da mediunidade com Jesus.

<sup>30</sup> Correto procedimento frente à experiência incontestada de Allan Kardec. J.-B. Roustaing, anteriormente, procedeu da mesma forma, remetendo o *produto de nossos trabalhos, obtidos a título de ensinamento por evocações ou manifestações espontâneas dos Espíritos superiores*, no Grupo Sabô, à apreciação do Codificador (RS, 1861, FEB, junho, p. 254).

<sup>31</sup> Traduzimos o original francês, *notre guide*, por *nosso orientador*. Seguimos aqui o pensamento expresso pelo Sr Jules Peyranne, presidente da Nova Sociedade Espírita de Bordeaux, no seu discurso no banquete de Pentecoste, em 1867: “Para nós, o senhor (Allan Kardec) é um irmão mais adiantado, mais merecedor, talvez,

nas comunicações que havia recebido antes; transcreverei algumas delas no decorrer destas reflexões<sup>32</sup>.

---

que a maioria dentre nós; porque o senhor trabalhou mais, porque fez mais, porque se elevou por suas obras” (*L’Union*, 3º ano, julho, 1867, pp. 19).

<sup>32</sup> *La Lumière pour tous* (1º ano, Nº 1, quinta-feira, 7 de abril de 1865, p. 2).



## I- O ESPIRITISMO DO PONTO DE VISTA RELIGIOSO

Vamos começar se quiserem, pelo lado mais difícil, mais delicado da questão; o que mais discussões provoca, excitando suscetibilidades, a saber: *Se o Espiritismo é ou não é uma religião nova*. Inicialmente, vamos admitir, em princípio, que o Espiritismo não é senão a demonstração e a aplicação das relações que existem e sempre existiram entre as almas despojadas do corpo e as que ainda estão nele envoltas. Agora é ou não é uma religião?

No meu ponto de vista pessoal, não hesitaria em responder, consultando o dicionário a respeito da aplicação da palavra *religião*: sim o Espiritismo é uma religião, porque *é a crença pura na Divindade* (definição do dicionário).

Sim, o Espiritismo é uma religião, porque *é o culto tributado* pela inteligência limitada à *Inteligência Suprema*, que a criou.

Sim, o Espiritismo é uma religião, porque *é a sociedade íntima entre o homem e Deus; a adoração do Criador e a prática da virtude; a filosofia do povo*, a única verdadeira, a única que não pode enganá-lo; *a fé nos seres superiores invisíveis*, seres que nos guardam, nos mantêm e nos ensinam *a ciência de servir a Deus*.

Não acabaria nunca, se quisesse repetir aqui todas as definições da palavra *religião* que se encontram no dicionário e podem aplicar-se ao Espiritismo; limito-me a dizer, apoiando-me nessa autoridade da nossa língua<sup>33</sup>: Sim, o Espiritismo é uma religião, porque é o resumo, o complemento de todas as que existem; mas religião puramente intelectual, despojada de qualquer culto exterior, livre de qualquer dominação e, conseqüentemente, não deve ter o nome que evoca sempre a idéia de um jugo. Examinemos um pouco como agem todas as religiões que disputam o governo de nossas almas e freqüentemente, dos indivíduos.

Desde que os homens criaram essa palavra, que pode ser interpretada de tantas maneiras, eles a personificam, por assim dizer, em cada um de seus representantes; fizeram dela um regimento; dizemos: católicos, protestantes, judeus, maometanos, como diríamos zuavos, cossacos, hussardos, cipaios. Todos estão preparados para guerrear, com a diferença que os últimos combatem em nome de diversos soberanos, enquanto que os outros, tendo o mesmo Deus, o mesmo mestre, deveriam ter a mesma bandeira! É pois, uma guerra civil que eles travam sem cessar, a mais ímpia de todas! guerra somente moral hoje; mas quanto sangue não fez derramar, ou não faria ainda? ... E quantas vezes Deus, em sua cólera justa<sup>34</sup>, não teve de dizer a esses exterminadores orgulhosos e vingativos: “Caim que fizestes do teu irmão?”

Para instalar-se *religião*, do ponto de vista vulgar, o Espiritismo tem uma maneira especial de adorar Deus? Prescreve um culto particular? Procura destruir os cultos estabelecidos? Prega uma moral subversiva? Desvia-se do objetivo que todos os cultos se propõem? ... Não ... O objetivo de todas as religiões, objetivo primitivo e puro, é o melhoramento do homem, a elevação da alma; é enfim o aperfeiçoamento, a reconstrução da máquina humana, o domínio do Espírito sobre o corpo.

---

<sup>33</sup> No original: *langue française* (língua francesa).

<sup>34</sup> Linguagem figurada à semelhança dos profetas (médiuns) do Antigo Testamento.

Encarado assim, o Espiritismo poderia ser uma religião: religião universal, resumo e complemento de todas as religiões, admitindo todos os cultos como se devem admitir todas as línguas, um meio de comunicação.

Pela linguagem, os homens se correspondem entre si; pelo culto, tentaram corresponder-se com Deus e cada um tentou isso segundo sua inteligência ou necessidades. Mas, assim como os sábios adotaram o latim<sup>35</sup> para se entenderem, seja qual for sua nacionalidade, os homens adotarão o Espiritismo para se aproximarem do Criador, seja qual for seu culto.

No ponto de vista religioso, o Espiritismo não é uma religião na acepção da palavra, porque não tem culto e admite todos<sup>36</sup>. (Somente esse fato deve isto provar).

Do ponto de vista moral é a maior, a mais perfeita, a mais sublime de todas, porque é a crença que aproxima mais do Criador, levando todas as crenças para o seu ponto de partida, forçando todas as cabeças a se curvarem com respeito sob o estandarte erguido no Gólgota<sup>37</sup>, há dezenove séculos.

Somos numerosos; entre nós encontram-se muitos cultos diferentes, muitos dogmas opostos e no entanto, não temo dizê-lo, o Espiritismo nos leva a todos, a todos sem exceção, ao pé da cruz, porque, elevando nossos olhares para ela, todos nós vemos nela inscritos estas duas palavras, que são nosso lema: AMOR e CARIDADE<sup>38</sup>.

Todos ouvimos essa voz eloqüente e suave repetir-nos do alto do Calvário, como último aviso, último penhor de ternura, esta máxima sublime que resume em si todos os deveres, todas as virtudes: *Amar a Deus sobre todas as coisas e a seu próximo como a si mesmo*<sup>39, 40</sup>.

---

<sup>35</sup> Ontem o latim, hoje (2006) é o inglês; amanhã, quiçá, será o esperanto.

<sup>36</sup> O Codificador esclarece sobre isso informando que o Espiritismo não é “uma religião nova, uma seita que se forma das mais antigas; é uma doutrina puramente moral, que absolutamente não se ocupa dos dogmas e deixa a cada um inteira liberdade de suas crenças, pois não impõe nenhuma. E a prova disso é que tem aderentes em todas, entre os mais fervorosos católicos, como entre os protestantes, os judeus e os mulçumanos” (RS, 1861, FEB, outubro, pp. 436-7).

<sup>37</sup> Jesus-Cristo, guia e modelo. *O tipo da perfeição moral. O mais perfeito modelo e a doutrina que ensinou é a expressão mais pura da lei do Senhor.* Ele é o mais puro de quantos têm aparecido na Terra. *O Espírito Divino o animava* (Ver *O livro dos espíritos*, 1ª edição especial, FEB, 2005, Brasília, DF, pergunta 625).

<sup>38</sup> “Meus filhos, na máxima: *Fora da caridade não há salvação*, estão encerrados os destinos dos homens, na Terra e no céu; na Terra, porque à sombra desse estandarte eles viverão em paz; no céu, porque os que a houverem praticado acharão graças diante do Senhor. Essa divisa é o facho celeste, a luminosa coluna que guia o homem no deserto da vida, encaminhando-o para a Terra da Promissão” (Espírito Paulo, o apóstolo [Paris, 1860], *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, 1ª edição especial, FEB, 2004, Brasília, DF, capítulo XV, pp. 315-6)

<sup>39</sup> Mt. 22: 36-40; Mc. 12: 28-34 e Lc. 10: 25-28.

<sup>40</sup> *La Lumière pour tous* (1º ano, Nº 2, quinta-feira, 21 de abril de 1864, pp. 1-2).

## II- BASE DO ESPIRITISMO: DEUS - IMORTALIDADE DA ALMA

Sobre o que repousa o Espiritismo e que máxima monstruosa, exorbitante, ele vem pregar, que provoca tantas animosidades e encontra tanta oposição sistemática?

Ele repousa simplesmente na base fundamental de todas as crenças: DEUS; porque, seja qual for o nome que cada religião tenha inventado para sua deidade principal, vocês vêem, sentem sempre o pensamento grande, poderoso de Deus, que reina soberano.

Deus, criador de tudo o que é; Deus, senhor e juiz de tudo o que se move, de tudo o que se pensa; Deus eterno, sem começo, sem fim, lançou no espaço infinito suas criaturas como flores efêmeras que nascem com a primavera e morrem com ela? Tudo na criação responde: Não. Todas as religiões procuram fazer crer que não; o Espiritismo vem provar que não.

O Espiritismo repousa inteirinho na fé em Deus e na crença na imortalidade da alma. Não são esses os pontos fundamentais de todas as doutrinas? Mas todas as doutrinas, até hoje, se embasaram em hipóteses, em conjecturas, enquanto que o Espiritismo se apóia em fatos patentes, palpáveis. Ele nos diz: O homem pode ser ingrato, ímpio; pode ver em seu ser apenas a matéria que o envolve; tem uma alma, uma alma viva, imortal, impressionável a todas as sensações; e é essa alma e não o corpo que a envolve que será julgada por seu Criador. É essa alma que é preciso guiar, formar, educar, tornar digna enfim de aparecer diante do juiz e ouvir pronunciar o veredicto final.

Há homens que não crêem na existência da alma; há até os que não crêem na existência de Deus... A esses se dirá: “Expliquem, sem Deus como fonte, sem a alma como meio, expliquem claramente a máquina humana; e a isso nos restringimos!” - O universo está cheio de outras máquinas cujo mecanismo é igualmente difícil de entender. – Digam-nos o que pode causar sua formação, sua ordenação? – A natureza! – Mas então, vocês chamam de *natureza* o que outros chamam de Deus; é sempre a mesma coisa, já que é o princípio criador. Diriam vocês o acaso? Primeiramente, seria preciso definir essa palavra que não tem definição. O acaso não é uma causa; portanto, não pode ter efeito. Se insistem, chamem ainda de acaso a causa primeira que rege o universo. Nós a chamamos Deus; é uma questão de palavra, com diferença que o acaso é cego e que Deus é inteligente.

Aos que negam a alma diremos: “Irmãos, não sejam tão inimigos de si mesmos. Não assistiram nunca aos últimos momentos de um amigo? Nunca perderam um pai, uma mãe, um irmão amados? O túmulo não se fechou sobre a criança que devia sustentar sua velhice? A mão da amiga com quem vocês deviam cumprir essa triste peregrinação que se chama vida, não ficou gelada na sua? Nunca então sofreram? Nunca choraram? Nunca sentiram que é impossível que a podridão e os vermes sejam tudo o que resta desses seres tão queridos que nos deixam? Sejam francos: Em suas horas de angústias; contra a vontade de vocês, seja o que for que pensem a respeito, uma voz lhes gritou ao fundo do coração: Nem tudo está aí! Há um momento na vida de vocês em que o pensamento de rever fez bater esse coração de carne, em que sua inteligência se libertou de suas cadeias e se elevou para Deus... mas, pobres escravos, vocês logo caíram de novo sob o jugo da matéria, porque nunca lhes ensinaram a destruí-lo, porque a miragem que lhes mostraram aos seus olhos não tomava forma positiva e vocês dizem então com desânimo: É o jogo de uma imaginação em delírio; o que vem da matéria volta para a matéria! E vocês tinham razão, irmãos; mas o que vem de Deus volta para Deus. É o que o Espiritismo deve provar.”

Bem-aventurados os que crêem sem ter visto<sup>41</sup>! É verdade; mas, enfim, já que Jesus se dignou uma vez deixar-se tocar nas chagas por São Tomé<sup>42</sup> para convencê-lo, por que ele não faria a mesma coisa por nós, hoje, bem mais incrédulos, bem mais endurecidos do que aquele discípulo? O Espiritismo vem em seu nome e nos diz: “Vede, tocai e crede!...”

Prostremo-nos então como o apóstolo e digamos num impulso de amor, de fé e de gratidão: “Meu Senhor e meu Deus!”<sup>43</sup>

Aqueles que, mais felizes que São Tomé, não têm necessidade de ver para crer, vão dizer: Mas para que serve o seu Espiritismo? Quem pode negar a existência de Deus e da alma? Ah, meu Deus!, vocês que acreditam que crêem, estão seguros de si mesmos? Quais são os efeitos da fé em Deus? O temor de desgostá-lo, a submissão a suas vontades, o reconhecimento de seus benefícios! – Quais são os efeitos da crença na imortalidade da alma? O medo do julgamento, o desejo de merecer a recompensa e, conseqüentemente, o melhoramento do nosso ser. Ora, que esforços vocês fazem para melhorar? Quais são os vícios que vocês combatem? Quais são as provas de gratidão que vocês dão ao seu Criador? Quais sacrifícios vocês fazem para evitar desagradar a Deus?...

Vocês cumprem regularmente as formas de seu culto; mas que trabalho realizam em si mesmos para expulsar de seu coração os maus pendores que vocês trazem consigo em seus templos? Vocês repetem exatamente fórmulas de adoração e de respeito, mas quais são os atos pelos quais vocês provam seu amor e sua submissão? Ah! digam, em geral, vocês não são mais escrupulosos observadores das leis humanas que das leis divinas? Não são muito mais escravos do respeito humano do que da vontade de seu Deus? Ademais, se vocês acreditam muito avançados no bem para não ter mais nada a fazer, tanto melhor para vocês; o Espiritismo é inútil para vocês, porque ele só se dirige aos que sentem a necessidade de melhorar e ainda não acharam o meio eficaz de fazê-lo; é o guia do cego que procura a luz: se vocês vêm com clareza, então não precisam dele!... É a esperança para aquele que se desesperava; é a fonte de amor em que o egoísta vai beber a caridade; é o espelho em que o orgulhoso vê o pouco que vale; finalmente, é a fé viva e forte, racional, que ele traz aos que duvidavam, que negavam, que sofriam!<sup>44</sup>

---

<sup>41</sup> Esse foi o caso de J.-B. Roustaing, que narrou a sua crença a Kardec através de uma famosa carta: “*Nada vi, mas li e compreendi; e creio*. Deus me recompensou muito por ter acreditado sem ter visto” (RS, 1861, FEB, junho, p. 253). Allan Kardec, então responde com sabedoria: “Dissera ainda nada ter visto, mas estava convencido, porque havia lido e compreendido. Tem ele isto de comum com muitas criaturas e sempre observamos que estas, longe de serem superficiais, são, ao contrário, as que mais refletem” (p. 258).

<sup>42</sup> Jo. 20: 19-29.

<sup>43</sup> Émilie Collignon psicografou a seguinte explicação sobre este versículo:

“Nestas palavras de Tomé: *“Meu Senhor e meu Deus”* há redundância, pleonasma. A mesma significação têm ambas as expressões. Exprimem o respeito, a admiração de *que se viu presa diante do Mestre* “ressuscitado”. *Seu pensamento se dirigiu a Deus, que só ele podia, ter operado tal “milagre”.*

“Desde essa época germinou no Espírito de todos os discípulos, como no de Tomé e dos outros apóstolos, a idéia da divindade de Jesus. Não podendo explicar, pelos meios conhecidos, os fatos extraordinários, para eles “miraculosos”, que às suas vistas se produziam, os homens foram levados a atribuir a Jesus um poder que só atribuíam a Deus, a lhe atribuir, conseqüentemente, a divindade” (QE, IV, 512-3).

<sup>44</sup> *La Lumière pour tous* (1º ano, Nº 3, quinta-feira, 5 de maio de 1864, pp. 1-2).

### III- DA ALMA OU ESPÍRITO E DA REENCARNAÇÃO

O que representa a alma para o Espírito dos que crêem? Uma essência sutil, participativa, embora a um grau muito inferior, sem dúvida, da Divindade, no sentido de que, embora criada, é imortal.

O que nos diz o Espiritismo? Ele confirma a existência da alma, a quem dá o nome de Espírito, e nos explica a diferença entre a idéia que dela fazemos e o que ela é realmente.

Não me cabe certamente entrar aqui em questões religiosas e dogmáticas; mas como me dirijo aos nossos irmãos que não puderam ler ou que não entenderam bem<sup>45</sup>, é preciso no entanto estabelecer essa diferença, porque é a base fundamental de nossas crenças, de nossa fé, de nossas esperanças.

O Espiritismo nos diz, pois:

Os Espíritos criados puros, mas ignorantes, têm o livre arbítrio e, conseqüentemente, a escolha entre o bem e o mal; eles têm dois caminhos abertos; um, que leva prontamente ao objetivo, apesar dos obstáculos a vencer, o outro, tortuoso, cortado por mil atalhos transversais, que os forçam a parar na estrada e a recomeçar, até que, finalmente, encontrem a linha reta e segura<sup>46</sup>: a do bem.

É passando pelas provas da vida material que o Espírito adquire a experiência, a força e o saber. Ele está fechado no corpo, como o germe precioso da planta está fechado no fruto que o recobre, e, como ele, deve esperar para sair, que a decomposição da matéria lhe dê passagem; mas quando ele sai mal de suas provas, quando é culpado, Deus tão bom, Deus tão justo, o condena para a eternidade? ou então, as faltas cometidas, são tão pouco importantes que uma temporada de alguns anos nessa prisão de carne, ou um arrependimento de algumas horas basta para resgatá-las?

Vejamos como fazem os juízes com nossos criminosos: eles medem a pena pela gravidade do delito; a detenção é mais ou menos longa, mais ou menos severa, segundo o culpado seja mais ou menos empedernido; Deus não será tão justo quanto os homens, e a ofensa feita a Sua Majestade não deve ser lavada até que não sobre dela nenhuma marca?

Se um condenado escapa da prisão antes de ter cumprido sua pena, recapturam-no e encarceram-no de novo até a expiração do prazo fixado. Embora a comparação seja capenga, ocorre mais ou menos assim, com o Espírito: como ele foi criado para a eternidade, como quando os maus pendores o dominam, é preciso, para que ele possa entrar em graça junto àquele que é todo pureza e todo perfeição, que ele não tenha mais nada de impuro e de imperfeito em si; ele cumpre sua pena até que os remorsos o tenham purificado e tornado digno de entrar na paz do Senhor.

Podemos pensar, sem pecar por orgulho, que nos basta uma existência humana, por mais longa que seja, para atingir esse objetivo? Se fosse assim, que aconteceria aos que morrem antes de ter chegado ao limite extremo da velhice, que morrem na força da idade, na juventude, na infância; que mal puseram o pé nessa penitenciária que se chama vida? E se a alma é formada pelo corpo que ela habita e não deve mudar, como fazer concordar a

---

<sup>45</sup> Evidentemente, aqui, Émile Collignon está se referindo aos dois livros básicos da Doutrina Espírita publicados até aquele momento, início de 1864: *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*.

<sup>46</sup> No original: *ligne droite, sage et sûre* (linha reta, sábia e segura). Ver *Os quatro evangelhos*, J.-B. Roustaing, FEB, Rio de Janeiro, 1971, vol. II, p. 464, ou ainda, *Les quatre évangiles*, Paris, 1866 (2ª tiragem – 1882), tomo II, p. 307.

justiça de Deus com a desigualdade na existência? Nada senão que essa desigualdade no sofrimento, no trabalho, por conseguinte no mérito, não bastaria para provar que, sendo Deus amor e justiça há nessa injustiça aparente um problema que não pudemos ainda resolver. Pois bem! o Espiritismo nos dá a solução; ele demonstra que Deus nosso pai, amando todos os seus filhos, com igual amor, dando a todos uma parte igual em sua herança, é bastante justo para não dar a cada um o tempo necessário para merecê-la *igualmente*.

Por isso, o Espírito está condenado a suportar os entraves da matéria até que, tendo-a inteiramente dominado, possa libertar-se do seu jugo e voltar ao Criador, como Espírito não somente puro, mas como Espírito inteligente, sábio. É por isso que quando o prisioneiro, por razões que logo desenvolveremos, escapa de sua prisão e é condenado a entrar em outra, até que seja digno de sua liberdade; isto é, cada vez que a morte atinge um homem que não está isento de todos os vícios, de todos os erros, ele deve recomeçar uma nova existência para expiar os erros da precedente, perder suas más tendências, adquirir novas virtudes, e isso até que ele se torne perfeito. Eis o que o Espiritismo nos ensina sobre o nome de *reencarnação*.

Apressemo-nos pois em despojarmos de todas as nossas fraquezas, porque não sabemos em que momento a morte nos atingirá, e a vida, tal como a suportamos, não é tão agradável que seja desejável recomeçá-la nas mesmas condições!<sup>47</sup>

---

<sup>47</sup> *La Lumière pour tous* (1º ano, Nº 4, quinta-feira, 19 de maio de 1864, pp. 1-2).

#### **IV- NECESSIDADE DA REENCARNAÇÃO. – CAUSAS DAS DESIGUALDADES EXISTENTES**

Dizíamos que os Espíritos deviam recomeçar suas provas até que elas estivessem terminadas, e fazíamos observar a injustiça que teria havido da parte de Deus, em não conceder um prazo igual a todos os homens para chegar lá, se a lei da reencarnação não nos explicasse esse problema.

Perguntamo-nos talvez também por que Deus não permite a todos chegar a uma velhice avançada para ter o tempo de se purificar bem.

Primeiramente, eu direi que não trabalhamos sempre para isso, e que, se uma longa vida pode ser para alguns um meio de progredir, algumas vezes ela também é para outros uma oportunidade ruim de acumular erros sobre erros. Mas à parte isso, como nem todos os Espíritos encarnados em nossa terra foram criados no mesmo instante, como uns trabalham com mais ardor do que os outros em seu progresso, daí resulta que os que se apressaram chegam primeiramente à meta. Por que o bom Deus os forçaria a permanecer na prisão de seus corpos, quando mereceram ficar livres?

Em segundo lugar, não há ninguém entre nós que, pensando na morte, não tenha feito careta. Essa idéia de sofrer, de deixar os que amamos, de ir embora sabe-se lá para onde, nada disso é alegre!

Como o Espírito se lembra em que ponto o corpo obstrui a inteligência, quantas angústias ele sente em sua última existência, na hora de ir prestar suas contas, escolhe algumas vezes continuar preso no decorrer de sua vida a fim de lutar contra o desespero de uma morte demasiadamente prematura que venha destruir seus projetos de futuro, contra o desânimo e os sofrimentos que às vezes a precedem e cujo Espírito deve triunfar para aprender a domar a matéria. Muitas vezes também é uma expiação dos erros cometidos numa existência anterior. Pode ter causado a morte de alguém, seja provocando doenças, seja não o assistindo a tempo; derrubando-o por sua culpa, nessa miséria que arruína as forças antes da idade, causando aflições violentas e tantas outras coisas que seria ocioso demais enumerar aqui. Pois bem: ele sofre então as conseqüências do seu passado, e sua morte prematura, em circunstâncias mais ou menos semelhantes, é uma expiação; porque é de se notar que temos sempre de suportar a pena de talião, isto é, que se numa existência anterior ferimos com a espada, morreremos pela espada, assim como disse Jesus a Pedro<sup>48</sup>: fazem conosco o que fizemos com os outros, tanto no bem quanto no mal.

Isso é uma advertência que não devemos negligenciar, porque podemos, pelos atos desta vida, saber por assim dizer antecipadamente de que natureza será a que termos de recomeçar, se esta não foi boa o bastante para nos permitir ir para um mundo melhor.

Em terceiro lugar, finalmente, há Espíritos que não têm mais do que curtíssimas provas pelas quais passa na terra, o momento em que o Espírito se prepara para recomeçar uma nova existência é muito penoso para ele, pelo pesar que sente de deixar a vida espiritual e pela inquietação que tem, de saber se terá êxito em uma nova tentativa; o momento da morte do corpo é igualmente cheio de angústias, assim como vimos anteriormente, há, digo eu, Espíritos que só têm necessidade de passar por essas duas provas para acabar sua peregrinação em nossa terra. Ora, esses estão encarnados nas

---

<sup>48</sup> Mt. 26: 52.

famílias que devem ser postas à prova pela morte de uma criança. Essas perdas tão cruéis para os pais são ainda as conseqüências dos crimes passados<sup>49</sup>.

Entre nós, que amamos tanto os nossos filhos hoje, há muitos Espíritos, certamente, que, numa vida pregressa, abandonaram os seus em via pública, e os mataram antes ou depois do nascimento, ou que não os educaram senão para martirizá-los com maus tratos, para levá-los ao crime com maus conselhos ou maus exemplos. Esses são atingidos pela morte de seus filhos; o Senhor que tudo prevê, envia a essas famílias Espíritos que vêm nelas terminar suas provas fazendo com que seus pais progridam. Depois, essas dores tão lancinantes são consideradas freqüentemente para o exercício da resignação, da submissão do homem, sempre pronto a revoltar-se contra o sofrimento e contra aquele que ele acusa de tê-lo causado, sem se dar conta de que Deus, sendo a fonte da justiça, não pode pôr à prova uns mais que os outros sem uma causa justa.

Ora, à parte a revelação espírita procuremos explicar a justiça de Deus nos sofrimentos que parecem vir sob todas as formas sobre uns, enquanto que outros estão deles isentos. Se eles devem prestar contas na vida futura, haverá sempre como diferença a duração da vida humana.

Admitamos que o feliz e o infeliz deste mundo tenham vivido tão bem um quanto o outro, cada um em sua posição; que tenham ambos direito à mesma recompensa, haverá sempre esta vida humana que pesará mais de um lado do que do outro.

Que haja diferença nas recompensas e que se possa perguntar a Deus por que ele faz nascer este aqui feliz, aquele infeliz, visto que os acontecimentos de sua vida influíram em seu futuro espiritual sem que sua vontade tivesse algo a ver com isso; é ainda o caso de responder: *Mistério*. Felizmente, o Espiritismo veio derramar a luz em todas essas trevas, e o homem pode andar hoje vendo com clareza seu caminho. Mas também quanta responsabilidade! Quantos daqueles que não seguirão a linha traçada serão culpados! Quando não sabíamos, pecávamos por ignorância; hoje, não há desculpa para nós: sabemos de onde viemos, para onde vamos e como é preciso andar para lá chegar.

Algumas vezes, também, o Espírito que escolheu uma prova difícil compreende, no último instante, que talvez não tenha força de suportá-la, e pronto para encarnar definitivamente, pede perdão e quer esperar ainda para se fortificar e melhor preparar-se. O filho então não chega ou morre ao nascer; mas, por uma providência de que só Deus é susceptível, essas encarnações incompletas só ocorrem em famílias que têm necessidade de ser postas à prova com as cruéis decepções da maternidade sem fruto. O mesmo acontece com as que se iniciam em centros viciosos em que os pais, embora não tendo o instinto da fera, param os progressos da existência material antes que ela tenha tido tempo de se manifestar aos olhos da sociedade.

Vemos, por meio dessas reflexões, que não há Espíritos de crianças, de homens, de velhos, porque todos passam por diferentes fases em cada existência corporal; que recomeçam. Logo, enquanto um Espírito se mostra a um médium vidente, ou quando ele se comunica pela escrita, se mantém o aspecto ou a maneira de falar que tinha durante a vida, é simplesmente para se deixar reconhecer por aqueles que querem aproximar-se dele. Porque o corpo vaporoso do Espírito, ou *perispírito*<sup>50</sup>, conserva o aspecto de sua última

---

<sup>49</sup> Lembro ao leitor que Émilie Collignon passou por essa expiação dolorosa, pois a sua filha Paule Victorine Aimée Collignon desencarnou antes de completar um ano de idade (11 de outubro de 1854 - 25 de setembro de 1855).

<sup>50</sup> No original a palavra *perispírito* se encontra várias vezes com o “P” em maiúsculo; optamos por registrar, daqui por diante, em minúsculo.



existência terrestre, mas despojado de tudo o que tinha de feio e doentio. Eles entram como perfeição física na idéia que temos dos Anjos: esses seres sempre jovens, sempre belos, cuja graça e serenidade nada pode alterar. Falamos aqui dos Espíritos que dominaram a matéria durante sua vida, porque os que se deixaram dominar por seus gostos humanos, que se sacrificaram aos instintos da fera, mantêm a aparência sem viço, aviltada, que lhes deram seus vícios e é para eles, ainda, uma punição.<sup>51</sup>

---

<sup>51</sup> *La Lumière pour tous* (1º ano, Nº 5, quinta-feira, 2 de junho de 1864, pp. 1-2).

## V- DO PERISPÍRITO E DAS MANIFESTAÇÕES

Já que nos ocupamos do aspecto dos Espíritos no mundo espírita, seria bom, acho, estudar as propriedades de seus corpos, tão leves que o vento não se infiltra mais livremente que eles no espaço, tão transparentes que no seu estado normal nossos olhos não podem vê-los, como não vemos o vento.

O perispírito é, pois, o corpo do Espírito, corpo *flúidico*, isto é, sem ter, em comparação a nós, nem consistência, nem aparência, e não pode ser visto nem tocado. Esse corpo tem o aspecto do nosso, mas em se tratando de beleza; sua beleza aumenta e se purifica à medida que o Espírito se eleva. O perispírito muda igualmente de *qualidade*, segundo o estado do Espírito; se é vil, se é material, se seus gostos e desejos o prendem à terra, o perispírito é material, relativamente espesso; adapta-se ao caráter do Espírito e ao grau de elevação do mundo que tem suas simpatias. Quanto mais se depura, mais o perispírito se liberta das partes grosseiras que o formavam e se adapta ao desenvolvimento do Espírito.

O perispírito não pode ser *nem visto, nem tocado* pelos homens do nosso mundo; essa é a regra geral, mas há exceções. O Espírito pode, seja por vontade própria, quando é elevado, seja com a permissão de Espíritos que lhe são superiores, tornar-se *visível e palpável* para o homem, mas são necessárias para isso condições especiais.

O perispírito se forma à volta do Espírito, com a ajuda de alguns fluídos, de algumas matérias que ainda não conhecemos. O perispírito se torna mais ou menos material segundo a qualidade dos fluídos que o compõem, como a água é mais ou menos leve, mais ou menos transparente, segundo exista em maior ou menor quantidade no recipiente, ou seja, mais ou menos filtrada.

O homem possui também um perispírito que envolve o seu Espírito, e o conjunto está aprisionado no corpo como uma jóia delicada que se manteria apertada num fino envelope que não possa falsificar-se, e que se teria posto, depois, numa caixa de madeira comum. Ora, em certos momentos, os fluídos que compõem nosso perispírito e que são relativamente grosseiros, porque é preciso que sofram o contato do corpo, escapam, por assim dizer, através do envelope material que os aprisiona, e vão unir-se aos fluídos que compõem o perispírito do Espírito, que quer manifestar-se de uma maneira visível ou *tangível*, isto é, que possa ser tocado, oferecendo à mão a resistência de um corpo real. – Por esse meio, o Espírito que quer ou mostra-se ou deixar-se tocar somente, ou então adquirir ao mesmo tempo a aparência e a consistência de nossos corpos, *materializa* seu perispírito combinando-o com o nosso, a fim de que nossos sentidos possam se dar conta de sua existência.

Essas manifestações podem produzir-se com mais ou menos frequência, durar mais ou menos tempo<sup>52</sup>, segundo o Espírito encontre entre os homens uma quantidade mais ou

---

<sup>52</sup> O problema da duração do tempo nos casos de fenômenos de materialização depende, como observa corretamente a Sra Collignon, da quantidade de fluídos que o Espírito consegue reunir, bem como da autorização superior para um tal propósito. Diferente da opinião pessoal da Allan Kardec, que não tinha conhecimento muito amplo desse fenômeno, quando escreveu de maneira restritiva sobre este fato: “[...] não demoram longo tempo entre os homens [...]” (*A Gênese*, FEB, 1ª edição especial, Brasília, DF, capítulo XIV, item 36, p. 379). Interessante é observar que Allan Kardec leu e aprovou este opúsculo da Sra Collignon (1865); será que ele, mais tarde (1868), mudou de opinião? É bom ressaltar, porém, que as pesquisas científicas com materializações prolongadas, não eram, então, ainda realizadas. Sugiro a leitura dos capítulos

menos suficiente de fluidos que lhe são necessários para atingir esse resultado. Essa é a causa das visões e das aparições. Os Espíritos superiores<sup>53</sup> não precisam de todas essas combinações, porque sua vontade apenas basta para reunir em torno de si os fluidos necessários à manifestação; mas geralmente eles tratam de trabalhar para nos desmaterializar de preferência a materializar-se para nos dar o prazer de vê-los. É preciso um motivo muito grave<sup>54</sup> para que eles se mostrem a nós: são preferentemente nossos pais, nossos amigos, que, por conseguinte, não estão infinitamente acima de nós, embora tenham vivido, que se manifestam assim quando podem. São também Espíritos inferiores que procuram zombar de nós ou assustar-nos, seja por sua aparição, seja por seus maus procedimentos. Isso ainda não ocorre sem a permissão dos nossos guias ou Espíritos protetores.

Antigamente, quando *se viam os mortos*, a Igreja dizia: “*É uma alma sofrida que está pedindo orações!*” Não era então o Diabo, nem mesmo uma alma penada? De que adiantaria que rezássemos por eles? Só podiam ser então as almas do Purgatório, e logo, com *recomendação da Igreja*, era necessário mandar dizer missas para livrar a pobre sofredora das caldeiras e do azeite fervente, porque as penas do Purgatório só diferem das do Inferno pelo fato de que os condenados nele conservam a esperança de vê-las findar.

Quando vemos, sentimos ou ouvimos um Espírito que nos demonstrou manifestar intenções hostis, devemos dizer como a Igreja: *É uma alma sofredora*; nossos guias nos permitiram que ela viesse até nós para que pudéssemos ser-lhe úteis, e então nosso dever é fazer de tudo para conduzir o Espírito mau, rebelde, aos melhores sentimentos. Não devemos nem nos cansar de seus maus tratos, nem cansar de rezar ardentemente por ele, tentando fazê-lo entender o erro que ele faz contra si mesmo atrasando seu progresso, os sofrimentos que prepara para si mesmo quando chegar o momento da expiação. Devemos dar-lhe uma lição prática de amor e de caridade, aplicando-nos a amá-lo verdadeiramente, a derramar sobre ele com alegria e desinteresse o bálsamo das consolações e da prece. Devemos olhar-nos momentaneamente como um bom pai cujo filho seguiu um mau caminho, e esforçar-nos, por todos os meios ao nosso alcance, para trazê-lo para o bom êxito infalivelmente e sentiremos então, apesar de nossa indignidade pessoal, a alegria de Jesus ao encontrar uma ovelha perdida<sup>55</sup> e colocá-la aos pés de seu Pai.<sup>56</sup>

---

VI, VII e VIII do livro: *Os Quatro Evangelho – Resposta a críticos e adversários*, de J.-B. Roustaing, com *Introdução e Notas* de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros, edição particular, Janeiro-2007, Rio de Janeiro. Informações: [jdamas@globocom](mailto:jdamas@globocom)

<sup>53</sup> Imaginem um Espírito puro, como Jesus-Cristo.

<sup>54</sup> No exemplo de Jesus-Cristo o grande motivo é a missão ímpar do salvamento da humanidade.

<sup>55</sup> Mt. 10: 6.

<sup>56</sup> *La Lumière pour tous* (1º ano, Nº 6, quinta-feira, 16 de junho de 1864, pp. 1-2).

## VI - O ESPÍRITO DEPOIS DA MORTE

Sabemos a obrigação que há para o Espírito de reencarnar-se, até que, tendo-se despojado, em cada um de seus envoltórios, de alguns de seus vícios, possa libertar-se deles completamente. Isso diz respeito à existência humana. Vimos também que o Espírito separado do corpo pode tornar-se visível e *tangível*, isto é, que pode tocar-nos ou ser tocado por nós e oferecer a resistência de um corpo sólido<sup>57</sup>. Existe então ainda uma relação entre a alma dos mortos e os vivos? O Espírito que deixou a terra rompeu todos os laços que o ligavam ao corpo que levamos ao cemitério? Não abandonou totalmente o planeta que habitava, esquecendo os que amou aqui?

O Espiritismo nos esclarece ainda sobre esses pontos, e a clareza que ele derrama fortifica nossos corações, acalma nossos temores, *justifica a justiça de Deus!*

O Espírito que revestiu um corpo para purificar-se e, melhorar-se, assumiu uma obrigação; tem um objetivo a atingir, se não atinge esse objetivo, sofre as conseqüências disso. Fracassou; é condenado a reencarnar-se; mas tem a liberdade, salvo algumas exceções, de escolher o gênero de provas que se acha capaz de suportar.

Se, por um excesso de confiança em si mesmo, ou um vivo desejo de progredir rapidamente, ele pegou provas muito difíceis, pesadas demais para ele, Deus, por intermédio dos bons Espíritos que transmitem suas vontades a todo o que, sendo impuro, não pode aproximar-se dele, Deus mostra ao Espírito inexperiente ou ambicioso as desditas que deve encontrar, sua incapacidade e a queda que disso resulta. Mas se ele teima, se o orgulho o arrasta, o Mestre não intervém, e o fracasso que ele experimentar lhe servirá de lição mais uma vez. No entanto, como toda falta traz consigo um castigo, o Espírito saído da prova material deve prestar contas da maneira como se submeteu a ela, a fim de receber o salário que mereceu.

No momento da morte, o Espírito adormece no corpo que vai deixar e desperta na imensidade; mas, como um homem que acaba de ter um longo sonho, que não estava ainda em condições de separar a realidade do sonho, e não tem consciência de estar bem desperto, não sabe que está livre; ele vê seu corpo de carne e seu corpo fluídico, sem entender que possa ser dois; vê seus amigos, seus parentes no seu funeral, admira-se das lágrimas deles, algumas vezes de sua hipocrisia! Só depois de ter passado um certo tempo neste estado, designado por *perturbação*, é que ele entende e se reconhece. Esse tempo ou *perturbação* dura mais ou menos de acordo com o gênero de vida que o Espírito levou. Quanto mais se libertou do corpo durante sua estada na terra, mais lhe é fácil entender sua mudança de posição.

Ele entra então na *erraticidade*, isto é, no estado de Espírito livre no espaço, por um tempo mais ou menos longo, que serve para ele sofrer a penalidade por seus erros ou a prepara-se para fazer melhor. Mas antes de entrar em detalhes sobre o emprego desses períodos de existências espíritas, vamos estudar as relações que continuam a existir entre a alma ou Espírito em liberdade e a alma ou Espírito encarnado; em uma palavra, entre o mundo visível aos nossos olhos e o mundo que se agita sem cessar à nossa volta, sem que nossos sentidos grosseiros possam se dar conta dele.<sup>58</sup>

---

<sup>57</sup> Jesus disse: Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e verificai, porque um Espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho (Lc. 24: 39).

<sup>58</sup> *La Lumière pour tous* (1º ano, Nº 7, quinta-feira, 30 de junho de 1864, pp. 1).



## VII- PENAS ETERNAS

Pensa-se geralmente que uma vez libertada do corpo a alma entre imediatamente num estado de perfeição completa, tendo conhecimento de todas as coisas e sendo inacessível ao mal. Isso para as almas que cremos dever ser felizes, enquanto que as julgadas culpadas pelos homens devem, segundo opinião difundida, padecer, durante *toda a eternidade*, torturas atrozes.

Como os bons Espíritos que nos guiam freqüentemente deram instruções detalhadas a respeito das penas eternas e nos demonstram que Deus é muito bom, sobretudo justo o bastante para não punir eternamente erros cometidos numa existência tão limitada quanto a nossa, adiemos essas comunicações interessantes e vamos dar uma olhadela rápida no estado do Espírito depois da morte do corpo.

Pode-se de maneira razoável pensar que um homem que foi durante sua vida um grande criminoso, seja qual for a natureza dos seus crimes, possa, só pelo fato de ter passado da vida para a morte, tornar-se um ser perfeito, mesmo que tenha tido um sério arrependimento das suas faltas e tenha recebido a absolvição dos homens? Quem leva o homem a cometer más ações, seja de que gênero forem, de que gravidade forem? Seu corpo? Não, pois esse mesmo corpo não é mais que uma máquina que obedece à inteligência que a domina. Então, é o Espírito vicioso, mau por si mesmo, que faz o corpo cometer as ações culposas que atraem o castigo. Então, esse corpo, que é apenas uma massa inerte, nada podendo fazer por si mesmo, não é responsável pelos seus atos.

Quando um carro se desvia do caminho que deve seguir, corre depressa demais, atropela ou fere alguém, acusa-se a carroceria, a boléia ou as rodas pelo acidente ocorrido? Não: atribui-se ao condutor, e quando ele sai do carro, sofre a penalidade por sua imprudência ou por sua maldade; mas porque está fora de seu carro, nem por isso é menos imprudente ou mau; não deixou seus defeitos no assento que ocupava. Da mesma forma, o Espírito não deixa os seus no corpo que desceu à tumba.

Livre, o Espírito mantém os gostos, as idéias, os hábitos que tinha durante sua última existência humana; não gosta de distanciar-se dos locais que freqüentava: Assim, os bêbados se comprazem nos cabarés onde vêem os homens se embrutecerem na embriaguez, e se regozijam quando podem excitá-los a beber. Os licenciosos vagueiam nos locais de devassidão, empurrando para lá os homens, excitando suas paixões brutais; porque o Espírito culpado nunca está contente senão quando arrasta um dos seus irmãos para o vício que o sucumbiu. Não acontece o mesmo entre nós e não procuramos geralmente, para desculpar nossas faltas, arrastar os nossos semelhantes?

Os avaros ou os ambiciosos se comprazem onde o som do ouro pode atingir seus sentidos (não digo seus ouvidos porque os Espíritos, embora tendo corpos da mesma aparência dos nossos, não tem no entanto necessidade de usar os mesmos órgãos que nós para ter as nossas sensações). Os que se sujeitaram à cólera ainda se entregam a ela e, quando se procura moralizá-los ou contrariá-los, não cedendo aos seus maus conselhos, eles se exaltam, quebram os lápis nos dedos dos que os auxiliam em sua manifestação, rasgam o papel, às vezes até sacodem o médium com brutalidade. Outros, grosseiros antes da morte, são-no ainda depois, e respondem com injúrias, algumas vezes até com chulices, aos bons conselhos que se tenta dar-lhes, e tudo isso até o momento em que, cansados de uma posição que os faz sofrer pela impossibilidade em que estão de satisfazer suas paixões, eles

desejam mudar e, para chegar lá, tentam melhorar-se. – Eles entram então na categoria dos Espíritos *sofredores*, expiam seus erros pelo arrependimento, estudam, procuram instruir-se e, quando se crêem bastante fortes recomeçam, num novo corpo, novas provas que os põem em condições de saber até que ponto se aperfeiçoaram.

Os Espíritos gravemente culpados, quando entram no mundo invisível, encontram imediatamente o castigo por seus erros, e todos os terrores do inferno não são nada em comparação com o que enfrentam! Os mais empedernidos são privados da esperança; acreditam-se condenados por toda a eternidade, assim como, tendo levado consigo as idéias, os preconceitos da vida, se lembram de ter ouvido falar das penas eternas e, quando sentem todas as torturas que seus erros atraem sobre eles, torturas morais, bem entendido, mas que eles julgam freqüentemente físicas, materiais, porque não entendem bem sua posição, se transportam a esse inferno de que riram e se acreditam entregues a ele eternamente.

Rezemos a Deus, meus irmãos, para que sua bondade console esses pobres infelizes. Unamo-nos num mesmo sentimento de caridade e de amor. Não esqueçamos que *todos* fomos culpados como eles, que *todos* merecemos o castigo que, infelizmente, ainda o merecemos, porque nenhum de nós pode dizer-se ao abrigo do mal. Assistamos, pois, os que são mais culpados que nós, para que os que são mais elevados nos assistam por sua vez. Rezemos a Deus assiduamente por nossos irmãos sofredores, como os bons Espíritos rezam por nós. Ajudemo-los igualmente com nossos conselhos, sobretudo com os nossos exemplos; porque eles nos vêem, nos ouvem, estão no meio de nós, e devemos dar-lhes o exemplo do arrependimento dos erros passados, da resolução inabalável de não mais reincidir neles, do amor grato e sem limites pelo nosso Criador e da caridade ativa e dedicada aos nossos irmãos.

Quanto aos Espíritos que viveram na terra com vistas a retornar ao céu, que se despojaram o mais que puderam das imperfeições da natureza humana, que praticaram em toda a sua extensão, ou pelo menos tanto quanto suas forças o permitam “*o amor a Deus acima de todas as coisas, e o amor ao próximo com a si mesmos*”, esses, quando são *Espíritos errantes*, isto é, quando deixaram suas roupas de carne para cuidar apenas do corpo leve e invisível para nós que se chama *perispírito*, são como esses viajantes que, depois de uma longa ausência, retornam finalmente ao lar da família. Seus parentes, seus amigos de todas as reencarnações precedentes os esperam, porque os laços de afeto humano se apertam ainda na vida espiritual; quanto mais se é amado na terra, mais se é amado no outro mundo de um amor puro e sadio que nada pode alterar nem perturbar. Eles então assumem seu lugar entre seus irmãos, segundo são mais ou menos avançados no bem, na ciência. Porque, é preciso *saber*, é preciso *instruir-se* para progredir; nós não devemos esquecer que os estudos feitos nesta vida, por mais incompletos que sejam, são sementes que darão fruto no mundo dos Espíritos; da mesma forma que o que aprendemos no estado de *erraticidade* facilita nosso progresso nesta vida, e se mostra algumas vezes como uma lembrança, requerendo apenas algum esforço de nossa inteligência para desenvolver-se. É o que chamamos *uma rica organização, de exposições brilhantes*, que não são senão sementes espíritas que devem frutificar na terra.

Os Espíritos se dedicam a aprender o que ignoram. Eles ensinam o que sabem aos menos avançados. Espíritos errantes ou Espíritos encarnados: habitantes do céu ou habitantes da terra. São *bons Espíritos*, que esperam que seu progresso espiritual os ponha

entre *Espíritos superiores*, isto é, os que não têm mais nada a adquirir nem em bondade nem em ciência<sup>59</sup>.

Comecemos, meus irmãos, este santo apostolado nesta vida. Pratiquemos o amor e a caridade uns para os outros; ajudemo-nos mutuamente com doçura e bondade a desfazer-nos dos defeitos que nos impedem de progredir rapidamente; instruamo-nos uns aos outros. Não há um sequer entre nós que não possa ensinar alguma coisa a um menos avançado que ele. Recebamos com alegria e gratidão as lições que nos são dadas, e demo-las nós mesmos com paciência e humildade. Finalmente, demo-nos todos as mãos para poder subir juntos, mais depressa e com mais segurança, para o reino de nosso Pai, estreitamente unidos como irmãos devem sê-lo.<sup>60</sup>

---

59 Evidentemente que a informação: “[...] nada a adquirir nem em bondade nem em ciência”, é uma instrução relativa a nossa esfera planetária. Émilie Collignon também psicografou o seguinte ensino:

“Ora, como tudo, no Universo, na imensidade, no infinito, tende sempre a progredir, o Espírito, não podendo nunca, por mais adiantado que seja intelectualmente, igualar-se a Deus, tem que aprender sempre, através das eternidades e por toda a eternidade.

“Para o Espírito, portanto, qualquer que ele seja, o progresso intelectual é indefinido, restando-lhe sempre aquisições a fazer em ciência universal, sem que haja limite algum para esse constante progredir” (QE, I, 327).

<sup>60</sup> *La Lumière pour tous* (1º ano, Nº 7, quinta-feira, 30 de julho de 1864, pp. 1-2 e Nº 8, sexta-feira, 15 de julho de 1864, p. 1-2).



## VIII- PUNIÇÃO DOS ESPÍRITOS CULPADOS. – EXPIAÇÃO HUMANA

Já que os Espíritos devem estudar, progredir na ciência e que os estudos humanos servem para o avanço espiritual, certamente se perguntará: por que há loucos, idiotas, pessoas que não compreendem nada, que vivem como animais e nem sempre têm bons, instintos? É uma injustiça de Deus? Nosso Pai despojou voluntariamente um de seus filhos dos meios de ganhar a recompensa da vida futura? Ou então, aquele que nada fez de bom, que não compreendeu o objetivo nem da sua religião, nem da vida, nem da morte; para quem Deus é uma palavra vazia de sentido, que não tem outro culto senão o de suas necessidades materiais que está pronto a satisfazer a qualquer preço, porque matará um homem para lhe tirar duas moedas novas que lhe agradam por seu brilho; esse será recompensado como o homem que se esforçou sempre a viver santamente segundo as vontades do Senhor; que cumpriu com zelo todas as obrigações para com Deus e seus irmãos. Se fosse assim, teríamos de lamentar não ter nascido idiotas, como poderíamos lamentar não ter morrido ao nascermos, porque teríamos tido a mesma felicidade sem ter tido o trabalho de ganhá-la, nem ter corrido o risco de perdê-la.

Geralmente, os teólogos, as pessoas da igreja, seja qual for o culto a que pertencem, só têm para esclarecer-nos a esse respeito uma *chama extinta* que nos deixa sempre na noite da dúvida, como diz um de nossos bons guias. As palavras *mistério impenetrável, decretos escondidos da Providência, secretos desígnios de Deus* são as únicas explicações que podem ou que querem dar-nos. Graças ao Espiritismo, podemos compreender, ver, tocar todos esses mistérios.

Sabemos, e nossa consciência nos demonstra a justiça disso, que nossas más ações devem ser punidas primeiro, e que depois teremos de repará-las por todos os meios ao nosso alcance. Sabendo disso, vamos ver juntos quais são as punições que podem ser impostas aos culpados, desde que se suprimam o fogo, o azeite fervente, os tridentes e os caldeirões de que os diabos se utilizam, dizem, durante toda a eternidade para grelhar, assar ou ferver as almas culpadas que caem em seu poder; quer se trate de pecadoras empedernidas, que cometeram erros após erros, durante a sua vida, ou daquelas que, no fim de uma existência regular, cometeram *um único* pecado mortal, de que não tiveram tempo de purificar-se, porque a morte as pegou de surpresa, de improviso, e muito provavelmente contra sua vontade.

A alma ou Espírito não é uma matéria grosseira e sensível como o corpo; o sofrimento material não pode portanto agir sobre ela. Isso sempre foi reconhecido até por aqueles que nos fazem ter medo do inferno e do diabo, como amedrontamos nossos filhos com a menção ao *Bicho-papão* ou *quarto escuro*.

Os sofrimentos do Espírito culpado e punido são, portanto, todos morais; mas nem por isso menos terríveis, e talvez o sejam ainda mais; porque, em nossas dores físicas, o que as aumenta ou as acalma, é a maior ou menor atenção que lhes damos. Numa dor aguda que nos atormente, distraíamo-nos com uma preocupação qualquer de espírito, e a dor cessa momentaneamente; se a esquecemos, não a sentimos mais. Se nos perguntam como estamos, ao Espírito é lembrada a sensação do corpo e o sofrimento parece duplicar-se. É pois principalmente o Espírito que suporta o sofrimento. O corpo é um meio que lho transmite: se não há mais corpo [físico], tudo é moral. É portanto moralmente que os

Espíritos culpados sentem todas as torturas de que gemem e que seu pouco progresso lhes faz crer que sejam materiais, assim como já explicamos.

O assassino vê sempre suas vítimas; as feridas delas o cobrem com o sangue morno que o queima como azeite fervente; o cheiro o asfixia, e todas aquelas feridas abertas diante dele parecem clamar por vingança!

O rico egoísta e insensível vê os infelizes a quem ele se negou a ajudar; mas é ele que, agora, sofre todas as torturas da fome que lhe rói o estômago; do frio que lhe paralisa os membros e o retém diante desses espectros descarnados!

O avaro, sempre no instante em que conta o ouro que junta com tanto amor, vê ladrões ou seus herdeiros levarem-no zombando dele, gastarem-no aos seus olhos e, apesar de todos os seus esforços, ele não pode pegar uma única moeda de novo.

O que passou a vida nos excessos sente todos os apetites do corpo sem nunca saciá-los; ou observa em si mesmo com horror e nojo a devastação que a libertinagem provoca, seja de que natureza for.

O ateu crê ouvir a voz de Deus que o chama; crê ver as alegrias dos puros Espíritos; o sentimento da felicidade deles parece zumbir à volta dele; ele quer atirar-se em direção aos seus irmãos bem-aventurados, mas é retido por uma força superior, e a voz do remorso grita-lhe sem parar: Maldito! És maldito! Porque Deus permite que os que negaram, apesar de tudo, que foram grandes culpados, tenham durante um tempo mais ou menos longo, segundo a gravidade do erro, o desespero de se crer destinados por toda a eternidade a esta condição.

Pinto esse quadro das penas que os Espíritos condenados enfrentam de acordo com as queixas de alguns Espíritos sofredores; mas é apenas um resumo pálido e muito pequeno.

Seria demasiado longo entrar em mais detalhes, porque todas as faltas, sem exceção, encontram um castigo apropriado à natureza do culpado, ao seu endurecimento. O código do Juiz supremo varia até o infinito; as circunstâncias atenuantes nunca se aplicam senão pelo sincero arrependimento.

É inútil, certamente, explicar ainda que todos os sofrimentos são unicamente morais; que essas vítimas, essas visões, são alucinações, no sentido de que não são as vítimas de verdade que se apresentam aos olhos do assassino; as moedas de ouro que brilham aos olhos do avaro tampouco; nem o corpo material que os vermes roem aos olhos do libertino ou do ateu que deles fizeram sua única deidade, mas uma imagem criada pela hiperexcitação e pelas lembranças do Espírito: imagem que, para eles, tem a aparência de um corpo; e, como os sonhos fantásticos de nosso sono se apagam ao despertarmos, esses quadros horríveis e desesperadores se embaçam pouco a pouco pela ação poderosa do remorso. Escusado dizer que, por fim, tudo o que atinge um Espírito e o tortura é e só *pode ser* espiritual. É inútil dizer que compreendemos todos muito bem que os Espíritos que tiveram de suportar durante sua vida os vícios de seus irmãos têm, também eles, mais o que fazer do que servir-lhes, de instrumentos de tortura. Se eram bons, praticam com ardor a moral que o grande modelo<sup>61</sup> de todas as virtudes nos pregou; eles pagam o mal com o bem, rezando pelos culpados, exortando-os ao arrependimento e fazendo, com a força do amor e da caridade, renascer para a vida espiritual os que lhes tiraram talvez a vida do corpo.

---

<sup>61</sup> Jesus-Cristo (Ver *O Livro dos Espíritos*, pergunta N° 625).

Mas não é o Espírito que deve sofrer tudo: se faliu como homem, é como homem que tem de reparar.

Quando o Espírito começa a reconhecer seus erros, quando o arrependimento abre uma pequena passagem em seu coração, os bons Espíritos, que zelam sempre com ternura por todos os seus irmãos, o ajudam a entrar no caminho da expiação. Eles o consolam, o amparam, fazem-no compreender a bondade de Deus, que pune os culpados para trazê-los para o bem e facilita-lhes sempre os meios de reparar suas faltas. Então, esses bons Espíritos explicam ao arrependido como ele poderá entrar em graça. Fazem-no compreender todos os seus erros passados e os meios de que pode dispor para repará-los. E como é justo que aquele que fez sofrer maldosamente suporte por sua vez o sofrimento que impôs aos outros; como Jesus disse: “Quem ferir com a espada morrerá pela espada”, isto é, “Será feito ao homem como o homem fez aos seus irmãos”, o assassino, recomeçando sua vida humana, aceitou a oportunidade de ser morto traiçoeiramente no momento talvez em que mais se agarrar à vida. O mau rico deve vegetar na miséria e sofrer a recusa ou os maus tratos dos orgulhosos ou dos egoístas. O ateu poderá ver-se compelido a levar uma vida religiosa, ainda que todos os seus gostos o levem em direção ao mundo; ou, sinceramente pior, ele será condenado a viver no meio de homens depravados e blasfemadores cujo contato será para ele um suplício. O orgulhoso será forçado a ser humilde e exposto a humilhações contínuas e imerecidas; finalmente, como não podemos listar todas as faltas humanas e suas conseqüências, e a nomenclatura é infelizmente excessivamente longa, os que abusaram de seu espírito, de sua educação, para deturpar as idéias das massas, para desviar seus irmãos do bom caminho, que pregaram com eloqüência doutrinas corruptoras, que empregaram a riqueza de suas faculdades na perda dos simples e dos ignorantes, esses muitas vezes começam sua existência terrestre num corpo material, tão espesso, que o pobre Espírito que nele mora se torna prisioneiro, mortificado! Ele sente o entrave e não pode rompê-lo. Quer exprimir um pensamento, seus lábios balbuciam palavras incoerentes; quer se servir, de maneira útil, das mãos, elas são insubmissas, ele não pode guiá-las. Quer mudar de lugar, seus pés indóceis não o levam ao ponto que deseja atingir. E, no entanto muitas vezes esse Espírito se liberta da matéria, sente, compreende sua posição, que se torna para ele mais intolerável ainda! O mesmo ocorre com certos casos de loucura, que são expiações de abusos anteriores.

Não devemos, meus irmãos, reunir nossos esforços para aliviar, em tudo que estiver ao nosso alcance, a posição dos pobres Espíritos, condenados a tão rudes expiações? Ainda não é o caso de nos estendermos todos essa mão verdadeiramente fraterna que ampara os fracos, socorre os infelizes, enxuga as lágrimas dos aflitos? Não é o caso de prestar os socorros do coração à aqueles a quem os socorros materiais não consolariam? De sermos cheios de ternura por todos os que sofrem, seja qual for seu sofrimento? É uma associação mútua: os que consolamos hoje nos prestarão talvez seu apoio numa outra existência, porque não temos a pretensão de ser perfeitos, não é? E devemos estar bem certos de que enquanto não o formos teremos de expiar. Façamos então o que um bom Espírito aconselha na *Revista Espírita* de abril de 1863, página 130<sup>62</sup>: Ponhamos à nossa frente a bolsa ruim

---

<sup>62</sup> A mensagem referida por Émilie Collignon intitula-se “Sede severos convosco e indulgente com vossos irmãos (1ª Homília)”, e foi ditada na Sociedade Espírita de Paris, em 9 de janeiro de 1862, ao médium Sr. Alis d’Ambel, pelo Espírito François-Nicolas Madeleine; e a encontramos na edição da FEB (abril, 1863, pp.182-4) com as seguintes palavras: “Cabe aos espíritas sinceros operar esta modificação, levando à frente o saco que contém suas próprias imperfeições, a fim de que, olhando-as continuamente, consigam corrigir-se; e pôr

que leva nossos defeitos e retiremo-los dela, sem cessar, para jogá-los longe. Quanto mais rápidos formos nessa tarefa, mais rapidamente avançaremos na rota do bem; mais fácil será aliviar nossos irmãos do fardo que eles têm de levar.<sup>63</sup>

---

de lado o que contém os defeitos alheios, de modo a não lhes ligar nem ciúme nem malícia.” - A palavra no original que traduz *bolsa* ou *saco* é “poche”.

<sup>63</sup> *La Lumière pour tous* (1º ano, Nº 8, sexta-feira, 15 de julho de 1864, p. 2 e Nº 9, segunda-feira, 1º de agosto de 1864, pp. 1-2).

## **IX- INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS SOBRE OS HOMENS - ANJOS DA GUARDA**

Agora que vimos que não basta, depois de ter carregado durante toda a vida um pesado pacote de vícios, de maldades, de faltas de todo tipo, arriá-lo no momento de transpor as portas da eternidade, e dizer ao bom Deus: “Aqui estou, estou chateado pelo que fiz durante toda minha vida; fiquei muito arrependido durante alguns dias, ora, isso deve ser esquecido, não falemos mais disso, e dai-me um lugar ao lado dos que mereceram sua recompensa.”

Agora que sabemos que nossos vícios são obstinados e se agarram a nós como ervas daninhas que, por mais que se tente arrancá-las do chão, se não se aprofunda no terreno até ao nascimento da raiz, voltam a nascer de novo logo depois ou se arrastam entre a terra até o momento em que podem sair de novo mais fortes, mais vigorosas que nunca; agora, digo eu, vamos falar brevemente da influência do Espírito errante, seja qual for, sobre nossa vida, nossos pensamentos, nossas ações.

Os Espíritos nos circundam de todos os lados; bons ou maus, estão aí, falando conosco, levando-nos em direção à estrada que eles preferem; os bons, para o progresso moral e intelectual, que leva a Deus; os maus, para as faltas que os fizeram condenados e nas quais eles ficariam felizes de nos fazerem cair. Se não os ouvimos, se nossos ouvidos são muito duros para isso, nosso Espírito não é surdo. Ele comunica-se sem cessar com esse mundo invisível; nosso pensamento é o agente que nos põem em relação com ele, e é bom ou mau, segundo frequentemos espiritualmente boa ou má companhia.

Não é preciso dizer, por isso, que se temos maus pensamentos, se cometemos más ações a culpa é dos Espíritos que nos tentam, e não nossa. E nosso livre arbítrio, então, que é feito dele? É nossa consciência, esse tradutor fiel dos avisos de nosso anjo de guarda, esse bom Espírito que se encarregou de nos conduzir-nos, de zelar por nós, desde o momento do nosso nascimento até aquele em que prestamos conta, diante do tribunal de Deus, da maneira como vivemos, e que nunca nos deixa, enquanto durar sua missão junto de nós? Os maus Espíritos, por mais que tentem insuflar-nos o mal, nosso caro guia está sempre ali para dizer-nos: “Estás errado, vais cometer uma ação má, tens um pensamento culpado, és injusto, és depravado, estás colérico, estás bêbado. Por que recusaste um socorro ao infeliz que podias ajudar? Por que foste brutal com palavras ou com ações para com tua mulher, teu marido, teus filhos, teus irmãos, teus empregados, teus criados, quando uma palavra benévola podia trazê-los a ti e dar-te mais talvez do que pedias? Por que negligencias instruir teus filhos de acordo com os teus meios, dar-lhes bons conselhos, bons exemplos? Se eles se tornam vagabundos e libertinos, será por tua culpa, e, por conseguinte, tu pagarás por isso mais tarde. Por que repeles aquele que cometeu uma primeira falta? Serás, talvez, a causa dele se afundar, mais adiante, no vício, e terás de dar conta disso um dia. Por que tens usura ou a provocas? Por que elogias de um lado para escarnecer de outro? Por que espalhas, de um para outro, idéias que sabes que vão semear a cizânia entre teus irmãos? Por que tens tanto amor-próprio quando vales tão pouco? Por que fazes pesar sobre teus irmãos o que sabes ou o que tu és a mais do que eles quando há tantos acima de ti que valem mais do que tu, são melhores que tu e que tu olhas com olhar de inveja? Por que gastas na indolência ou em ocupações culposas um tempo cujo emprego é tão necessário ao teu progresso? Por que és falso, mentiroso, hipócrita? O Senhor não lê no fundo do teu

coração<sup>64</sup>? Por que, quando fraquejas, não procuras apagar teu erro aos olhos de Deus primeiro, por um arrependimento sincero, e aos olhos dos homens por uma confissão simples e uma reparação tão completa quanto o permitem tuas faculdades?”

Por quê? .... Por que tantas perguntas e censuras que nossa consciência nos faz sem cessar, e por que fazemos ouvidos moucos, para escutar com complacência os Espíritos perversos que encorajam nossas paixões, encobrem nossos vícios, nos adormecem e nos levam à perdição muitas vezes porque estão perdidos? É porque temos em nós mesmos germens maus, que os maus Espíritos desenvolvem, porque não fazemos nada para arrancá-los.

O diabo, de que tanto se falou, de que tanto nos quiseram dar medo que hoje ninguém mais nele crê e de que se zomba, o diabo não é outra coisa senão a figura dos maus Espíritos, mas sem chifres nem pés de cabra, e não é sem razão que nos dizem para desconfiar dele.<sup>65</sup>

---

<sup>64</sup> João, o evangelista, escreveu o seguinte sobre Jesus: “Não precisava que alguém lhe desse testemunho de homem algum, pois que ele, por si mesmo, conhecia o que havia no homem” (2: 25).

<sup>65</sup> *La Lumière pour tous* (1º ano, Nº 9, segunda-feira, 1º de agosto de 1864, p 2).

## **X- OBSESSÃO E LOUCURA – SUAS CAUSAS E OS MEIOS DE EVITÁ-LAS**

Já que estamos convencidos das relações que existem entre os Espíritos e os homens, compreendemos que as tendências de uns atraem os outros; que os Espíritos pouco avançados procuram com ardor tudo o que pode ligá-los à terra que acabam de deixar e à qual se agarram ainda por seus vícios. Estudemos agora as conseqüências dessas relações e sobretudo os inconvenientes que delas resultam algumas vezes; porque, como tudo o que diz respeito à humanidade tem seu lado mal, o Espiritismo aplicado ao homem tem seus perigos, de que é fácil proteger-se quando são conhecidos, perigos que não são menores, embora não tenham a gravidade nem a generalidade ridícula que lhes atribuem.

Ocupemo-nos primeiro da obsessão, de suas causas gerais, de seus efeitos diversos.

Sabemos que os Espíritos trazem consigo do outro mundo seus hábitos, seus gostos bons ou maus, que eles procuram naturalmente aproximar-se dos homens sobretudo quando encontram neles uma analogia de sentimentos. Devemos pensar, embora não seja muito lisonjeiro para nós, que atraímos mais Espíritos maus que bons. É essa conseqüência inerente à nossa imperfeição que forçou os pastores de todos os cultos a manter em segredo a possibilidade de comunicar-se com as almas dos defuntos; porque, atraindo os Espíritos pelo efeito da vontade, se teriam multiplicado os inconvenientes que podiam resultar daí.

Vocês sabem que uma chaga atrai moscas; elas a adoram e a envenenam. Todos nós temos essa chaga no fundo do coração, e os maus Espíritos giram sem cessar à sua volta, tentando pousar nela e gangrená-la, se puderem; depende de nós proteger-nos cicatrizando-a o mais rapidamente possível.

Quando um Espírito perverso encontra um homem fraco de caráter, entusiasta sem reflexão, viciado, seja abertamente, seja no íntimo de sua alma, ele se apodera dele. Empregando a astúcia, a persuasão, a força, algumas vezes, ele se estabelece junto dele, domina-o, governa-o e faz com que ele cometa as faltas mais graves, os atos mais ridículos. Quantas vezes não se encerram nas casas de alienados pobres pessoas que só têm por loucura uma fraqueza de caráter ou uma ignorância das causas ocultas que os punha sem condições de lutar contra o impulso secreto que as levava a agir.

Trata-se e ainda se trata desses infelizes com duchas, camisas de força ou água benta. É o caso de dizer então que o diabo ri disso. Porque esses meios não levam a nada. O único remédio a empregar é a prece do *obsedado* pelo *obsessor*; a *prece de todos pelos dois*, mas uma prece fervorosa, sincera, perseverante, e também da parte da vítima um sério giro em torno de si mesma, a fim de fechar hermeticamente e para sempre a porta pela qual o intruso entrou. Quase sempre é pelo orgulho: Não falo aqui das pessoas fundamentalmente viciadas, cujos poros são outras tantas aberturas por onde os Espíritos malfazejos penetram, mas falo dos que passando geralmente por pessoas honradas, que se não estão carregadas demais com esse fardo ruim que cada um de nós carrega, um pouco menos, um pouco mais pesado, nem por isso são menos vítimas dos Espíritos obsessores. Há também, como dissemos, a fraqueza de caráter que leva a aceitar sem controle tudo o que provem do outro mundo, e essa fraqueza não é outra coisa senão a preguiça. É mais fácil admitir, ceder a tudo, que estudar com perseverança, que lutar sem cessar. (Nós não pretendemos falar aqui senão dos que, conhecendo as causas ocultas, têm condições de

avaliá-las). Mas a porta que se abre o mais possível, a porta de dois batentes, repetimo-lo, é o orgulho, fonte de todos os nossos sofrimentos.

É o orgulho que faz acreditar se terá a perspicácia e a força necessárias para resistir, é ele que adormece a razão.

É o orgulho que faz crer que se têm guias tão superiores que eles defenderão seu protegido de todo o ataque. (A elevação que atribuímos aos nossos guias não é um reflexo que nos deve valorizar?).

É o orgulho que nos faz acreditar em palavras melosas, lisonjeiras que os Espíritos zombadores dizem à aqueles que eles querem transformar em joguetes.

É o orgulho que faz crer que não se pode ser enganado, que se é privilegiado, eleito, etc. etc.

Mas, dir-se-á, por que os Espíritos perigosos têm a faculdade de aproximar-se dos homens? Por que Deus não os confina a uma espécie de penitenciária espiritual a fim de pôr o Espírito encarnado a salvo dos malfeitores? Os homens fazem isso com relação aos seus criminosos! Primeiramente, seria talvez um pouco orgulhoso para nós perguntar a Deus o porquê de suas vontades; mas entramos numa série de perguntas às quais os bons Espíritos querem responder e procurarei resumir aqui o que me foi dito por eles a esse respeito; porque devo observar mais uma vez que esse trabalho é apenas uma espécie de compilação das diversas instruções que recebi dos bons Espíritos que querem orientar-me<sup>66</sup>. Os Espíritos maus têm seus guias como temos os nossos; no entanto, crianças insubordinadas, eles suportam com dificuldade o jugo desses professores ternos e devotados, mas que sentem muito acima deles; o que faz com que venham com felicidade ao meio de nós que eles sabem tão desobedientes, tão questionadores, tão revoltados. Se encontram entre de nós os que sejam um pouco melhores, pouco a pouco, o exemplo, os bons conselhos, os serviços prestados acabam por sensibilizá-los; as crianças rebeldes se habitam pouco a pouco ao jugo que lhes impõem os que valem mais que eles e se preparam para seguir seus guias com submissão e reconhecimento. Além do mais o contato dos maus Espíritos, pondo-nos em condição de exercer a caridade para com eles, nos ajuda a julgar o que valemos, a trabalhar com zelo para elevar uma barreira entre ele e nós, baseando-a em virtudes sólidas. Nossos defeitos atraem-nos, nossas qualidades repelem-nos e eles serão substituídos pelos bons Espíritos. Com boa vontade, todos os que conhecem as causas da obsessão saberão proteger-se; o que faz que em lugar de povoar as casas com loucos, o Espiritismo as esvaziará. Não se deve dar de ombros, senhores alienistas; o Espiritismo, *tão funesto à razão*, no dizer dos que utilizam essa arma fraca, na falta de outra melhor, o Espiritismo *esvaziará* as casas de loucos!

Além da obsessão, que o Espírito *sabe* combater, quais são as causas da loucura? NOSSOS VÍCIOS! Deixemos de lado os casos bastante numerosos que provêm de uma exaltação religiosa, de um excesso de estudos abstratos, de uma emoção súbita demais, da perda de um ser amado, de um desespero de amor ... ou de uma febre escaldante; todos os outros casos são o fruto de excessos morais ou físicos.

---

<sup>66</sup> Além de está calcado em *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, como Émilie Collignon ressalta na *Instrução* deste opúsculo e Allan Kardec confirma no anúncio na *Revue Spirite*, na matéria intitulada: *Notas Biográficas* (1865, Setembro, pp. 377-382).



Tomemos a loucura religiosa: o Espiritismo ensina aos homens a desconfiar da exaltação, porque onde há superexcitação não há mais raciocínio e porque é uma ciência que quer ser friamente racional.<sup>67</sup>

---

<sup>67</sup> *La Lumière pour tous* (1º ano, Nº 10, segunda-feira, 15 de agosto de 1864, pp. 1-2).

## XI- SUICÍDIO — SUAS CONSEQÜÊNCIAS

O suicídio é em geral, como os casos de loucura, ou uma expiação ou o resultado de provas a que se sucumbiu. A falta de fé, o materialismo, a covardia moral são as causas comuns do suicídio; mas aquele que sabe que sua alma é um ser que não morre, que esse ser é responsável por seus atos; que se a recompensa do bem é inefável, a punição do mal será terrível.

Aquele que sabe que tem uma tarefa a cumprir, um depósito sagrado a fazer frutificar, sabe também que se escapar antes de cumprido sua tarefa, se enterrar seu depósito<sup>68</sup> em lugar de lhe dar a utilidade a que se destina, depois da falta virão o castigo e a reparação. Ele sabe que quanto mais for preguiçoso e covarde, mais lhe será necessário desdobrar-se em atividade e coragem numa nova existência que só lhe será concedida depois de uma longa e dolorosíssima expiação, porque a pena infligida ao depositário infiel é a mais severa de todas.

O Espírito não pode portanto ir procurar uma morte voluntária; seja qual for o objetivo a que se propõe, é certo que fracassará. É levado pelo desejo de juntar-se a um ser amado? Está convencido de que eternidades de séculos o separarão dele, e de que perderá a esperança de revê-lo para sempre. Quer escapar da miséria, do sofrimento, da vergonha? Será forçado numa próxima existência a carregar ainda o fardo que queria evitar, e o peso será tanto maior quanto menos tiver vontade de carregá-lo. Todas as religiões proscurem o suicídio, muitas até recusam suas preces, última esperança, senão daquele que pôs fim à sua vida, pelo menos dos seus parentes, dos seus amigos; mas a sentença usada contra o culpado é insuficiente geralmente para detê-lo. De que o ameaçam? Do nada? É o fim do sofrimento! Do inferno? Ou ele não crê nisso, ou a idéia que ele tem disso é tão absurda que, embora o espante, é impotente diante dos sofrimentos ou da exaltação do momento. Mas o prisioneiro convencido de que o calabouço em que mora só se abre, se ele forçar a porta, para um outro calabouço mais sombrio, mais infecto; que as correntes que lhe pesam darão lugar imediatamente, se ele as quebrar, a outras correntes mais pesadas que virão cavar seus sulcos nos sulcos já abertos em seus membros doloridos, e que ele deverá tê-las por mais tempo; aquele que esperar pacientemente que a hora da libertação legal tenha soado poderá experimentar todas as alegrias da liberdade conseguida pela perseverança, paciência e submissão. Notemos, de passagem, que o que se bate em duelo incorre em penas iguais, senão mais graves que o suicida; porque não somente atenta contra sua vida, expondo-a voluntariamente, mas também é um *assassino* com frieza e com toda premeditação, senão de fato, pelo menos em pensamento, o que, pela justiça de Deus, é mais ou menos a mesma coisa<sup>69</sup>.

---

<sup>68</sup> Ver *Parábola dos Talentos*: “Mas o que recebera um talento, saindo, abriu uma cova e escondeu o dinheiro de seu senhor” (Mt. 25: 18).

<sup>69</sup> *O Livro dos Espíritos* diz que o *duelo* é um *assassinio* (pergunta N° 757) e para aquele que *sucumbirá é um suicida* (pergunta N° 758).

Na mensagem *O duelo*, recebida pelo Sr L Guipon, um dos destacados médiuns de Bordeaux, inspetor de contabilidade da Companhia de Estrada de Ferro do Sul (119, chemin de Bègles), e ditada pelo Espírito *Teu pai*, ANTÔNIO, em 21 de novembro de 1861, encontramos bem caracterizado o ensino de Émilie Collignon: “[...] o duelo é crime maior ainda porque não é apenas um suicídio, mas também um assassinato premeditado” (Ver RS, 1862, FEB, novembro, pp. 468-73 e *O problema da justiça de Deus e do destino do homem – Mensagens, cartas e histórias espíritas – Obra histórica do Espiritismo de 1863*, de J. Chapelot,

Vemos pelas considerações acima, o quanto os antagonistas do Espiritismo dão prova de ignorância na matéria que tratam, quando pretendem que a crença em existências sucessivas e *solidárias umas com as outras* faz desgostar da vida e leva seus adeptos ao suicídio. O que equivaleria a dizer que os príncipes da Igreja pregam, em suas basílicas, essa derrogação das leis divinas, como um meio de chegar mais rapidamente à beatificação; ou que as leis humanas outorgam o prêmio Monthyon<sup>70</sup> ao criminoso hábil o bastante para evitar seus golpes. Se o Espiritismo faz desgostosa a vida, é da vida que levamos até o momento em que nossos olhos se abriam para a luz. Se ele leva ao suicídio, é ao suicídio do homem velho que deve matar-se para extinguir em si todos os vícios, que deve despojar-se de seu invólucro grosseiro, a fim de que o novo homem possa elevar seu Espírito a partir desta vida e torná-lo mais rapidamente apto à vida espiritual. Mas para isso não se deve transigir com um único dever. O maior é o de chegar ao termo de nossas provas, e só o podemos fazendo todos os nossos esforços para conservar esta vida momentânea que é apenas um instrumento adequado para preparar aquela na qual devemos entrar. O escultor, que conta com a estátua que deve entregar a um juiz íntegro para estabelecer sua reputação, sua sorte, seu futuro, não repele com o pé o instrumento que deve servi-lo, não quebra ao acaso o bloco de mármore de onde deve fazer sair essa estátua; ao contrário, ele o desbasta, desfaz um após outro os ângulos defeituosos, passa e repassa sem cessar o cinzel sobre os defeitos que chocam sua vista, até que tenha tornado sua obra tão perfeita quanto possível.

O mesmo ocorre conosco; somos nossos próprios estatuários. Nossa vida humana é o instrumento que Deus pôs em nossas mãos para modelar e aperfeiçoar nosso Espírito; não nos é portanto permitido rejeitá-lo; devemos cuidar dele, a fim de que nos preste todos os serviços que temos direito de exigir dele; porque, se o quebramos num momento de cólera ou de desânimo, o juiz que espera nossa obra terminada para decidir nosso destino, nos devolverá a tarefa com instrumentos mais defeituosos, e nosso trabalho será maior.

É nosso dever, é de nosso interesse, tratar com cuidado de nossa saúde, segundo as leis racionais e justas da natureza, porque quanto mais fizermos durar nosso corpo, mais livres estaremos para usá-lo para reparar o passado e trabalhar por nosso futuro.

---

Editora Madras, 2005, São Paulo, p. 109). Foi com muita satisfação e dever doutrinário-espírita que resgatamos esta obra junto a BNF – Bibliotheque Nationale de France - e encaminhamos ao então Coordenador da Madras Espírita, o saudoso companheiro e pesquisador Eduardo Carvalho Monteiro, que preparou a edição brasileira. J. Chapelot, pseudônimo literário de Jean Condat, foi uma das principais lideranças do Espiritismo nascente, como destacou J. Malgras no seu livro *Grandes Pioneiros do Espiritismo* (DPL, 2002, São Paulo, pp. 194-6). O título original de sua histórica obra é: *Spiritisme – Réflexions sur le spiritisme, les spirites et leurs contradicteurs – communications, letters et fables spirites* e o prefácio está datado de 1º de janeiro de 1863. Neste livro ele inclui mensagens de destacados médiuns de Bordeaux: Sra Émilie Collignon, Sra Cazemajour, Sr Auguste Bez, Srta Marthe Alexandre e Sra e Sra Guipon.

Em *O Evangelho segundo o Espiritismo* o Espírito Agostinho, em mensagem mediúica também recebida em Bordeaux (1861 – Médiun ?), vai pelo mesmo ensino: “O duelista ... dispõe sempre de tempo para refletir. Age, portanto, friamente e com premeditado designio” (1º ed. Especial, FEB, capítulo XII, item 15, pp. 260-1).

<sup>70</sup> Jean-Baptiste Antoine Auget, Barão de Monthyon - Administrador e filantropo francês (Paris, 1733-1820). Depois de ter sido encarregado de numerosas funções administrativas, antes da Revolução, emigrou para Genebra, depois para Londres. Pôs uma grande parte de sua fortuna a serviço de hospitais, de obras de caridade e fundou em 1782 o prêmio de Virtude (Vertue), atribuído todo ano pela Academia Francesa, ao “francês pobre que tenha praticado a ação mais virtuosa”, assim como um prêmio literário.

ROBERT, Paul, dir. Dictionnaire universel des noms propres. Nova ed. rev. e corrig. Paris: Le Robert, 1987. 1952pp., s. v. “Monthyon”. Nota do revisor.

Não devemos a nenhum pretexto, em nenhuma circunstância de nossa vida, procurar seja por que meio for abreviar nossos dias. Sabemos que provas temos de suportar? qual deve ser sua duração e, por conseguinte, temos o direito de evitá-las? Teríamos uma conta severa a prestar por tal erro. É preciso ouvir as queixas dos pobres suicidas para se ter uma idéia das torturas que eles suportam e do desespero que lhes causa a covardia com a qual suportaram as misérias da vida!<sup>71</sup>

---

<sup>71</sup> *La Lumière pour tous* (1º ano, Nº 11, quinta-feira, 1º de setembro de 1864, pp. 1-2).

## XII- OBJETIVO DA ENCARNAÇÃO — REENCARNAÇÃO E METEMPSICOSE

Já que falamos do suicídio e de suas conseqüências, podemos examinar com que objetivo Deus nos deu a vida humana.

De que vale impor-nos este corpo que nos estorva, que muitas vezes é para nós uma oportunidade de queda? Primeiramente, poder-se-iam repetir estas palavras tão cômodas para resolver todas as questões embaraçosas: *É um mistério que não é permitido ao homem desvendar!* Mas, como nos encarregaram de dar conta, tanto quanto nos permite nossa pouca luz, de todos os MISTÉRIOS que atraem senão nossa curiosidade, pelo menos nosso interesse, vamos procurar raciocinar a respeito.

Deus, criador incriado, único perfeito e puro em sua essência, não pode ser tocado por nada que seja impuro e imperfeito. Nós somos suas criaturas, mas saídas do inexistente<sup>72</sup> por sua vontade; não participamos, desde a origem, nem de sua perfeição nem de sua pureza essenciais, porque seríamos outros tantos deuses, o que poderia ocasionar um pouco de confusão. — Somos portanto criados imperfeitos<sup>73</sup>, tendo Deus apenas a perfeição de toda eternidade. Somos criados simples ou inocentes, já que Deus não pode produzir nada de mau, mas ignorantes, porque só Deus tem toda ciência adquirida em si mesmo.

O Senhor não nos deu a perfeição e a ciência ao criar-nos, porque não teríamos mérito em possuí-las, nem, por conseguinte, direito à recompensa. Quem sabe até, se não tendo feito nada para ganhá-la, ela nos pareceria tão grande? Mas ele nos deu as faculdades necessárias para adquiri-las e fez disso uma obrigação nossa.

Ao criar-nos, a vontade de Deus nos destina, portanto, uma tarefa a realizar e nos fornece o meio de fazê-la. Esse meio é o combate que devemos travar, sem descanso, com o corpo de que somos revestidos: inimigo contra o qual temos de lutar até que, como São Miguel derrotando o demônio e voltando vencedor ao Céu<sup>74</sup>, o tenhamos domado a ponto de torná-lo escravo submisso do nosso Espírito. Chegaremos a esse objetivo com tempo e perseverança. É um inimigo poderoso a dominar, a luta deve ser longa, encarniçada, terrível!... mas também, o preço da vitória será imenso quando pudermos, esmagando com

---

<sup>72</sup> Vide Apêndice I: *A Criação Espiritual*.

<sup>73</sup> Aqui, *imperfeito* não está no sentido de *defeituoso*, coisa inadmissível frente a um Deus *perfeito*; mas, como “não perfeito; não completo; inacabado, incompleto” (*Dicionário Aurélio Eletrônico 3.0*). De outra feita Émile Collignon irá psicografar:

. “Deus, criador, imediato e único, de tudo que é puro e perfeito” (QE, I, 283).

. “O Espírito, obra da vontade divina, criado perfectível” (QE, IV, 249).

<sup>74</sup> Essa é a narrativa simbólica da *Queda dos Anjos* segundo o *Apocalipse*: “Então houve guerra no céu: Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão. E o dragão e os seus anjos batalhavam, mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou no céu. E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, que se chama o Diabo e Satanás, que engana todo o mundo; foi precipitado na terra, e os seus anjos foram precipitados com ele” (12: 7-9).

Sobre essa determinada verdade, Allan Kardec transcreve o ensino de um Espírito que *sempre mostrou superioridade*: “Sua punição é retrogradar; é o próprio inferno. É a punição de Lúcifer, do homem rebaixado até a matéria, isto é, o véu que, doravante, lhe ocultará os dons de Deus e sua divina proteção” (RS, 1858, FEB, outubro, pp. 430-1).

Coube ao missionário Pietro Ubaldi focar luz nesse tema fundamental da metafísica, em suas obras: “*Deus e Universo*”, “*O Sistema*”, “*Queda e Salvação*” e o “*Cristo*”, todas publicadas pelo Instituto Pietro Ubaldi da cidade de Campos dos Goytacazes – RJ.

os pés essa lama que nos envolve, elevar a Deus nosso Espírito despojado de toda impureza. E podemos, desde hoje, meus irmãos, podemos, sim, empregando com discernimento o tempo que nos resta a passar nesta terra, merecer os louros do vencedor, porque o Juiz é indulgente e os bons Espíritos no-lo dizem com freqüência: ele quer a intenção e leva isso em consideração. O que não quer dizer, contudo, que podemos ficar só na intenção; mas que, se nossos atos não forem bons o bastante em si mesmos, Deus, nosso bom Pai, leva em conta nossa fraqueza e sabe generosamente apreciar nossos esforços.

Acontece muitas vezes que, falando da reencarnação ou da passagem sucessiva do Espírito em novos corpos humanos, até que ele seja aperfeiçoado, se confunda essa lei admirável do progresso e da justiça de Deus com uma fantasia que autores muito antigos divulgaram e cuja origem é atribuída a Pitágoras, que vivia aproximadamente há seiscentos anos antes do nascimento de Jesus Cristo, embora se diga que esse filósofo ensinava, mas em segredo, a reencarnação em condições análogas aos princípios que nos são dados a respeito. Essa fantasia, explorada pelos poetas da época, é o que se chama de metempsicose.

A metempsicose consistia, segundo esses autores, em uma reencarnação da alma; mas, em lugar de passar somente do corpo de um homem para um outro corpo humano, as almas, de acordo com esse sistema, passavam indistintamente do homem para o animal e do animal para o homem, conforme a maneira com que tinham vivido; de modo que teu pai podia, segundo esse princípio pouco lisonjeiro para a espécie humana, animar o corpo do teu cachorro, do teu papagaio, ou talvez do boi que se punham a assar para a refeição de tua família.

Essa teoria, por mais ridícula que pareça, tinha no entanto um objetivo moral; era o de fazer que os homens, não menos orgulhos naquela época do que hoje, temessem tão degradantes encarnações, porque elas só aconteciam com os culpados. Mas, como toda invenção humana, essa idéia, tão distante da reencarnação, era essencialmente defeituosa e não pôde resistir ao exame da razão nem do controle do tempo.

O Espírito deve sempre progredir para chegar à perfeição. Qual progresso se queria fazê-lo ter em tão tristes condições?

Não teria sido um retrocesso? E não sabemos que, se o Espírito preguiçoso pode permanecer estacionário, ele nunca volta atrás?<sup>75</sup> Não se deve portanto confundir a metempsicose com a reencarnação, que nos conduz de homem para homem até Deus. Se eu soubesse mais a respeito, citaria ainda um autor antigo que compreendia a reencarnação tal qual ela nos é ensinada; ele estava em comunicação com um bom Espírito que o guiava e lhe tinha dado ciência de coisas ignoradas por todos os de sua época. A vida de Sócrates<sup>76</sup>, morto aproximadamente quatrocentos anos antes de Jesus Cristo, seria muito instrutiva para nós a esse respeito. Infelizmente, não estou apta a falar dele, e se digo algumas palavras sobre essa doutrina da metempsicose é para que os inimigos do Espiritismo, que tentam

---

<sup>75</sup> Émilie Collignon também irá psicografar:

“O Espírito não retrograda, mas permanece estacionário, o que equivale a uma retrogradação, pois que ele é de essência ativa e progressiva. [...] para o Espírito, o estacionamento se torna, ao cabo de algum tempo, fonte de dores e remorsos” (QE, II, 325).

<sup>76</sup> Vide a *Introdução* de “*O Evangelho segundo o Espiritismo*”, item IV: *Sócrates e Platão, precursores da idéia cristã e do Espiritismo – Resumo da doutrina de Sócrates e de Platão* (1ª edição especial, FEB, 2004, pp. 45-57).

fazer desse erro uma arma, confundindo-o de propósito com a reencarnação, encontrem vocês prevenidos e prontos para resistir a suas tentativas mal-intencionadas.<sup>77</sup>

---

<sup>77</sup> *La Lumière pour tous* (1º ano, Nº 12, quinta-feira, 15 de setembro de 1864, pp. 1-2).

### XIII- LAÇOS DE FAMÍLIA — LEMBRANÇAS DO PASSADO

Nas propostas vazias de sentido que usam contra o Espiritismo, vocês freqüentemente terão ouvido citar como conseqüência funesta da crença na reencarnação a extinção dos laços de família. Muitas pessoas pretendem que essas encarnações sucessivas em centros diferentes devem generalizar de tal modo os afetos que essa predileção particular que sentimos por aqueles que estão unidos a nós pelos laços do sangue, ou pelos laços mais poderosos talvez, já que nossa vontade apenas os forjou, de uma simpatia mútua, deve atenuar-se ao dividir-se assim, e que essa multiplicidade de existências e de laços deve tornar indiferentes para nós os da família.

Primeiramente, os Espíritos nos ensinam, com algumas exceções<sup>78</sup>, que as provas começadas juntas continuam juntas. Que os Espíritos, como estão livres para escolher o centro de sua encarnação, o fazem quase sempre no mesmo meio; então, os laços do sangue, sobrevivendo à morte, longe de enfraquecer pelas reencarnações, devem, ao contrário, estreitar-se necessariamente. Se, em certas circunstâncias, o Espírito sofre uma encarnação numa família que lhe é antipática, é para que ele aprenda a superar essa antipatia, a praticar o amor universal, a domar seus maus instintos, a amar enfim como ele é amado, com esse amor imenso que se multiplica ao infinito sem nunca enfraquecer, como a seiva de uma árvore vigorosa e bem cultivada leva a vida a todos os ramos, por menores que sejam, e faz nascer as flores fecundas, os frutos saborosos, e fornece a cada um a parte que lhe convém, sem nada deixar sofrer.

Não acham, ao contrário, que a grandeza do Criador é mais bem sentida ainda nessa lei admirável de reciprocidade, de afeto, de cuidados, de devoção, que faz com que cada um de nós passe e repasse sem cessar por todas as fases do amor da família, estreitando sempre cada vez mais a corrente que nos une, acrescentando-lhe às vezes um novo elo?

O mesmo acontece com essas amizades que nascem nas relações de sociedade, amizades que têm freqüentemente em nós uma velha raiz, dando de imediato um fruto novo e aproximando na terra dois membros encarnados dessas categorias de Espíritos simpáticos, que se reúnem em grupos na imensidão, como o fazemos num círculo de amigos, escolhendo-se, ou, antes, atraindo-se mutuamente pela identidade de bondade, de elevação, de instrução; assim também os Espíritos viciosos se reúnem, atraídos uns para os outros pela semelhança dos maus instintos.

Certamente que a reencarnação não destrói o afeto e entre nós há os que seguramente compreendem a felicidade que se sente quando se vê desde já desenvolverem-se os germes desse amor universal que alimenta com um mesmo olhar de ternura todas as criaturas do Senhor e parece, ao estender-se, aumentar mais ainda, forçosamente, para aqueles que lhes foram especialmente entregues.

---

<sup>78</sup> Nem todos os Espíritos têm o conhecimento da lei divina da reencarnação, como meio de expiação e de progresso para a humanidade. Principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos da América muitos Espíritos se manifestam, ainda, reprovando, por puro preconceito racial, tal lei biológica.

Emmanuel corrobora ao afirmar: “[...] nos Espaços, vizinhos da Terra, onde me encontro, sobram as polêmicas e as vacilações” (*Prefácio* psicografado por Chico Xavier em 28 de outubro de 1936, para a obra *Vida de Jesus*, de Antônio Lima, 3ª edição FEB, 1979, Rio de Janeiro, p. 16).



Como não faltam objeções, dizem ainda: Mas por que não conhecemos os laços anteriores que nos uniram? As dívidas de amor e de devotamento que contraímos? Seríamos mais submissos aos nossos pais, mais vigilantes para com nossos filhos; mais conciliadores, mais ternos em nossas relações íntimas.

Mas, se ignoramos a natureza das relações anteriores, sabemos que elas existiram, que ainda existem e que nos impõem deveres sagrados dos quais nada nos permite afastar-nos.

Perguntam também: Por que não conhecemos as faltas que cometemos, as resoluções que tomamos? Andaríamos seguramente no caminho do bem; o passado iluminaria o futuro.

Como se não houvesse criminosos reincidentes que recebem incontáveis vezes condenações por delitos semelhantes! Condenações que se tornam mais severas na medida em que há mais recaídas voluntárias. O mesmo ocorreria com cada um de nós: conhecendo nosso passado, nossas recaídas seriam tão mais culposas, tão mais punidas, quanto menos desculpas tivéssemos para expor-nos a elas. E, além disso, como um bom Espírito o explicou numa comunicação bastante longa que podemos resumir aqui: Qual seria a sorte de cada um de nós se, conhecendo positivamente as faltas anteriores que cometeu, previsse as conseqüências que elas devem trazer? Que angústias, que terrores perpétuos!

Um que se senta a uma mesa esplêndida acreditaria já sentir as torturas da fome e da miséria que mereceu por ter anteriormente faltado à caridade para com seus irmãos infelizes; torturas que ele teria pedido para sentir por sua vez, como uma graça, a fim de reparar, pela mortificação, as faltas passadas, mas cuja espera seria para ele como aquela espada suspensa à abóbada da sala de festa por um fio de cabelo que, ao quebrar, a deixaria cair sobre a cabeça do conviva condenado! Uma outra daria à luz seus filhos no desespero e nas lágrimas, lembrando que ela foi mãe má ou má filha e, prevendo que seus filhos, que ela ama com uma louca ternura hoje, lhe serão roubados um dia ou serão ingratos e maus, porque, em tal caso, Deus permite que Espíritos maus se encarnem nas famílias que devem ser postas à prova pela má conduta dos filhos; o que põe estes em condições de aproveitar bons conselhos e bons exemplos e entrar no futuro num caminho melhor.

Isso é o que acontece com todos os erros que temos de expiar. Se víssemos o castigo erguer-se diante de nós, por mais distante que fosse, nossa existência seria um longo suplício, e Deus, em sua providência, quis poupar-nos isso. Não nos basta saber que, como a terra é um lugar de provas físicas e morais, nós estamos encarnados nela apenas porque éramos culpados? E quando tiver soado a hora da provação, esse pensamento será suficiente para nos fazer suportar com coragem e até com reconhecimento o castigo que merecemos ou a provação que pedimos para fortalecer-nos. E além do mais, que confiança existiria entre nós se soubéssemos exatamente o passado uns dos outros? Não estamos já prontos a julgar nossos irmãos, a afastar-nos deles a uma simples suspeita, por uma causa tola; e os velhos rancores, tão difíceis de eliminar em nossa curta existência, não despertariam vivos e aguçados à lembrança das afrontas de uma existência anterior? O pai abraçaria o filho com tanto amor, se soubesse que esse filho tão submisso, tão terno, hoje, o assassinou há algumas centenas de anos; e não o veria sempre com o punhal na mão, embora os sofrimentos da erraticidade o tenham transformado de assassino em homem terno e dedicado? Se entre nós, boas mães de família, donas-de-casa eficientes, alguém soubesse encontrar o Espírito de um libertino, nossos maridos estariam seguros numa conversa para ter confiança em nós? Nossos filhos teriam o mesmo respeito?

Deus faz bem o que faz, não nos esqueçamos disso. Acontece algumas vezes, no entanto, que somos advertidos, mas somente com um objetivo sério, e quando nossa curiosidade não está em jogo. Temos então ou uma vaga lembrança do passado, ou um sonho, ou até uma revelação positiva. Mas evitemos provocar<sup>79</sup> esses fatos com o objetivo único de saber, porque neste caso os Espíritos levianos nos dominariam, nos contariam fábulas mais ou menos verossímeis, e poderíamos, por essa porta aberta à indiscrição, deixar entrar um Espírito obsessor.<sup>80</sup>

---

<sup>79</sup> Nem Kardec, nem Roustaing, bem como Pietro Ubaldi, Emmanuel e André Luiz, não aprovam nem recomendam a prática irresponsável, hoje tão em voga, das terapias regressivas. O ensino de Émilie Collignon é atualíssimo e urgente ao alertar sobre o perigo da *porta aberta* à obsessão. Inclusive na psicoterapia, Pietro Ubaldi recomenda com a ciência: “Deixemos de lado, como fez Freud, o método da hipnose” (*Princípios de uma Nova Ética*, 2ª ed. FUNDÁPU, 1983, Campos, RJ, p. 218).

<sup>80</sup> *La Lumière pour tous* (1º ano, Nº 13, sábado, 1º de outubro de 1864, pp. 1-2). No original saiu em evidente engano tipográfico *novembro*.

## XIV- A LEI DO TRABALHO

Vimos com que objetivo nos encarnamos e qual é para nós a necessidade de atingir esse objetivo. Vamos agora dar uma olhadela na lei do trabalho, lei imutável, universal, que o próprio Deus não evitaria<sup>81</sup>, porque sua ação criadora age incessantemente.

Tudo na natureza trabalha. Deus trabalha criando; os Espíritos felizes trabalham dirigindo os mundos e os seres que neles habitam; até a matéria trabalha e sua ação não-inteligente, mecânica, é contínua. Por que então o homem seria liberado dessa lei geral? Por isso ele deve trabalhar, sejam quais forem sua posição e recursos, seja de suas mãos, seja de sua inteligência. Todos concorremos ao mesmo prêmio, mas podemos ganhá-lo de maneiras diferentes. Quanto mais for difícil o trabalho, quanto mais zelo e perseverança tivermos em sua realização, mais depressa receberemos o salário dessa jornada que começou para nós na noite dos séculos passados e deve perder-se na espantosa luz da eternidade.

Infelizmente, o homem, submetendo-se a essa lei, sem poder evitá-la, não compreende bem, em geral, a vantagem que teria de entregar-se sem segundas intenções à sua realização. Ele vê o labor material, sem compreender seu alcance espiritual. Para ele o trabalho é um meio de ganhar o pão cotidiano com o suor de seu rosto<sup>82</sup>, nas lágrimas e no sofrimento; ou então acumular ouro por todos os meios possíveis para obter as alegrias, o bem-estar material, únicas coisas que ele deseja. Resulta daí que uns resmungam ou amaldiçoam, outros abusam ou acumulam, e num e noutro caso as conseqüências são graves, mas sobretudo para aquele que não compreendeu o emprego que devia fazer dos bens deste mundo; que não compreendeu que eles eram um meio perigoso de ganhar os bens do Céu. Por isso, sua dor é cruel quando ele é obrigado a abandonar as doçuras, os gozos materiais aos quais sacrificava tudo, para entrar nu e despojado na vida espírita.

Não esqueçamos nunca, portanto, que os bens da terra não nos acompanham no Céu, a não ser que deles façamos um bom emprego; que o trabalho bem compreendido é um meio infalível de adquirir esse tesouro de que nos falava o Mestre, “que nem os vermes nem a ferrugem podem destruir<sup>83</sup>”.

O labor contínuo e regular é necessário; ele desvia o espírito das ocupações culposas. Porque, notemo-lo bem, o homem tem necessidade de empregar seu tempo para fazê-lo passar mais depressa e, por conseguinte, chegar mais facilmente ao seu termo. Se as ocupações sérias e úteis faltam, criam-se as ilusórias, as perigosas, às vezes, as culposas. É preciso matar o tempo! — dizem com freqüência. Claro, mas para isso não se devem empregar armas envenenadas que se voltam contra nós e nos ferem. Quantos de nós que, para *matar o tempo*, se entregam à libertinagem sob o teto enfumaçado do cabaré ou entre os lambris dourados do hotel, sobre a mesa suja de vinho ou sobre o tapete verde onde o ouro brilha; na casa de baixa prostituição ou no quatinho forrado de seda, e abrem assim no fundo de sua alma chagas tais que séculos de sofrimento e de expiação terão dificuldade para cicatrizá-las.

O espírita não deve cair nesses abusos causados pela ignorância do passado e pela dúvida do futuro; seria mais culpável que um outro.

---

<sup>81</sup> Disse Jesus: “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também” (Jo. 5: 17).

<sup>82</sup> Ver Gênesis 3: 19.

<sup>83</sup> Mt. 6: 20.

Todos temos uma tarefa a cumprir; não faltemos a ela. Vamos procurá-la numa esfera mais elevada que a nossa. Lá onde Deus nos pôs, devemos desenvolver nossas faculdades e fazer frutificar nosso bem moral e inteligente, sem negligenciar o trabalho cotidiano que traz o pão para nossa casa. Não acreditem que o homem, seja qual for a posição social que ocupa, seja o único a ser chamado todo dia a recomençar seu labor habitual: essa tarefa deve ser realizada por todos.

O chefe de família traz ao lar o fruto do seu trabalho: Mas quem deve gastá-lo com bom senso e economia? quem deve zelar pela ordem do interior? quem deve ocupar-se com zelo da manutenção dos serviços caseiros, vigiar o desenvolvimento moral e físico dos filhos; não é a mulher? E em todas as posições, se ela compreende seus compromissos, seus deveres, não deve sujeitar-se a eles?

Se o bom pai de família não deve gastar nem seu tempo nem seu salário, a boa mãe, a boa esposa deve economizar um e empregar bem o outro, porque nem todos os dias futuros podem ser bons!

A doença pode entrar na casa; as enfermidades podem fazer-se sentir, o reverso da sorte pode atingir-nos; não temos de estar prontos para recebê-los? Não devemos economizar do pão de cada dia alguns bocados para o amanhã, e isso em todas as classes sociais? Porque, se não temos precisão disso para nós mesmos, a grande família humana não está aí e não temos sempre irmãos a socorrer?

Trabalhem, pois, com ardor, seja qual for nossa posição social, seja qual for a obra que nos coube; trabalhem com as mãos, com o espírito, com o coração, e teremos a esperança de contentar o Mestre, provando-lhe nosso zelo e nossa boa vontade!<sup>84</sup>

---

<sup>84</sup> *La Lumière pour tous* (1º ano, Nº 14, sábado, 15 de outubro, 1-2).

## XV- LIVRE ARBÍTRIO — DEVERES DO ESPÍRITA — OS TRÊS ASPECTOS DA CARIDADE

Vocês agora entendem, tenho a certeza, que não basta ser *espírita* para cruzar os braços e deixar que trabalhem os bons Espíritos. Vocês tampouco crêem, como certas pessoas que falam do Espiritismo sem conhecê-lo e, por conseguinte, sem compreendê-lo, que a partir do momento em que se é *espírita*, não se tem mais que fazer uso do seu livre arbítrio, isto é, da faculdade de escolher entre o bem e o mal, de querer ou de não querer, de pensar ou de agir *por si mesmo*; que se está sempre sob uma influência estranha a que não se pode furtar, e tantos erros tão pouco racionais. O Espiritismo não inventou os Espíritos, nem a lei dos passaportes inventou os viajantes. Os viajantes chamaram a atenção da autoridade; os Espíritos, a dos povos; eis tudo; havia tantos Espíritos à nossa volta antes da primeira edição dos livros do Senhor Kardec quanto agora. Éramos tão submetidos à sua influência quanto presentemente, e o perigo era maior para nós, porque não sabíamos manter-nos em guarda contra os maus. Nosso livre arbítrio é então hoje o que ele era ontem, o que será amanhã: um direito que o Senhor nos concede, uma liberdade que ele nos dá de pensar e de agir, por assim dizer, fora de sua vontade. Ele se destituiu em nosso favor de uma parcela de sua independência, a fim de nos deixar não somente o mérito, mas também a responsabilidade de nossas obras. Ora, se podemos, pelo livre arbítrio agir (por nossa conta e risco) fora da vontade suprema, com mais razão ainda o podemos fora da vontade dos Espíritos que nos cercam.

Devemos até evitar, com o maior cuidado, entregar-nos em todas as coisas a essa influência que nos parece tão doce quando é boa, que é tão perigosa quando é má, visto que o exercício do nosso livre arbítrio é nosso único meio de merecê-la ou de desmerecê-la.

Se um cego se engana de caminho, não é culpa dele; se ele anda direito com seu guia, é graças ao condutor, que tem todo o mérito disso. Mas nós temos os olhos abertos, os olhos de nossa consciência, que devem estar sempre abertos; e se os fechamos para nos entregar cegamente à mão desconhecida que nos puxa, tanto pior para nós se pegamos o caminho errado; mas, se andamos direito, não poderemos reivindicar nenhum mérito por isso.

A ação dos bons Espíritos sobre nós é o fruto dessa terna solicitude do Pai atencioso, do amigo devotado que nos previne dos perigos, nos mostra os meios mais eficazes de evitá-los, mas deixa-nos livres para aceitar ou rejeitar seus avisos, enquanto que os Espíritos perversos se distanciam de nós quando compreendem que suas tentativas para levar-nos para o mal são inúteis.

Algumas palavras agora sobre as obrigações do espírita, obrigações tanto maiores, tanto mais sagradas, quanto melhor ele compreende suas causas. *O Espiritismo obriga!* dizia um bom Espírito começando uma comunicação sobre os deveres do espírita. Vejamos em que?

Tomemos por divisa *Amor e Caridade*. A partir do momento em que se crê ser espírita, fala-se disso sem cessar; é como uma senha<sup>85</sup>. Está bem, mas não é tudo. Não é nos

---

<sup>85</sup> É o que ensina o Espírito Agostinho (Paris, 1862): “[...] para chegar a Deus, uma só é a senha: *caridade*” (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XIV, item 9, p. 301). O Espírito Vicente de Paulo (Paris, 1858) também corrobora de modo semelhante: “Sede bons e caridosos: essa a chave dos céus, chave que tendes em vossas mãos” (capítulo XIII, item 12, p. 277).

lábios que essas duas palavras devem encontrar-se, mas no fundo do coração. Não é barulho que devem produzir, mas atos, e esses atos se apresentam de mil formas. O amor compreende primeiramente a adoração respeitosa e submissa da criatura para com o Criador, e essa adoração deve refletir-se de alguma forma em tudo o que provém do Mestre soberano.

A Caridade é a manifestação do Amor, por isso deve estender-se grande e forte, mas terna e benfazeja sobre toda a obra do Criador. A Caridade consiste em aliviar as penas físicas ou morais de nossos irmãos; em ser também indulgentes com seus erros tanto quanto severos para com os nossos; em ajudá-los a entrar no bom caminho, se vemos que eles se afastam dele, mas sem barulho, sem ostentação, como humildade até, pondo-nos sempre em seu lugar, e lembrando estas palavras de Jesus: *Fazer aos outros o que gostaríamos que nos fizessem*<sup>86</sup>.

A caridade deve estender-se até aos animais, essas criaturas de Deus, como nós, cuja origem e destinos nos são desconhecidos<sup>87</sup>, mas que vivem sob o olhar dele e que não temos o direito de maltratar, de martirizar sob o vão pretexto de que são *animais* e de que não têm *almas*. São animais, é verdade, mas, desse jeito, não há muitos homens cujos gostos, hábitos, instintos não são mais elevados e talvez o sejam menos que os de muitos de nossos animais domésticos? Eles não têm almas! Mas estamos certos disso? E entre nós, aqueles que não crêem em suas almas, se arrogam o direito de matar ou torturar sem razão os outros homens que eles olham igualmente como privados de um futuro espiritual? Temos tanto de animais que deveríamos ter um pouco de caridade por eles; deveríamos lembrar-nos com um pouco mais de freqüência que eles são, como nós, obra de Deus e que o Pai universal nos pedirá contas de nossa crueldade para com essas criaturas ínfimas, com as quais, como somos mais inteligentes, deveríamos ser mais generosos. Se há uma grande distância entre o homem e o animal, puxa! que distância não há entre Deus e o homem? e sua bondade incansável por nós não deve servir-nos de exemplo?

Os ensinamentos dos bons Espíritos quase sempre versam sobre a caridade, porque ela é a base de todas as virtudes; é a barreira oposta a todas as faltas.

Resumindo o que eles dizem a esse respeito, devemos praticar a caridade de três formas: a caridade da bolsa, que consiste em dar, não somente o supérfluo, mas também em tirar do necessário para aliviar, nos limites de nossos meios e não de nosso egoísmo, os sofrimentos materiais dos nossos irmãos; a caridade do espírito, que deve pôr as fontes de nossa inteligência, de nosso saber, ao alcance de todos, a fim de desenvolver, segundo nossas forças, a inteligência e o saber de nossos irmãos e de ajudar assim em seu progresso moral; a caridade do coração... mas esta é a mais difícil; temos tanto a fazer com nós mesmos para praticá-la!

A caridade do coração compreende o devotamento, o concurso desinteressado, a indulgência, o perdão e, o mais importante, o *esquecimento das ofensas*. Aquele que a pratica deve estar sempre pronto a sacrificar seus gostos, seus interesses, aos gostos e aos interesses de seus irmãos (sempre nos limites do dever e da justiça), deve ser terno e encorajador, não deve ter nunca uma palavra de amargura, deve evitar com cuidado a tagarelice, essas maledicências que se crêem sem importância e que custam algumas vezes mais lágrimas aos que dela são vítimas que a ferida física mais profunda, lágrimas que aquele que as faz verter deverá expiar um dia.

---

<sup>86</sup> Mt. 7: 12.

<sup>87</sup> Ver Apêndice II: *Questões e Problemas*.

Finalmente, a melhor explicação que se possa dar da caridade, seja qual for a forma sob a qual se apresente, é citar ainda e sempre esta palavra de Jesus: *Faça aos outros o que você gostaria que lhe fizessem.*

Ao começarmos este estudo muito abreviado do Espiritismo, falamos de São Tomé a quem, para convencê-lo, Jesus permitiu tocar-lhe as chagas.

Ao terminar, perguntamo-nos se o Senhor, depois de ter dado tais provas ao incrédulo, não estava no direito de esperar dele uma fé bem mais viva, bem mais ardente, uma submissão bem mais completa, uma amor bem maior.

Hoje, meus irmãos, somos todos como São Tomé. A cada um de nós Jesus diz, pela voz dos bons Espíritos: “Vede e tocaí”. Quantos não seríamos culpados, se nossa fé não respondesse a essas marcas de solicitude! Quantos não seríamos culpados se, por uma teimosia estranha, fechássemos os olhos à luz, recusássemos segurar as mãos amigas que os bons Espíritos nos estendem para guiar-nos?

Filhos pródigos<sup>88</sup>, temos viajado muito por estradas desconhecidas e perigosas; o caminho da casa eterna abre-se diante de nós, livre de todos os obstáculos, de toda a escuridão que nos desviava dela. Os serviçais do Pai de família nos chamam e nos mostram nosso bom Pai à nossa espera, à entrada, com os braços abertos. Caminhemos com ousadia, pois, olhando atrás de nós apenas para apagar as marcas dos maus passos que demos, e agradeçamos, do fundo de nosso coração cheio de reconhecimento, a Deus por ter feito a luz; aos bons Espíritos, por no-la terem trazido, e ao homem devotado<sup>89</sup> que nos tornou aptos a vê-la e compreendê-la, ao publicar o *Livro dos Espíritos*<sup>90, 91</sup>.

---

<sup>88</sup> Ver *Parábola do filho pródigo* (Lc. 15: 11-32).

<sup>89</sup> São palavras justas e merecidas estas que Émilie Collignon atribui a Allan Kardec. No banquete de Pentecostes de 1867, em Bordeaux, o Sr Jules Peyranne, o presidente da Nova Sociedade Espírita irá proclamar alto e bom-som: “Para nós, o senhor é um irmão mais adiantado, mais merecedor, talvez, que a maioria dentre nós; porque o senhor trabalhou mais, porque fez mais, porque se elevou por suas obras” (*L’Union*, 3º ano, Nº 1, julho, 1867, p. 19).

<sup>90</sup> A Federação Espírita Brasileira, através do confrade Evandro Noletto Bezerra, adquiriu em 2004 um exemplar raríssimo da 1ª edição de *O Livro dos Espíritos*, 1857, lançada pelo livreiro Dentu. Evandro revela nas páginas do *Reformador* (abril, 2004, pp. 13-4) que tal preciosidade possui “a sua *capa original*, em cor verde-claro”. O interessante é que na obra de J. Chapelot (já citada), *Spiritisme – Réflexions sur le spiritisme, les spirites et leurs contradicteurs – communications, lettres et fables spirites* (1863), o autor fala do *colorido da capa de O Livro dos Espíritos*: “Ela é verde e verde não é o símbolo da Esperança? E a Esperança não é o símbolo da Caridade, que é o nosso lema?”. Mais à frente, na mesma página, ele escreve que os adversários do Espiritismo *reconhecerão* o conteúdo deste livro, no “dia em que decidirem ler o tal livro verde” (p. 39 da edição em português – Madras-SP).

<sup>91</sup> *La Lumière pour tous* (1º ano, Nº 15, terça-feira, 1º de novembro de 1864, pp. 1-2).

## XVI- A MEDIUNIDADE — SUAS CAUSAS — SEUS EFEITOS — DIVERSOS TIPOS DE MÉDIUNS

Até agora, meus irmãos, conversamos sobretudo a respeito do Espiritismo teórico e moral: é tempo de vê-lo na prática; porque é aí que, com algum fundamento, os que o conhecem ou o conhecem mal podem dizer que, em certos casos, é perigoso dar-lhe atenção.

Sabemos que as relações entre o Espírito errante e o Espírito encarnado variam segundo a categoria na qual um e outro se encontram... Vamos agora tratar do *médium*, ou do intermediário entre os Espíritos e os homens.

O que é *Mediunidade*? Uma faculdade totalmente física, por meio da qual um Espírito encarnado fica em condições de receber a inspiração ou o impulso que lhe é comunicado por um Espírito errante. Todo mundo tem, mais ou menos, aptidão para ser médium, mas há um grande número de mediunidades diferentes, de que não se tem freqüentemente consciência ou que permanecem em estado rudimentar, por não serem trabalhadas; porque essa faculdade, como qualquer outra, precisa ser exercida para desenvolver-se. Vamos tentar compreender por quais meios esse impulso ou inspiração se comunica do Espírito para o médium; depois, estudaremos um pouco os diversos tipos de mediunidade.

Hoje todo mundo ouviu falar do magnetismo animal, pelo qual o homem, concentrando a força de sua vontade, liberta de seu corpo, sobretudo pelos olhos e pela extremidade dos dedos, um fluido ou vapor, geralmente invisível quando se está no estado de vigília, que vem combinar-se com o fluido de igual natureza de uma outra pessoa, submetida à experiência. O fluido do magnetizador traz primeiramente uma espécie de entorpecimento no ser material; depois um sono que, em lugar de apagar as faculdades inteligentes, como o sono normal, lhes dá, ao contrário, uma extensão que ultrapassa tudo o que se pode imaginar, quando não se assistiu a esse tipo de fenômeno.

Eu disse que o fluido com que o magnetizador penetra seu *sujet*<sup>92</sup> é geralmente invisível no estado de vigília, porque a pessoa magnetizada o vê perfeitamente quando adormecida, e porque há casos em que, a olho nu e num estado normal, se vê que ele sai dos dedos do magnetizador, seja como gotas de vapor de um rosa vivo e brilhante como fogo, seja formando uma espécie de coluna que apresenta o aspecto do nevoeiro em tempo bom, e que se estende da mão do magnetizador até o *sujet*. Pude constatar por mim mesma esse fato diversas vezes.

Pois bem, a mediunidade não é senão o resultado de uma ação magnética mais ou menos forte, mais ou menos prolongada, que age do Espírito, como magnetizador, sobre o encarnado como *sujet*. Eis por que essa faculdade não é a mesma em todos os indivíduos.

Para que um magnetizador possa trabalhar em seu *sujet*, é preciso que os fluidos de um e de outro sejam tais que possam combinar-se; em outras palavras, é preciso que as emanções do *perispírito* de um venham unir-se ao perispírito do outro, a fim de dar-lhe a

---

92 A palavra “sujet” é usada, normalmente, pelos autores que falam sobre magnetismo, referindo-se ao indivíduo magnetizado, e mantida, no original, pelos tradutores, em virtude de já se ter tornado tradição o seu uso no original. Por causa disso a mantivemos, apenas utilizando o *itálico*, que não existe no original da autora. Nota do tradutor.



força para libertar-se do corpo e entregar assim ao Espírito que estava cativo uma parte de sua liberdade e, por conseguinte, de sua lucidez. Mas se esses fluidos não estão em relação, se a combinação não se faz adequadamente, a libertação e, por consequência, a lucidez ficam incompletas. Vocês também sabem que quando um *sujet* magnético está sob a influência do praticante, recebe, pela vontade deste, o reflexo de seu pensamento, repete as frases, faz os gestos, sente as sensações que lhe são impostas pelo magnetizador.

As causas são as mesmas na mediunidade, mas os efeitos variam muito mais. Um *médium* é um *sujet* mantido, durante um certo tempo, sob a influência de um ou vários Espíritos. Enquanto durar a ação, o médium pensa, age, sente o que lhe impõe o Espírito que o guia. Observemos, antes de prosseguir, que essa influência só pode exercer-se ao ponto de desenvolver-se a mediunidade se o encarnado se presta a isso voluntariamente, ou se, ignorando as causas, ele se entrega. A vontade do encarnado, sendo sempre suficiente para repelir a ação espírita, o que é uma consequência do livre arbítrio, é preciso, para que essa ação fique completa, que haja relação entre os perispíritos; é a imperfeição dessas relações que faz a imperfeição dos médiuns. Um *sujet* magnético, por melhor, por mais lúcido que seja, não opera de modo igual sua liberação com todos os magnetizadores: se houver simpatia mútua, a relação se estabelecerá de imediato e bem; se houver indiferença, será mais demorada, mais imperfeita; se houver antipatia, então haverá uma luta na qual o mais fraco sucumbirá. Se for o magnetizador, ele não conseguirá determinar o sono do corpo. Se for o *sujet*, ele acabará por adormecer, mas os resultados serão maus.

Da mesma forma, sob a influência do magnetismo espiritual, que os Espíritos que deram essas explicações chamam de influência *magnético-espírita*, o médium tem necessidade, para receber com facilidade e devolver com pureza a impressão que tiver recebido, que essa influência seja simpática, nem sempre como pensamentos, como tendências, mas como fluidos.

Se ela é neutra, haverá frieza, indecisão, má interpretação; se é contrária, provocará um verdadeiro cansaço, movimentos desordenados, palavras incoerentes e até inconvenientes.

Este último caso só se apresenta em contato com Espíritos inferiores ou sofredores, que se comunicam, estes para ter orações, aqueles para tentar apoderar-se do médium e subjugar-lo ou, pelo menos, obsidiá-lo. É então que o médium deve usar de toda a força que lhe dão a fé e a prece, seja para aliviar os que sofrem, seja para moralizar e trazer para o bem os que ainda dele se mantêm afastados.

É inútil insistir sobre a subjugação, já que se viu que os Espíritos conservam ainda por um certo tempo os gostos e as tendências que tinham em sua encarnação; é fácil prever todos os perigos que haveria para nós se nos deixássemos dominar por maus Espíritos, que teriam alegria em arrastar-nos para maus pensamentos, más palavras ou para atos repreensíveis. Concluimos daí que muitos casos atribuídos à loucura, à alucinação, à histeria, não eram mais do que o resultado do jugo a que o médium se entregava sem defesa, servindo de médium inconsciente, isto é, ignorante das causas, e por consequência, sem poder ficar em guarda contra os efeitos nem remediá-los; mas aquilo sobre o qual toda a atenção do médium deve concentrar-se é a obsessão, porque ela se apresenta sob mil formas diferentes e tanto mais perigosas quanto menos se desconfia delas. O Espírito obsessivo é geralmente manso em seus movimentos, bajulador meloso nas palavras. Por ele, o médium é privilegiado; suas faculdades são desenvolvidas, ele encarnou para cumprir tal ou tal missão, que só ele obterá a verdade sobre tal ou tal assunto; os que o recusam ou censuram são invejosos, espíritos atrasados, até mesmo obsidiados; é preciso evitar seu

contato, é preciso manter secreto o que se recebe ou então dar-lhe imediatamente uma publicidade que põe o pobre médium enganado sem condições de reparar no futuro o mal que sua credulidade ou seu orgulho provocou. Os bons Espíritos, pelo contrário, embora indulgentes para com as fraquezas, e incentivadores para com os fracos, são frios, mesquinhos em elogios, severos em relação a todas as faltas pessoais de seu médium. Eles agem com ele como bons pais que se dedicam a corrigir com cuidado os defeitos que descobrem em seus filhos, pensando que sempre sobrarão alguns que resistirão aos seus esforços.

Todo espírita, a partir do momento em que se confessa sê-lo, *deve* despojar-se o mais prontamente possível, dos vícios ou das imperfeições que tem; mas, se isso é uma obrigação para o espírita, é uma lei imperiosa para o médium.

Sabemos que o perispírito está sempre em relação com o grau de elevação do Espírito que ele envolve; que as relações entre os Espíritos errantes e encarnados se operam pela afinidade dos perispíritos: quanto mais o médium se elevar moralmente, mais atrairá para si Espíritos elevados, menos terá de temer as más influências. Intérprete da verdade, ele deve tornar-se digno de sua missão; porque, se fracassa, seja por negligência, seja por orgulho, terá de prestar contas severas do mal que tiver causado tanto quanto do bem que não tiver feito.

Resta-nos dizer algumas palavras sobre os diferentes gêneros de mediunidade.

1º Há, e são os mais contraditórios, os médiuns escritores que se dividem em três categorias: o médium intuitivo, isto é, que recebe no cérebro a impressão do pensamento do Espírito que se comunica, mas sem nenhum índice exterior que possa fazê-lo discernir se esse pensamento lhe foi dado ou se lhe é próprio. Só o médium pode julgar se, fora da influência espírita, ele está apto a tratar os assuntos que lhe são confiados, sem tê-los preparado antecipadamente, sem nem mesmo saber, ao começar, sobre o que vai escrever, sem ter de refletir para coordenar as frases, nem de corrigir erros de forma ou de fundo.

O médium semimecânico recebe igualmente a impressão no cérebro, mas tem um movimento mecânico no braço (no sentido de que o braço apoiado na mesa pode escrever); ele o sente arrastar-se a traçar as frases que lhe vêm ao pensamento, sem que esse movimento lhe seja próprio, e as frases parecem-lhe geralmente incoerentes e sem seqüência; a impressão da frase presente apaga a lembrança da anterior e não deixa prever a seguinte.

O médium mecânico, somente sobre cujo braço se opera a ação *magnético-espírita*, tem-no reduzido à condição de um cabo de caneta seguro por uma mão invisível.

2º Os médiuns videntes, cujas faculdades variam igualmente, constituem o médium vidente que chamaremos acidental, que vê às vezes somente os Espíritos numa aparência humana, globos luminosos, paisagens desconhecidas, etc., etc.

O médium vidente habitual, se pode distinguir assim, porque vê, por assim dizer, à vontade, depois da evocação;

O médium extático, que vê sob a influência de uma forte ação *magnético-espírita*, que o põe num estado de sonambulismo.

3º Os médiuns auditivos, que ouvem falar: uns, como se um encarnado lhes dirigisse a palavra em voz alta, outros, como um murmúrio em seus ouvidos; outros ainda, por uma pressão sobre o cérebro, que os faz sentir o contragolpe interior da palavra, como acontece às vezes quando, distraídos, não ouvimos uma palavra ou uma frase que acabam de ser pronunciadas e cuja lembrança vemos como um eco, quando todo som já terminou.

4º Os médiuns tiptólogos que, com a ajuda de uma mesinha, obtêm não somente respostas às perguntas formuladas, mas informações morais, poesias, etc. Esse tipo de mediunidade, bem menos rápida e menos cômoda que a escrita é, sem contestação, para os incrédulos que procuram a convicção, o melhor que se possa desenvolver quando se têm os germes. A independência do Espírito não pode ser posta em dúvida, pois as respostas ou ensinamentos só se obtêm letra por letra, indicadas pelo número de golpes dados pelo pé da mesa que algumas pessoas carregaram com fluido para facilitar o movimento. Não compreendendo bem por que se tinha necessidade de se servir do magnetismo animal sobre o objeto inerte que se quer empregar como intermediário, eis, aproximadamente, a explicação que me foi dada por meus guias ou Espíritos familiares:

A ação espírita tem necessidade, para ocorrer nas condições normais, da combinação dos fluidos humanos com os fluidos dos Espíritos, e os corpos inertes como estão desprovidos dos primeiros, a ação magnética que se opera sobre eles os envolve numa camada desses fluidos que os penetra e os põe assim em condições de receber o impulso dado pelos Espíritos. O mesmo meio é empregado para determinar os efeitos físicos, tais como deslocamentos, ruídos, arrastões, etc., com a diferença que os Espíritos atraem então os fluidos animalizados, algumas vezes sem que o saibam os indivíduos que os possuem fortemente e em quantidade suficiente para obter os resultados propostos. Essas pessoas são chamadas de médiuns de efeitos físicos: há médiuns inconscientes, isto é, que não conhecem sua faculdade, mas servem apesar disso; acidentais, como os médiuns videntes, provocam de vez em quando essas manifestações; finalmente, habituais, que os obtêm por evocação e prece.

Tendo perguntado por que os médiuns escritores são raramente médiuns de efeitos físicos ou tiptólogos, recebi de meus guias a explicação seguinte: O médium escritor atrai para si os fluidos espíritos, se apropria deles, e a combinação se faz nele para produzir a escrita ou o desenho. Os médiuns tiptólogos ou de efeitos físicos, ao contrário, exalam, fora de seu corpo, emanções perispiríticas que envolvem os objetos ou se condensam com os fluidos espíritos para produzir os diversos efeitos obtidos por esses médiuns. Há então atração dos fluidos em uns, emissão em outros. Compreende-se que é raro encontrar um médium cuja organização se preste a essas duas combinações tão opostas.

Resta-nos ainda citar o médium desenhista que desenha flores, rostos, paisagens, mais ou menos corretos, mas, certamente, seguindo um método estranho a todas as regras da arte;

O médium que fala, submetido à ação espírita, adquire a voz, as expressões, algumas vezes até uma afinidade facial com o Espírito que se comunica e de quem ele faz as vezes de órgão para exprimir seu pensamento;

O médium sensitivo, que recebe uma impressão orgânica, seja boa, seja má, segundo a natureza do Espírito que se aproxima.

Os médiuns curadores que, seja pela ação magnética, seja pela comunicação de Espíritos médicos, aliviam seus irmãos sofredores e obtêm algumas vezes curas radicais.

Todo médium deve bendizer a Deus por lhe ter concedido o favor de poder ser útil à humanidade, servindo para divulgar a luz; mas, de todas as mediunidades, a que deve inspirar mais reconhecimento a Deus, que impõe mais deveres para com os homens é certamente a do curador.

Essa exposição das variedades de médiuns é muito restrita, mas envolve o conjunto. Cada categoria se divide em seqüência até o infinito.

Ao terminar essa revisão das faculdades medianímicas, lembremos a recomendação feita no *Livro dos Médiuns* e repetida com tanta freqüência pelos bons Espíritos. É uma faculdade que foi dada gratuitamente ao médium para ser exercida gratuitamente; ela deve servir ao progresso dos seus irmãos e ao seu próprio. Não é, portanto, médium, seja de que tipo for, aquele que faz uma profissão da evocação dos Espíritos e que comercia com suas respostas. Os Espíritos têm uma independência muito maior que a nossa; só podemos pedir-lhes que venham até nós, mas eles podem recusar-se e freqüentemente recusam, sobretudo quando as intenções que presidem à evocação não são puras e desinteressadas; são então Espíritos levianos ou maus que se apresentam, e podem-se prever os resultados de tal conluio. E depois, comerciaríamos os ossos de um de nós que se fosse tirar do túmulo? E se o nosso respeito que se estende a esse invólucro, matéria que o tempo destrói e devolve à massa comum, será menor para o Espírito que o habitava? para a alma de nossos mortos queridos? E pode-se prestar atenção à idéia de fazer pagar, seja com dinheiro, seja com presentes provocados habilmente, os conselhos, o pensamento íntimo daquele que se evoca com risco até de roubar as pessoas, porque não se pode sempre ter certeza de que é o Espírito chamado que se apresenta.

Resta agora responder a esta pergunta tão freqüentemente formulada: É difícil tornar-se médium? Que é preciso fazer para isso?

Para tornar-se médium, é preciso fé.

Para desenvolver os germes que podem existir, é preciso perseverança.

Quase não há nada nos médiuns escritores e nos médiuns tiptólogos, isto é, os que empregam à bateção de golpes, que possa indicar um caminho a seguir para determinar e aperfeiçoar sua faculdade.

Primeiramente, e para qualquer mediunidade, nunca se deve esquecer que o médium se põe em relação não com bufões próprios para fazer rir uma sociedade, mas com a alma dos que deixaram a terra. Ele deve portanto estar *sempre* animado por um profundo sentimento de gratidão e de amor a Deus, que lhe concedeu ou lhe concederá talvez essa faculdade; de respeito para com os Espíritos que ele evoca, se são elevados; de benevolência e de caridade para com aqueles que ele acredita sofredores ou perdidos.

Todo espírita faz bem de tentar a mediunidade pela escrita ou psicografia, porque seus esforços podem revelar nele uma faculdade de que ele não suspeitava. Eis como ele deve proceder. Depois de ter feito a Deus uma prece fervorosa para lhe pedir que permita aos bons Espíritos comunicar-se, e ao seu anjo da guarda, para se pôr sob sua proteção especial e pedir-lhe que afaste os Espíritos do erro e da mentira, ele pega um lápis que toca levemente o papel, tendo cuidado para que o antebraço não se apoie na mesa; algumas vezes tem-se mais facilidade fazendo os primeiros ensaios de pé. Com o lápis mal tocando o papel, o braço oferece menos resistência ao movimento que o Espírito procura imprimir-lhe. Essas precauções só são boas enquanto o dom não está desenvolvido. Manifesta-se então um movimento de vaivém mais ou menos rápido, ora num sentido, ora noutro, de acordo com o braço do médium *aprendiz*, se é mais ou menos recalcitrante em tal ou tal direção. São linhas da direita para a esquerda, círculos, exercícios elementares de escrita, letras, depois, finalmente, palavras. Há médiuns aos quais, embora não sabendo ler nem escrever, os Espíritos deram lições de escrita e que conseguiram obter comunicações<sup>93</sup>.

---

<sup>93</sup> Exemplo semelhante encontramos no Grupo Roustaing, em Arbis, Targon (Gironde), na fazenda *au Tribus* de propriedade do antigo bastonário da Ordem dos Advogados de Bordeaux:

Nem todos os médiuns passam por essas etapas; há os que se formam logo, do mesmo modo que sonâmbulos magnéticos se tornam lúcidos algumas vezes na primeira sessão, enquanto outros têm necessidade de ser magnetizados durante vários meses para se desenvolverem.

É preciso dedicar de dez a quinze minutos por dia a esse trabalho. O médium que começa a formar-se deve evitar fazer perguntas indiscretas; não deve nunca consultar a respeito de seus negócios domésticos ou de lucro, nem procurar erguer o véu que cobre seu passado, nem igualmente o que lhe esconde o futuro. O objetivo do Espiritismo é unicamente moralizador; não devemos esquecer isso.

Que o médium que não consegue escrever não desanime: nos traços embaralhados formados por seu lápis, ele verá talvez um dia surgirem flores, rostos, paisagens ou então o estímulo que lhe é dado o levará a compreender que ele deve exercitar com uma mesa. Ademais, a ação contínua dos Espíritos sobre o médium, cuja organização material é resistente à escrita, pode desenvolver a visão ou a audição espiritual, e até a mediunidade de efeitos físicos.

Para a tiptologia ou mediunidade exercida com a ajuda de uma mesa, eis, em geral, como se procede: é preciso escolher uma mesinha de três pés, sem rodinhas, leve a fim de se obterem efeitos mais rapidamente. Algumas pessoas, animadas pelo mesmo desejo de esclarecer os incrédulos, de ajudar no progresso geral, se põem à volta, pondo suas mãos abertas de modo que o polegar e o dedo mindinho fiquem em cima da beira da mesa; depois, concentrando seu pensamento, elas se unem ao evocador, que reza a Deus e aos bons Espíritos para enviar um Espírito simpático para dirigir os trabalhos. Espera-se assim no recolhimento e na prece que os primeiros movimentos se façam sentir. É preciso algumas vezes esperar pacientemente assim mais de uma hora, e até recomeçar sem sucesso vários dias. Quando a mesa se põe em movimento, são primeiramente oscilações leves, depois ela se mexe erguendo um pé atrás do outro, gira com mais ou menos vivacidade, desce ao solo, ergue-se de novo, solta-se do chão e se ergue. Para chegar até aí é preciso perseverar muito tempo. Uma vez dado o impulso, o que freqüentemente só ocorre depois de várias sessões, pode-se perguntar ao Espírito que conduz os movimentos quais são os médiuns especiais que lhe são úteis. A resposta pode dar-se com uma batida por pessoa, partindo de um dado ponto e parando naquela pessoa que o Espírito quer designar, depois continuar assim, se houver várias.

Se há algumas perguntas a fazer, cujas respostas possam ser *sim* ou *não*, combina-se um certo número de batidas; por exemplo: uma batida para *sim*, duas para *não*. Deve-se ter o cuidado de evitar perguntas de dupla interpretação, a fim de se obterem respostas precisas.

---

“Em geral, essas reuniões são compostas de pessoas que habitam o campo, honestos agricultores ou artesãos entre os quais se encontram um grande número de médiuns, todos surpresos por obter comunicações que os sábios ou os distintos literatos não renegariam. Grande também é a admiração da assistência que conhecia pouco mais ou menos a capacidade literária de cada um. Daí partem as reflexões que, pouco a pouco, discutidas, debatidas, levam cada dia à crença novos incrédulos que, tendo visto com seus próprios olhos os resultados obtidos, e tendo ouvido as explicações do dono da casa, se retiram convencidos e fazem novos adeptos. Por isso, o Espiritismo caminha a passos largos na região” (*Le Sauveur des Peuples*, 11 de setembro de 1864, p. 4).

Outro grande exemplo, dos últimos dias, se vê no famoso médium de Pedro Leopoldo – MG, Francisco Cândido Xavier, com os seus mais de 400 livros a serviço da mediunidade com Jesus.

Estabelecidas as relações, tenta-se o ditado com letras alfabéticas. Uma das pessoas que seguram a mesa diz, uma depois da outra, as letras do alfabeto, até que uma batida designe a letra, que uma outra pessoa inscreve sobre uma mesa ao lado. Obtêm-se assim, com paciência, produtos de uma elevação notável, tais como os ensinamentos do grupo de São João de Angely e as fábulas do Espírito tiptólogo de Carcassone<sup>94</sup>.

Antes de terminar, lembrarei ainda uma recomendação feita pelos Espíritos no *Livro dos Médiuns*, a respeito das crianças. Como a mediunidade provoca um gasto de fluido vital, como a organização material das crianças não é completa, e por conseguinte, como os fluidos podem emanar mais facilmente, o exercício desse dom poderia ser nocivo ao seu desenvolvimento físico, e não devemos esquecer que o corpo é o instrumento que serve para realizar a tarefa; é preciso portanto que ele seja mantido em bom estado; seríamos culpados de alterar por nossa imprevidência ou por um desejo muito vivo de desenvolver nossas crianças, a saúde e a força que devem ajudá-las a suportar suas provas. Por outro lado, o *Livro dos Médiuns* observa com justeza que, como as crianças não estão em condições de compreender a gravidade do ato que cometem, seriam infalivelmente envolvidas por Espíritos levianos e seriam ou desviadas da estrada correta ou expostas à obsessão. Devemos portanto esperar, para fazer delas médiuns, que nossas crianças fiquem suficientemente desenvolvidas fisicamente e aproveitar esse tempo para educar seu Espírito com sábios conselhos e sobretudo com bons exemplos, praticando aos seus olhos os preceitos que lhes ensinamos, de maneira a criar-lhes, por assim dizer, um hábito nascido da aplicação desses dois preceitos: o amor a Deus e o amor ao próximo<sup>95</sup>.

Há muitos espíritas que olham a mediunidade como um favor concedido pelo Senhor; neste caso, poder-se-ia perguntar:

— Por que ela é o apanágio de uns e não de outros?

— Por que há encarnados médiuns inconscientes, que provocam efeitos que lhes são freqüentemente penosos ou que os apavoram, enquanto que outros, apesar de seus esforços, seu desejo ardente, não obtêm absolutamente nada?

Admitindo esse princípio, recairíamos de novo na lei do “bel-prazer” da parte de Deus para com sua criaturas. É o que o bom senso não permite; porque onde reina a arbitrariedade não existe justiça.

Há igualmente alguns de nossos irmãos que, não podendo tornar-se médiuns, olham, com humildade, os que têm esse dom como privilegiados, e para fazer concordar a justiça divina com o privilégio, o que é difícil, pensam que esses eleitos devem ser mais virtuosos, mais puros que os outros homens. A experiência demonstra infelizmente que não é nada disso.

Eis a esse respeito o resumo das explicações dadas em diversas comunicações que tratam da mediunidade e dos médiuns.

---

<sup>94</sup> O Espírito tiptólogo de Carcassone é um Espírito familiar do Sr. Timoléon Jaubert. Este senhor era vice-presidente, à época, do tribunal civil de Carcassone e presidente honorário da Sociedade Espírita de Bordeaux. Ele inscreveu duas poesias mediúnicas, que recebera por meio da tiptologia, na Academia dos Jogos Florais de Toulouse, em 1863, e obteve o primeiro prêmio com uma delas enquanto a outra obteve um elogio no relatório verbal. Kardec deu a notícia na Revista Espírita de 1863, junho, às páginas 251-262 [da edição em português da Revista, publicada pela FEB], onde também publica as duas poesias. Na mesma Revista Espírita de 1863, novembro, às páginas 473-474 [da edição da FEB], Kardec volta a mencionar o Espírito tiptólogo de Carcassone. Nota do tradutor.

<sup>95</sup> Vide a primeira obra dos médiuns Émilie Collignon e J.C.A.R., ditada pelo Espírito Etienne, *Educação Maternal – O Corpo e o Espírito*, Edição particular, Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros, 2006, Rio de Janeiro, [jdamas@globocom.com](mailto:jdamas@globocom.com).

Como já vimos, o Espírito, sendo livre para escolher o gênero de provas que deve suportar, pode escolher também a qualidade da matéria que deve envolvê-lo e servir-lhe de instrumento. Ora, antes de revestir nosso corpo atual, todos, tanto quanto somos, pedimos uma organização material própria à emissão dos fluidos perispiríticos necessários aos diversos efeitos medianímicos, ou nos privamos voluntariamente desses fluidos, seja em totalidade, seja em parte. Daí a facilidade de uns, a dificuldade ou a impossibilidade absoluta de outros. A bondade e a justiça de Deus não podem portanto ser postas em dúvida.

Eis de que ponto de vista devemos encarar a faculdade mediúnica:

Entre os médiuns inconscientes, ela pode ser uma expiação, quando eles têm de suportar uma obsessão dolorosa, cansativa ou revestida com o aspecto da loucura; ela pode ser igualmente um apelo, uma advertência, que deve fazê-los sair de seu entorpecimento moral, vencer sua impiedade, combater seu materialismo pela evidência dos fatos.

Para os iniciados, a dificuldade é um meio de desenvolver a perseverança e de se submeter à prova.

A impossibilidade é uma prova muitas vezes dolorosa, porque priva os que a suportam da felicidade de sentir perto de si seus mortos queridos.

Ela é um escolho a transpor, porque pode esfriar seu zelo, manter a dúvida ou fazer nascer a inveja.

Quanto aos que gozam desse dom, sejam quais forem os efeitos de grau e de natureza, é uma responsabilidade de que pode depender seu destino futuro.

É uma missão que eles pediram e que devem cumprir com devotamento, desinteresse, abnegação, não perdendo nunca de vista que devem trabalhar ativamente para aperfeiçoar o instrumento que põem à disposição dos Espíritos do Senhor.

Pode então haver entre os melhores médiuns, em vista dos resultados que obtêm e da flexibilidade da sua organização mediúnica, Espíritos orgulhosos ou ambiciosos que assumiram uma tarefa acima de suas forças e que fraquejam durante sua execução.

Eis por que, meus irmãos, nunca se deve invejar o dom dos que acreditamos mais favorecidos que nós, nem jogar pedra nos que não são fortes o bastante para suportar o fardo com que estão sobrecarregados; eis por que, sobretudo, é preciso evitar com cuidado esses elogios, prodigalizados de bom grado aos médiuns que obtêm bons resultados, elogios que podem desenvolver neles um sentimento de orgulho e fazê-los esquecer que são apenas simples instrumentos sempre imperfeitos relativamente ao que eles têm necessidade de tornar-se, e que todas as louvações, todos os tributos de reconhecimento só devem endereçar-se a Deus, que permitiu que eles servissem de intermediários para ajudar no progresso geral. Não saberíamos encaminhar-nos nessas últimas considerações.

Eis, creio, meus irmãos, as indicações mais gerais que se possam dar; porque, se fosse preciso entrar em todos os detalhes, isso ultrapassaria em muito não só o círculo de meus conhecimentos mas também o objetivo que me propus ao começar essas explicações. — Que Deus e os bons Espíritos abençoem meus esforços e tornem férteis as terras sobre as quais caírem esses grãos, por menores que sejam, a fim de produzir frutos de fé, de justiça e de amor.<sup>96</sup>

---

<sup>96</sup> *La Lumière pour tous* (1º ano, N° 16, terça-feira, 15 de novembro de 1864, pp. 1-2; N° 17, quinta-feira, 1º de dezembro de 1864, pp. 1-2; N° 18, quinta-feira, 15 de dezembro de 1864, pp. 1-2 e N° 19, domingo, 1º de janeiro de 1865, pp. 1-2).

**DISSERTAÇÕES MEDIÚNICAS**

**DITADAS À SENHORA COLLIGNON**

**COMO APOIO DO TRABALHO PRECEDENTE**



## I- IDE E INSTRUÍ OS HOMENS

“*Ide e instruí os homens*”<sup>97</sup>. — Eis as palavras que Jesus disse aos seus discípulos quando os mandou pregar por toda a terra sua doutrina de amor e de renúncia. Ainda hoje, meus amigos, ele repete: Ide e instruí os homens. Porque os homens têm uma grande necessidade de instrução. Obedecemos e fazemos todos os esforços para fazer com que vocês entrem no caminho do progresso onde o Senhor quer vê-los andar; mas vocês também, meus irmãos, devem participar dessas palavras. Para vocês também Jesus disse: Ide e instruí os homens.

Que cada um de vocês, segundo suas forças, segundo seus recursos, partilhe o que tem de ciência com seus irmãos. Que cada um de vocês vá instruir os que sabem menos. Que divulgue sua instrução, por mais fraca que seja; que partilhe seus conhecimentos com *até mesmo e sobretudo* as criancinhas. Instruam seus irmãos adultos na moral prática. Instruam as criancinhas na ciência da infância. Dêem-lhes, de acordo com seus meios, essa primeira instrução que prepara para maiores esforços. Cuidem bem sobretudo da infância para dirigi-la, porque do primeiro impulso depende freqüentemente a vida inteira. Nunca digam às crianças: *Mais tarde, ele é muito jovem*. Proporcionem à sua força a dose de trabalho; proporcionem à sua inteligência a dose de instrução, mas fertilizem cedo. Que o arado e o ancinho passem *levemente sobre essas terras leves*; mas que passem com cuidado a fim de impedir que a erva má germine.

Preparem as terras virgens para que suas sementes de amor e de caridade possam dar frutos abundantes quando soar a hora da colheita, não negligenciem jamais essas pequenas naturezas que parecem algumas vezes tão ingratas à cultura<sup>98</sup>; dediquem-se, ao contrário, a desenvolver as que prometem menos, porque vocês ajudarão Espíritos cativos a romper sua cadeia. Não negligenciem essas inteligências novas, vocês não sabem o que é a educação da primeira idade; vocês não compreendem sempre o erro que pode causar os maus exemplos, os maus conselhos, os maus propósitos! Não esqueçam pois, nunca, pais e mães de família, que vocês são responsáveis pelo futuro dos Espíritos que são confiados a vocês; que vocês serão responsáveis, tanto e mais que eles talvez, pelo mal que eles cometem se esse mal adquiriu raiz por causa de sua negligência.

E vocês, amigos, que não têm família própria, sejam os pais, os amigos, os guias de todos esses pobres serezinhos abandonados a si mesmos ou entregues a maus exemplos. Façam todos vocês esforços para afastá-los do centro vicioso onde eles podem achar-se. Dediquem-se a desenvolver seu coração, seu espírito. Cativem sua afeição e conduzam-nos com habilidade para longe dos caminhos pedregosos onde seus pequeninos pés tropeçariam e se feririam<sup>99</sup>.

---

<sup>97</sup> Vide Nota Nº 1.

<sup>98</sup> *O Livro dos Espíritos* constata que a fase infantil, em nosso mundo, é *obtusa*; no original francês temos: “*stúpide*” (pergunta Nº 183).

<sup>99</sup> Aqui também temos os institutos beneficentes ou orfanatos. Nos primórdios do movimento espírita surgiu pioneiro o orfanato para meninos, fundado em 1863, do respeitado Sr Joseph-Gabriel Prévot, antigo membro da Sociedade Espírita de Paris. Este orfanato, que cuidava da instrução de 40 a 50 crianças, ficava em Cempuis, no departamento de Oise. (RS, 1863, FEB, outubro, pp. 410-5). Sua desencarnação ocorreu em 1º de maio de 1875 (RS, 1875, maio, pp. 180-20). Outras informações sobre esse abençoado estabelecimento, ver RS, 1874, fevereiro, pp. 49-50. Emilie Collignon mantinha um relacionamento fraterno e interativo com o Sr Prévot, chegando mesmo a internar um jovem chamado Félix nesta instituição (RS, 1877, julho, p. 231). A

Então, meus amigos, a caridade da inteligência é uma das mais nobres caridades, porque ela torna freqüentemente a criança apta a tornar-se um homem capaz e digno de cumprir nobremente a sua missão. Abaixem-se, meus irmãos, para essas criancinhas que estendem os braços para vocês; peguem-nas em seu coração e ponham-nas ao abrigo do contato das paixões daninhas. O Senhor levará isso em conta<sup>100</sup>.

JOSEPH

---

atitude de Émilie Collignon visava o desenvolvimento futuro do menino, pois a creche e a escola por ela presidida em Bordeaux, cuidava carinhosamente de cerca de 20 meninas. Sobre o projeto educacional pioneiro da Sra Collignon, tão noticiado nas páginas imortais da *Revue Sprite*, ver o nosso *Apêndice II*, no livro *Educação Maternal*, já citado.

<sup>100</sup> *La Lumière pour tous*, 1º ano, Nº 20, domingo, 15 de janeiro, 1865, p. 3.

## II- UTILIDADE DO ESPIRITISMO

P. — Qual pode ser para o homem a utilidade do Espiritismo?

R. — A utilidade para o homem é o freio que nossa presença *conhecida* leva às suas paixões, aos seus arrebatamentos. Sempre estivemos aí mas, como não podemos fazer-nos sentir diretamente, só a consciência humana é nossa intérprete. Hoje, Deus permite que façamos compreender mais claramente. A utilidade para o homem é de saber que ele tem, sem cessar, junto de si um juiz inexorável de suas faltas; um amigo devotado, um apoio em suas fraquezas, um advogado sempre pronto a defender sua causa, a interceder por ele junto do juiz supremo. Aquele que sente que há sempre um olho aberto<sup>101</sup> sobre suas ações, terá a contragosto uma circunspeção maior<sup>102</sup>.

A utilidade para o homem é a de ficar bem convencido da ação direta da divindade. Para ele, Deus não é mais uma palavra, representando uma idéia justa e grande, cuja imensidão ele não podia ainda compreender!

Nossa intervenção se torna para vocês a prova irrecusável da existência desse Deus que vocês tantas vezes negaram, esqueceram e contra o qual até blasfemaram! Sem ele, não existiríamos; nossa existência é portanto a prova irrecusável de sua imutabilidade.

P. — Que bem se pode retirar da comunicação com Espíritos que conservam no mundo invisível as paixões que tinham na humanidade?

R. — Os Espíritos conservam ao deixar a vida os defeitos, as tendências que tinham entre vocês; que objetivo vocês devem então retirar de sua intervenção?

Espíritos, vocês não farão mais essa pergunta, quando seus filhos [um dia] elevados tiverem, a partir desta vida que vocês suportam muitas vezes com tanta impaciência, sacudido o jugo das paixões daninhas, tiverem se libertado dos laços da carne e marcharem nas vias do Senhor, depurando-se cada vez mais. Então o Espírito que retorna ao seu Criador retornará quase tão puro quanto era antes de sua primeira falta<sup>103</sup>; então, os homens que tiverem vivendo nos seus globos materiais, não terão mais à sua volta senão Espíritos animados de boas intenções, facilitando-lhes o caminho a percorrer.

---

<sup>101</sup> *Olho aberto*: significativa imagem para *Espírito protetor* ou *guardião*.

<sup>102</sup> (*A crença na presença contínua do anjo da guarda perto do seu protegido se encontra na maior parte das religiões: ela reina sobretudo no cristianismo, mas como artigo de fé, e a fé sozinha não basta mais para o homem. Ele arranca pouco a pouco dos seus olhos a venda que lhe impuseram em seu nome; ele quer compreender, ver, tocar para crer, e é o objetivo que ele atinge pela comunicação espírita.*) – Nota original em itálico.

<sup>103</sup> *O Livro dos Espíritos* aborda sobre esta *primeira falta* do Espírito:

122. Como podem os Espíritos, em sua origem, quando ainda não têm consciência de si mesmos, gozar da liberdade de escolha entre o bem e o mal? Há neles algum princípio, qualquer tendência que os encaminhe para uma senda de preferência a outra?

“O livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo. Já não haveria liberdade, desde que a escolha fosse determinada por uma causa independente da vontade do Espírito. A causa não está nele, está fora dele, nas influências a que cede em virtude da sua livre vontade. É o que se contém na grande figura emblemática da queda do homem e do pecado original: uns cederam à tentação, outros resistiram”.

Émilie Collignon também irá psicografar:

“A encarnação humana, *em princípio*, é apenas conseqüente à primeira falta, àquela que deu causa à queda. A reencarnação é a pena da reincidência, da recaída, pois todas as existências são solidárias entre si” (QE, I, 324).

P. — Que necessidade há de que os Espíritos viciosos se comuniquem com o homem e o forcem a fazer uma escolha difícil e muitas vezes perigosa?

R. — Hoje vocês têm uma escolha a fazer entre nós; mas essa escolha é necessária para a obra, necessária à sua redenção. Homem egoísta, querias que Deus te pegasse pela mão para te conduzir até ele, sem ao menos te dares o trabalho de andar! Não é preciso que ganhes as graças dele? Não é preciso que, ao te facilitar os caminhos, ele te deixe fazer uma escolha entre os caminhos que te serão abertos? Que mérito terias se, desde o primeiro dia, toda dificuldade fosse eliminada? Escolhe, meu filho! Tens bons conselhos, tens conselhos perniciosos, levianos, inúteis; exercita tua inteligência e sobretudo exercita teu coração. Pergunta-lhe o que ele pensa do que te dizem. Pergunta-lhe pelo caminho que leva ao Senhor. Escuta o teu coração porque é ainda nossa voz que ouvirás e essa voz será a voz boa. Exercita tua inteligência, compra a salvação que Deus te envia: o preço não é exorbitante, e nós não deixaremos que te desvies, se desejas firmemente chegar.

Vocês estão cercados de Espíritos bons e de Espíritos maus; mas se Deus permite que seus bons Espíritos, os que amam vocês, que chamam vocês, se manifestem a vocês, para ajudá-los a ir a ele, por que não queres, homem egoísta, que ele permita também àqueles que precisam de socorro e de preces manifestarem-se a ti, a fim de despertar tua compaixão e tua caridade? Admira a sabedoria infinita daquele que é todo amor! os maus Espíritos, cuja presença e influência críticas, te ajudam a chegar a Deus ao provocarem em tí o amor e a caridade. Reza por esses espíritos que procuram arrastar-te entre eles. Mostra-lhes o vazio de sua conduta; mostra-lhes a felicidade que eles perdem; reza por eles, reza diante deles, e logo rezarás com eles.

Essa boa obra te será levada em conta: os Espíritos inferiores se purificarão e as gerações futuras voltarão ao seu Criador, dizendo: “Senhor, cumpri da melhor maneira possível a tarefa que me impusestes!”

Tu pensas: mas por que os Espíritos purificados não rezam por aqueles que são ainda culpados, suas preces não teriam mais poder? Nós rezamos, meu filho, mas, quanto mais nos distanciamos dos vícios da humanidade, menos se aproximam de nós os espíritos maculados. Eles vos preferem, eles vos procuram. Conheces o império do exemplo numa sociedade humana. O exemplo conduz pouco a pouco, mas, se vem de muito alto, é difícil segui-lo. As vossas preces não são tão eficazes segundo o nosso juízo, mas são mais persuasivas para aqueles que são tão corrompidos quanto vós. Eles partilham vossos gostos, vossas inclinações, vossas opiniões e se deixam seduzir pelo vosso exemplo.

Espíritas, rezem, portanto! Vocês melhorarão sua raça, porque preparam para si guias purificados e diminuem o perigo dos Espíritos malfazejos.

P. — Como saber se o Espírito que se comunica é bom ou mau? e em que se torna a personalidade do homem<sup>104</sup> se ele está sem cessar sob uma influência qualquer?

R. — Se queres, médium, saber o sentimento que anima o Espírito que te fala, reza antes de interrogá-lo, mas REZA! e compreende bem a força dessa palavra.

Deus te esclarecerá, tua consciência te conduzirá. Tua consciência! é o amigo que o Senhor pôs junto do teu berço, amigo fiel que nunca te abandona, a quem muitas vezes impões silêncio, mas que, paciente e dedicado, espera sempre o momento em que, mais dócil, ouvirás a voz dele. É esse amigo que te conduzirá junto do Juiz supremo, quando chegar o teu tempo. Escuta-o, pois, caro filho, ele te guiará. Escuta-o, médium, porque logo ele te dirá: “Os conselhos que recebes emanam de um bom princípio, segue-os.” Ou, então,

---

<sup>104</sup> Em termos de autonomia espiritual, consequência do livre-arbítrio.

ele te gritará: “Afasta, afasta o perigo! Reza por aquele que procura fazer com que te percas. Põe-no no caminho do Senhor. Meu filho, prega exemplo para o bem, e o mal se afastará de ti.”

Mas, não venhas perguntar, a cada ato de tua vida: Que devo fazer? Deus deu-te a inteligência. Exercita-a. Deus te deu uma consciência<sup>105</sup>. Deixa-a falar. Se não ageres senão de acordo com nossos conselhos, não és mais do que uma máquina obediente, que bem tirarás disso? Que terás feito do teu livre arbítrio? Pedir-te-ão conta disso. O que responderás?

Pede conselhos para andar nos caminhos do Senhor, eles nunca te serão recusados; mas não venhas, a cada transação de tua miserável existência, perguntar se deves virar à direita ou à esquerda. Teu guia te inspirará, tua consciência, teu amigo te instruirá. Escuta-lhe a voz, mas que tua vontade te conduza. É preciso comprar o reino dos céus, sabes o preço que é preciso pagar.

Coragem, pois, meu filho; Deus te deu a inteligência. Exercita-a. Tem esperança em Deus. Ele te esclarecerá. a aurora da fé começa, segue-lhe o progresso; vê crescer a luz, espera, meu filho, a luz do Senhor se espalhará sobre todos e todos serão iluminados.

Confiança, amor, caridade e oração!<sup>106</sup>

---

<sup>105</sup> *O Livro dos Espíritos* ensina:

621. Onde está escrita a lei de Deus?

“Na consciência”.

<sup>106</sup> A brochura não identifica o Espírito comunicante; nem *La Lumière pour tous* (1º ano, Nº 21, domingo, 1º de fevereiro de 1865, pp. 2-3), onde anteriormente esta mensagem havia sido publicada.

### III- DO CULTO

O culto, meus bem-amados, é a homenagem que a criatura deve ao Criador de quem ela recebeu tudo, ela, que não era mais do que um átomo perdido na imensidão da natureza<sup>107</sup>, e que a vontade do Criador fez aumentar e crescer até o ponto em que vocês estão; ele os fará aumentar e crescer mais até que, despojados das matérias grosseiras que compõem o seu invólucro, vocês possam aproximar-se do trono dele e ouvir, sem tremer, sua voz formidável realizar o julgamento.

O culto não é uma fórmula vã, circunscrita pelos regulamentos humanos e limitados a tal ou tal ritual; o culto do homem a Deus é sua vida, sua vida inteira. O sacrifício que o homem deve oferecer ao Senhor, é seu coração purificado, imolado no altar fraterno.

Espíritas, seja qual for sua fé religiosa<sup>108</sup>, sua fé em Deus é *uma*; seja qual for a forma de seu culto exterior, seu culto é *um*.

Espíritas, não se apeguem a palavras vãs; seu Deus, seu mestre lê em seus corações, sonda seu íntimo e sabe o que pode haver para ele nessas honras prestadas aos olhos dos homens.

Vão aos seus templos, Espíritas, sejam eles quais forem; mas levem lá o amor de Deus sobre todas as coisas; o amor do próximo mais do que a si mesmos. Cristãos, quando vocês se aproximam da mesa sagrada, seja qual for o modo como vocês praticam a confissão de seus erros, confessem-se diante de Deus, na sinceridade de sua alma, e o perdão dele descerá até vocês.<sup>109</sup>

Sejam quais forem os símbolos da sagrada refeição<sup>110</sup> que Jesus tomou com seus apóstolos, aproximem-se da mesa sagrada com o sentimento do dever que vocês cumprem. Que seu espírito não se prenda aos símbolos materiais que seus dedos tocam ou de que seus lábios se aproximam; que seu espírito se eleve e veja seu Deus, enviando em missão junto aos homens impuros, o símbolo da pureza celeste<sup>111</sup>, seu Cristo bem-amado, para ensinar-lhes a vida e a morte segundo o Senhor.

---

<sup>107</sup> Émilie Collignon em outra psicografia permite esclarecer essa frase: “um átomo perdido na imensidão da natureza”. Acompanhemos o ensino espiritual:

“A vida universal está assim, por toda a natureza, em germens eternos, graças a essa quinta-essência dos fluidos, que somente a vontade de Deus anima, conformemente as necessidades da harmonia universal, as necessidades de todos os mundos, de todos os reinos, de todas as criaturas no estado material ou no estado fluídico” (QE, I, 289).

<sup>108</sup> Já transcrevemos o pensamento de Allan Kardec sobre esta questão: vide nota Nº 36.

<sup>109</sup> (É óbvio que essa confissão deve fazer nascer em nós a vontade inabalável de não mais cometer as faltas de que nos reconhecemos culpados; porque se, contando com a indulgência que faz nascer nosso arrependimento, estamos prontos a recomeçar amanhã aquilo por que humildemente pedimos perdão a Deus hoje, a longanimidade dele se esgotará e o castigo será ainda mais severo. O arrependimento do passado só tem força e valor se trouxer bons frutos no futuro.) – Nota original da brochura.

<sup>110</sup> Émilie Collignon também psicografou:

“Nenhuma idéia material devem despertar nos vossos Espíritos a ceia de Jesus com os apóstolos e a comunhão para a qual convida ele os homens. Naquela ocasião, servindo-se dos símbolos do pão e do vinho, que compara ao seu corpo e ao seu sangue, o Mestre fez um último e solene apelo à *fraternidade entre todos*” (QE, III, p. 396)..

<sup>111</sup> A Sra Collignon também psicografou: “Jesus, cuja pureza, cuja perfeição, se perdem na noite da eternidade” (QE, I, 149).

Vejam esse enviado sublime, sacrificando sua vida humanizada<sup>112</sup> pelo amor de vocês; abandonando sua pátria celeste para rebaixar-se ao seu nível<sup>113</sup>; fazendo-se pobre e nu para socorrer sua pobreza, cobrir sua nudez!

Espíritas, não se prendam nunca às formas, mas sempre ao fundo. Deus não é o Deus da matéria, a matéria é podridão<sup>114</sup>, mas ele é o Deus do Espírito. O Espírito é imortal.

Espíritas, seja qual for seu culto, pratiquem-no na sinceridade de seu coração e ele será agradável ao Senhor; e o pastor que chama suas ovelhas estenderá sobre elas seu cajado abençoado e as trará todas ao aprisco, e então, só então, não haverá senão um único pastor e um único rebanho.

O cajado do Pastor é o Amor e a Caridade.

LAZARE<sup>115</sup>

*Nota.* — Devemos observar que nesses conselhos o Espírito não faz nenhuma alusão às idéias religiosas que certas pessoas ligam ao nome de Jesus. Ele no-lo apresenta como enviado de Deus para dar aos homens, sejam eles quais forem, as lições práticas de amor, de devotamento, de caridade, que eles devem seguir para ter êxito. Essas lições se dirigem a todos os homens: sejam eles cristãos, israelitas, muçulmanos, budistas, etc. etc. nem por isso devem praticar menos o Amor e a Caridade; se eles sondam a vida de Jesus sem segundas intenções, sem preconceitos, serão forçados a concordar, como fizeram seus contemporâneos, por mais encarnizados que fossem contra ele, que ele é o Único na humanidade cuja vida foi tão completamente isenta de censura<sup>116</sup>, tão completamente um exemplo de todas as virtudes.

---

<sup>112</sup> Vamos transcrever dois versículos que confirmam o verdadeiro sentido dessa *vida humanizada* em Jesus:  
. “E o Verbo se fez carne e armou a sua tenda em nosso meio” (Jo. 1: 14).

. “Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando o seu filho em semelhança de carne” (Rm. 8: 3).

<sup>113</sup> Paulo de Tarso escreveu que Jesus “a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homem; e, reconhecido em figura humana” (Fp. 2: 7).

<sup>114</sup> Émilie Collignon irá psicografar que o nosso mundo, “na fase de sua formação, saiu do estado de incandescência dos fluidos impuros” (QE, I, 335-6).

<sup>115</sup> A brochura não identifica o Espírito comunicante; mas *La Lumière pour tous* (1º ano, Nº 20, domingo, 15 de janeiro de 1865, p. 3), que anteriormente havia publicado esta mensagem, registra o nome da entidade como Lazare.

<sup>116</sup> “Quem de vós me argüirá de erro? (Jo. 8: 26). Emmanuel explica de forma incomparável tal ensino:

“Todas as entidades espirituais encarnadas no orbe terrestre são Espíritos que se resgatam ou aprendem nas experiências humanas, após as quedas do passado, com exceção de Jesus-Cristo, fundamento de toda a verdade neste mundo, cuja evolução se verificou em linha reta para Deus, e cujas mãos angélicas repousa o governo espiritual do planeta, desde os seus primórdios” (*O Consolador*, F. C. Xavier, 6ª edição FEB, 1976, Rio de Janeiro, pergunta 243, p. 146). Lembro ao leitor que o Espírito Emmanuel é órgão do *Espírito da Verdade* (Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, 1ª ed. Especial FEB, capítulo XI, item 11, pp. 287-8).

Émilie também psicografou que Jesus é “Espírito de pureza primitiva, perfeita, imaculada, que nunca faliu e infalível por se achar em relação direta com a divindade” (QE, I, 302).

## IV- ORIGEM DA ALMA NO GÊNESIS

No início, Deus criou o homem, diz o Gênesis.

Deus fez um corpo, depois o animou com seu *sopro divino*.

Ele dividiu esse corpo para criar a companheira do homem, e seu sopro sempre é que lhe deu vida.

Como é que a mulher, saída das mãos do Criador, material e moralmente, tenha podido cair em falta? Como é que o homem, obra do Senhor, tenha podido seguir os conselhos e o exemplo de sua companheira?

Expulsos do lugar de delícias que habitavam, eles erraram sobre a terra. Então a mulher pariu seu primogênito, Caim, depois Abel.

Quem deu *alma* a essas duas criaturas materiais cuja origem corpórea provinha do homem e da mulher, *obras divinas*?

Caim, desde tenra idade, era sombrio, taciturno, ciumento, colérico. Abel, ao contrário, era de natureza doce e conciliatória.

De onde provinha essa diferença entre dois seres criados a tão curta distância um do outro, saídos da mesma cepa humana, tendo recebido uma alma do mesmo Criador?

Na idade adulta, Caim era lavrador, Abel era pastor. Ambos ofereceram um holocausto ao Senhor: o de Caim foi recusado; o de Abel, aceito. Por que essa preferência?

Essa preferência é motivada pela diferença que existia entre os dois irmãos: um era justo diante de Deus, e o outro culpado já pelo pensamento.<sup>117</sup>

Caim sentiu seu coração possuído pelo ciúme; ele esperou o irmão e matou-o.

Primeiro sangue derramado na terra!

Quem o derramou?

Caim, chamado pelo Mestre soberano que lhe perguntava: Que fizeste de teu irmão? respondeu: “Senhor, tu me tinhas dado a guarda dele?”

E o Senhor expulsou-o da sua frente, amaldiçoou-o a ele e à sua raça, e lhe pôs na testa uma *marca sangrenta* que o tornaria reconhecido por todos os homens!

Expliquem agora, se puderem, as causas desses acontecimentos *simbólicos*, apressamo-nos a dizê-lo. Procurem, na origem do mundo habitado, tal como no-lo pintam, a justiça de Deus, e vocês verão no primeiro dia, na primeira tentativa de criação, a injustiça e sempre a injustiça a presidir todos os atos.

Deus criou o homem e a mulher com uma alma fraca, fácil de enganar, com tendências ao orgulho e à ambição.

Deus, onipotente, sabia que criava uma [alma] culpada que não deixaria de fraquejar. Suas promessas eram mentirosas, seus dons eram então um logro? Ele dava com uma das mãos, sabendo que, imediatamente, ele tomaria com a outra.

Os filhos nascidos do primeiro homem devem a quem essa diferença de sentimento que se manifesta desde o berço? A Deus, que pôs no corpo de Caim uma alma cruel; que desenvolveu nele os instintos sanguinários que o levaram a matar o irmão?

---

<sup>117</sup> “Mas do ponto de vista em que se colocou o Espírito que ditou esse pensamento, a alma é proveniente de Deus, suas tendências são inerentes à sua natureza, e o homem não deveria ser punido se suas tendências são ruins?”. Nota original da brochura



Não foi o Criador que formou essa alma? O Criador, dotado de toda ciência, não sabia que Caim sucumbiria às tendências que tinha recebido antes de ter nascido, e que germinavam nele ainda no ventre da mãe?

Então ele estava destinado, e também sua raça, sem misericórdia, sem remissão, ao crime, à sentença, à expiação! Que digo? À expiação? Existe isso? À condenação eterna, isso sim! Enquanto Abel, submisso aos seus instintos pacíficos a que só tinha que abandonar-se, interrompido em sua existência terrestre, que teria podido mudar com o tempo, recebe a recompensa dos justos, recompensa que Deus lhe destinou ao formá-lo, porque vocês admitem que o Senhor tem a presciência; sem ela qual seria seu poder?

Vejam, meus irmãos, em quais erros, em quais faltas suas más interpretações os jogaram. Vocês acusam Deus, modelo de sabedoria e de justiça, de desrespeitar as leis mais simples da justiça e da sabedoria, e qual de vocês, pais de família, é aquele que daria ao filho uma ordem que ele não pudesse cumprir, ou um peso que ele não pudesse carregar, só com o objetivo de oprimi-lo com cólera?

A figura simbólica da criação do homem e da mulher, únicos habitantes do mundo, faz entender a união que deve existir entre esses dois seres destinados à perpetuação das raças. Se Deus criou par é para que continue par.

O crime de Caim é infelizmente o símbolo dos instintos da humanidade, e a maldição que pesa sobre sua cabeça indica aos encarnados<sup>118</sup> que de geração em geração eles devem expiar seus erros, mas seus erros pessoais, não os de seus ancestrais.

Deus marcou Caim na testa, a fim de que ele fosse reconhecido pelos outros homens, e para que nenhum deles o matasse.

Vocês entenderam, meus amigos, o contra-senso dessa sentença e suas conseqüências?

Caim e Abel eram os únicos filhos de Adão (Seth, terceiro filho de Adão, só nasceu depois da morte de Abel). Ora, quais homens Caim poderia encontrar? seus filhos ainda eram pequenos; os filhos de Abel? Mas Abel morreu sem descendentes.

Não vêm nessas palavras uma prova cabal da reencarnação? Uma prova da expiação que se segue ao crime, e cujo selo permanece marcado de geração em geração *material* na testa do culpado que reveste alternadamente essas formas novas para apagar a mancha sangrenta que o assinala aos olhos de seus irmãos. Compreendam bem todos essa lei de que falamos sem cessar, e de que nunca falaremos o bastante, porque nela repousam os fundamentos desse edifício que construímos, templo de luz e de verdade.

Sem a reencarnação, nada há de justo, nada há de racional; com ela, tudo justiça, tudo esperança, tudo amor.

Mas nada de erro, nada de segundas intenções. O homem, Espírito errante ou Espírito encarnado, deve progredir sem cessar: é uma marcha lenta para os indiferentes, rápida para os eleitos (entendemos por eleitos não os favorecidos, mas os que têm o desejo de conseguir). Mas é uma marcha incessante. Desde a formação de seu planeta, época em que vocês foram lançados<sup>119</sup> como germes informes nesta terra ainda virgem, até o

---

<sup>118</sup> *Encarnados* ou caídos. Émilie Collignon psicografou: “[...] a encarnação humana não é uma necessidade, é um castigo ... E o castigo não pode preceder a culpa” (QE, I, 317).

<sup>119</sup> *Lançados*: é uma imagem da *queda espiritual* do ADAM narrada no Gênesis: “O YHWH ELOIM o lançou fora do Jardim do Éden, a fim de lavar a terra de que fora tomado (Gn 3: 23).

YHWH é Jesus, o Governador do planeta Terra e dos “mundos etéreos” de nossa vizinhança. ELOIM é o plural de EL: os deuses ou Espíritos Puros. YHWH-ELOIM é, então, a “comunidade dos seres angélicos e

momento esperado em que vocês retornarão aos mundos etéreos, em que seu aperfeiçoamento os chama, vocês devem progredir, progredir sem cessar, e é só passando e repassando sempre pelas provas variadas da encarnação, que vocês poderão chegar ao grau da escala<sup>120</sup>.

Que aqueles que negam as encarnações sucessivas apresentem um sistema melhor. Que expliquem de maneira mais satisfatória todos esses fatos inexplicáveis de suas existências, e nós nos retiraremos vencidos!

Nós esperamos, meus irmãos, mas até lá, creiam. Oh! creiam e tenham esperança! Como o inseto que sai da terra para arrastar-se no chão, depois fechar-se em sua crisálida e despertar finalmente ornado de cores sedutoras para elevar-se em direção ao céu, vocês foram larvas informes<sup>121</sup>; vocês passaram por todas as fases da deformidade, da baixeza, da ignorância, do crime. Vocês chegaram no momento em que a crisálida se anima sob a mão que a toca; onde ela sente que dentro dela deve desenvolver-se uma existência nova. Esperem, pois, com confiança sua transformação; desenvolvam suas asas, nós sustentaremos vocês e, empurrados por nosso sopro amigo, vocês se laçarão para essas regiões abençoadas onde tudo é amor, fraternidade, glória e esplendor<sup>122</sup>.

SIMÉON, *por* MATTHIEU

---

perfeitos, da qual é Jesus um dos membros divinos” (Emmanuel, *A Caminho da Luz*, F. C. Xavier, FEB, 1975, Rio de Janeiro, p. 17).

*Jardim* significa algo *cercado* ou *protegido*. *Éden* quer dizer *delícia* ou *harmonia*. Então, temos uma específica *morada espiritual* que poderia ser chamada de *Colônia Harmonia*, e que abriga o Espírito consciente que não cometeu a “primeira falha” ou “pecado original”. Se um Espírito vier a falir, o Governador (YHWH), assessorado por sua equipe espiritual (ELOIM), autoriza e planeja a *encarnação* dele na crosta planetária, visando o cultivo das virtudes espirituais infringidas e esquecidas. Se ele reincidir, tiver uma *recaída*, ele *reencarna* quantas vezes for necessário no carreira evolutivo.

<sup>120</sup> *Espírito Puro* ou *Perfeito* (*O Livro dos Espíritos*, perguntas 112 e 113).

<sup>121</sup> Vide Apêndice III: *A Encarnação Primitiva*.

<sup>122</sup> *La Lumière pour tous* (1º ano, Nº 22, quarta-feira, 15 de janeiro de 1865, pp. 2-3).

## V- ONDE SE ENCONTRA A JUSTIÇA DO SENHOR

Reúnam-se todos sob o olhar de seu Pai, filhos perdidos, venham ao chamado que retumba<sup>123</sup> de todos os lados.

Nós não vimos curar os que estão com saúde; não vimos trazer ao centro do rebanho a ovelha tranqüila e submissa que nunca se afastou dele; vimos, pelo contrário, pela voz daquele que nos envia, chamar os que se perdem, curar os que estão doentes, consolar os que choram, e por isso vimos mostrar-lhes a rota que devem seguir para voltar ao redil; o tratamento a que eles devem submeter-se para recuperar a saúde, a esperança que podem ter para secar suas lágrimas.

Dêem, meus bem-amados, uma rápida olhadela nas causas de seus sofrimentos, e tentem compreender quais são os seus efeitos.

Na vida humana, um nasce para a dor, outro para a alegria; este vê tudo sorrir-lhe, aquele vê destruírem-se suas esperanças! Por quê? O que fizeram uns para sofrer e outros para serem felizes? Que fizeram, a não ser nascer completamente nus e fracos, sair do seio da mãe manchados com o pecado original<sup>124</sup><sup>125</sup> que devem apagar cada um segundo suas forças, suas aptidões, sua coragem, sua perseverança.

Oh! quantos de nós vemos essas pobres criaturas acusarem o céu do destino que lhes coube! Quantos de nós as vemos amaldiçoar porque não compreendem! Quantos, que são fracos e temerosos, ficariam tranqüilizados com uma palavra de consolo e de esperança, e se distanciam cada vez mais, por não ouvi-la ressoar.

Vocês amaldiçoam o céu, vocês acusam Deus de injustiça, e teriam talvez direito de fazê-lo percorrendo com um olhar frio e seco o curso dos acontecimentos de sua vida.

Sim, vários poderiam dizer: Deus é injusto, Deus é inflexível, somos condenados ou absolvidos antes de nascer, e sejam quais forem nossos esforços, nosso destino está decidido! Não vêem o homem fraco que um revés arrasa logo, incapaz de suportá-lo, rebelar-se contra a mão que o atinge? E vocês se perguntam: por que o Pai enviou uma prova acima das forças do filho? Ele tinha previsto que este sucumbiria sob o fardo: estava, então, condenado desde o ventre da mãe? Ó Deus! Onde está a justiça? Onde está tua equidade?

Por que a riqueza foi dada ao homem duro, egoísta, orgulhoso, que faz mau uso dela? Sabias muito bem, ó Deus, que seus instintos seriam maus, porque foste tu que o criaste; sabias que ele desviaria teu bem de seu verdadeiro emprego. Ele estava então condenado antes de nascer, já que devia sucumbir? Por que o infeliz nasce na miséria exposto a todas as tentações, a todos os vícios, sem guia, sem amparo? És tu, ainda, Senhor, que o atiraste nesse centro infecto cujo contágio o apodreceu até a medula dos ossos e

---

<sup>123</sup> “As grandes vozes do Céu ressoam como sons de trombetas, e os cânticos dos anjos se lhes associam” (O Espírito de Verdade, *Prefácio de O Evangelho segundo o Espiritismo*, 1ª ed Especial FEB, p. 21).

<sup>124</sup> O pecado original só pode ser considerado do ponto de vista dos erros que cometemos pessoalmente numa existência anterior, e que devemos apagar por nossa conduta atual. Deus é bom demais, sobretudo justo demais para nos tornar responsáveis por um ato realizado há milhares de anos, quando provavelmente nem estávamos criados. Nota original da brochura.

<sup>125</sup> Aqui o Espírito comunicante questiona o absurdo teológico de se interpretar o “pecado original” como pagamento de erro atribuído a terceiros. Segundo *O Livro dos Espíritos* (perguntas 122 e 262) e *Os Quatro Evangelhos* (QE, I, 281-336), o “pecado original” é a primeira falta cometida pelo Espírito em sua trajetória evolutiva; pecado que ele mesmo terá a responsabilidade de expiar e resgatar através da encarnação.

gangrenou seu coração? Ele chafurdou na lama, renegou aqueles cujos benefícios nunca sentiu, e amaldiçoou. Então ele também estava condenado no seio que o engendrou, porque sabias, ó Deus, que ele, o infeliz, tinha necessidade de um apoio, de um amparo; sabias que não havia forças para resistir.

Ó justiça do Senhor, onde então estás? Onde? Meus bem-amados, vamos dizer-lhes: na lei admirável e santa, na lei justa, emanada do centro da justiça, na lei da reencarnação.

Aquele que fracassou recomeça suas provas; ele as escolhe, não tem, portanto, o direito de murmurar. Seu Pai, prudente e sábio, o previne antecipadamente das chances de sucesso e de queda que encontrará. Ele as aceita, porque tem faltas a expiar, força a adquirir, e a força só se adquire na luta. Lutador incansável, ele sempre tenta novos esforços; sucumbe freqüentemente, mas se levanta sempre mais forte, sempre mais corajoso para entrar na liça, porque deve permanecer vencedor e o será.

Aquele, portanto, que sucumbiu ao fardo da riqueza, que não soube servir-se dela como o Mestre quis; que, depositário infiel, enterrou os talentos que lhe foram confiados em lugar de fazê-los frutificar, esse recomeçará a prova; mas então enfrentará os sofrimentos que fez seus irmãos enfrentarem. Sentirá as torturas da fome roer-lhe as entranhas ao odor dos pratos saborosos dos ricos orgulhosos e avarentos como ele foi. E, mais tarde, quando recomeçar de novo, poderá sem temor aceitar o peso do ouro: será forte o bastante para suportá-lo, saberá utilizá-lo.

O infeliz que sucumbiu à miséria, que foi corroído pela inveja, que chafurdou em libertinagens abjetas, esse poderá aprender, numa outra existência, os perigos que envolvem a opulência; e, mais tarde, mais tarde ainda, voltará em sua condição humilde; compreendê-la-á, apreciá-la-á e dirá: Senhor, sê abençoado, porque tua mão dispensa a cada um o fardo que lhe convém, e mede a força de todos os teus filhos. Estendes a todos essa mão que socorre; infeliz, infeliz daquele que a repele, porque então cai! Mas, Pai de bondade, Pai cheio de uma terna solicitude, tu voltas sempre a oferecer teu apoio ao fraco que caiu; tu lhe concedes tempo para quitar sua dívida, e, com tempo, o que é que não se pode fazer?

Dir-se-á: todos, todos serão então salvos? Todos os homens então são chamados a gozar dos mesmos privilégios, da mesma felicidade?

Lembrem-se, meus irmãos, da resposta do Mestre aos operários da primeira hora, da segunda hora, da terceira hora... que se queixavam que o último tinha recebido um salário semelhante aos deles.

“Meus amigos, que injustiça pratiquei contra vocês? Não tem cada um de vocês o que merece?”

Que injustiça, meus irmãos, a bondade do Senhor fez a vocês? Se vocês tiveram a felicidade de compreender, de obedecer, vocês chegarão em primeiro lugar. Querem então por isso que aqueles cujo entendimento era mais obtuso sejam jogados fora, lá onde se ouvem choros e gemidos?

Vocês então fazem para si felicidade dos sofrimentos de seus irmãos? Oh! Não vêm ao contrário, tudo o que há de grande, de consolador, de sublime no pensamento de que a eternidade está diante de vocês para vocês cumprirem sua obra, acabarem sua tarefa?

Apressem-se em empregar os momentos que lhes são dados: apressem-se em terminar sua obra e entrar na sala do festim, porque os operários preguiçosos ficarão fora por muito tempo, bastante tempo ainda; mas eles também virão, no entanto, pedir um lugar, que lhes será concedido.

Que o Senhor abra os ouvidos de vocês, seus corações sobretudo! ó meus filhos! e que ele os deixe penetrar na sala do festim, vestidos com o roupão<sup>126</sup> da inocência.

Nós explicamos as causas e as conseqüências de suas desigualdades sociais; é preciso agora que vocês compreendam as causas não menos justas de suas desigualdades morais, porque é aí, sobretudo, que vocês poderão acusar o céu de injustiça, é aí sobretudo que vocês poderão dizer: Ó Deus! onde está tua eqüidade? onde está teu amor?

O que é o selvagem das regiões mais áridas, mais deserddadas? O que é o homem, formado de matéria como vocês, que teve o mesmo sofrimento ao nascer, mas entre povos sem inteligência, sem meios de desenvolver-se, submetidos à lei natural, única chance de salvação que lhe é concedida, em comparação com o homem das regiões de vocês, do sábio, do homem da igreja, do artista? Aproximem esses dois homens e perguntem-se onde está essa igualdade para todos, que o Pai promete aos seus filhos? Onde estão essas provas iguais de um amor previdente e ativo?

Um tem para si a lei natural, isto é, os instintos da fera de que ele abusa, porque tem a essência do homem que o impele. O outro tem a luz para iluminá-lo e aquecê-lo; tem a palavra do Senhor que retine em seus ouvidos; tem as obras do Senhor que são apresentadas aos seus olhos por todos os meios que lhe dão a inteligência, a ciência e as artes. Um tem portanto tudo para ter êxito, o outro tudo para permanecer no atraso.

Deus, o Pai misericordioso, mas justo, recompensará o ignorante tanto quanto o esclarecido? o culpado tanto quanto o justo? Terá ele as mesmas palmas para o que devora, para a glória de seus fetiches, para o missionário que vem trazer-lhe a luz, quanto para o missionário que sofreu uma morte cruel por amor ao seu criador? No entanto, um e outro ficaram na via que seu nascimento abriu. Um e outro cumpriram as obrigações que sua consciência inspira; um e outro acreditaram obedecer à lei do seu Deus.

Entre vocês, meus irmãos, não vêm terríveis disparates? Não há o idiota ao lado do inteligente, o feio ao lado do bonito, o criminoso ao lado do virtuoso, o traidor ao lado do fiel, o infame ao lado do justo? Digam, não há em sua sociedade todas as baixeiras, todos os vícios, lado a lado com todas as virtudes, usando muitas vezes a máscara destas últimas para esconder sua fealdade e melhor corromper suas vítimas?

E acreditam vocês que baste dizer, no fim de uma existência de assassinato, de violência, de ódio, de rapinas, de falsidades: “Vou morrer, vou talvez ser julgado; é tempo de arrepender-me. Meu Pai, confesso todos os meus pecados; dai-me a absolvição, que o Senhor me receba em seu seio.”

---

<sup>126</sup> “Veste Nupcial” (Mt. 22: 11-2). Um grande exemplo vemos na aura da Irmã Clara em prece, narrada por André Luiz:

“Gradativamente, o recinto foi invadido por vasto círculo de luz, do qual se fizera a instrutora o núcleo irradiante. Assemelhava-se nossa amiga a uma estrela repentinamente trazida à Terra, com os dois braços distendidos em forma de asas, prestes a desferir excelso vôo...”

“Cercava-a enorme halo de dourado esplendor, como se ouro eterizado e luminescente lhe emoldurasse a forma leve e sublime... Dos revérberos dessa natureza, passavam as irradiações a tonalidades diferentes, em círculos fechados sobre si mesmos, caminhando dos reflexos de ouro e opala ao róseo vivo, do róseo vivo ao azul celeste, do azul celeste ao verde claro e do verde claro ao vileta suave, que se transfundia em outros aspectos a me escaparem da apreciação...”

“Tive a idéia de que a irmã Clara se convertera no centro de milagroso arco-íris, cuja existência nunca pudera vislumbrar” (*Entre a Terra e o Céu*, F. C. Xavier, FEB, 5ª edição, 1972, Rio de Janeiro, pp. 141-2).

Arrependimento tardio e interessado, que vens fazer? É para tornar mais cruel a expiação do culpado que te apresentas? É para fazê-lo entender melhor a enormidade de seus crimes, a enormidade do castigo?

Justiça do Senhor, receberás o culpado como a um cordeiro sem mácula? Darás ao ímpio o mesmo lugar que ao justo que se esforçou para andar por teus caminhos?

Equidade do Senhor, qual é a tua balança? quais são os teus pesos?

Não é ainda na reencarnação que vocês encontram a razão de ser de todas as diferenças físicas e também das diferenças sociais? Apoiamo-nos nas diferenças morais, porque são elas que devem impressioná-los mais; porque, digam, digam se o idiota deve receber a mesma parte que o inteligente? Digam por que sua existência deve esgotar-se como a do animal, que ele tortura algumas vezes em sua ignorância das leis universais, enquanto ao lado dele ele vê os dons da inteligência propagados em profusão. Digam por que um arrasta sua vida, sob um invólucro repulsivo, suportando todo o peso das enfermidades humanas, e isso algumas vezes DESDE O NASCIMENTO, enquanto que um outro, ao lado, goza de todas as vantagens da beleza, da graça, da saúde. Um é o pária a enfrentar todos os sarcasmos e todas as maldades; o outro é o ídolo gabado, incensado. É aí ainda que vocês encontrarão a justiça do Senhor? Não é antes na lei tão natural, tão justa da reencarnação? Aquele que entre vocês usa com maus objetivos os dons que o Senhor lhe deu, que desvia a própria natureza da via que deve seguir, que engana, que mente, que se entrega aos excessos, este voltará também, mas sob o invólucro da lagarta: será pisoteado, como pisoteou o infeliz desprovido de suas vantagens. Ele engana, será enganado. Ele abusa dos outros, dele abusarão, sofrerá, enfim, por sua vez, tudo o que fez sofrer; justas represálias, conseqüências da justiça eterna do Senhor.

Nunca abusem das graças que lhes são concedidas. Não abusem nem de suas faculdades nem de sua posição, porque o dia do julgamento não está longe, e o juiz não prevarica nunca.

E vocês, pobres deserdados, que pelo menos crêem nisso, coragem e força na adversidade, paciência e resignação no sofrimento! Vocês contraíram uma dívida sagrada; devem pagá-la. Quanto mais cedo, melhor, porque se vocês não pagarem até o menor sestércio, o Mestre mandará reconduzi-los à prisão: lá onde há choro e ranger de dentes. O Mestre lhes dirá: servidor infiel, recomeça e faz produzir no depósito que te confiei<sup>127</sup>. Nada deve ficar sem pagamento.

Apressem-se, apressem-se, meus filhinhos! porque o Mestre espera o operário para encerrar a conta. Façam portanto todo esforço possível para que seja em favor de vocês.

Justiça eterna de nosso Deus! Oh! nós te abençoamos, nós te louvamos! Justiça eterna do Pai de misericórdia, que recompensa *verdadeiramente* a cada um segundo seus atos, desce sobre esses homens reunidos<sup>128</sup> sob teus olhos; introduz neles respeito por tua grandeza, amor por tua bondade, porque, santa justiça, tu atinges sempre o culpado, mas sempre com doçura, nunca o castigo igualou a ofensa.

Ó meu Deus! meu mestre! meu rei! Que tua misericórdia desça sobre teus filhos; sobre aqueles que procuramos entregar-te puros e arrependidos. Desce, bondade divina, aquece os corações, anima os espíritos, abre as inteligências. Auxilia, Mestre benfeitor e

---

<sup>127</sup> *Parábola dos Talentos* (Mt. 25: 14-30), especialmente os versículos 18 e 24-30.

<sup>128</sup> Seria o Grupo Espírita da Sra Collignon? Sabemos de sua existência e de como eram concorridas suas reuniões doutrinárias e mediúnicas. Alexandre Delanne escreveu que este grupo era um dos mais concorridos de Bordeaux (*Le Spiritisme*, N° 23, 1ª quinzena de fevereiro de 1884, p. 6).

doce, auxilia nossos esforços, a fim de que, sendo a terra fecundada por tua vontade poderosa, a semente que nela atiramos nela germine logo e traga frutos com abundância.

Nós te suplicamos, Senhor<sup>129</sup>.

Jean, évangéliste.

---

<sup>129</sup> Dada a extensão da mensagem, ela foi publicada em duas edições da *La Lumière pour tous* (1º ano, N° 23, quarta-feira, 1º de março de 1865, pp. 3-4 e N° 24, quarta-feira, 15 de março de 1865, pp. 1-2).

## VI- A INDULGÊNCIA

Espíritas, queremos hoje falar-lhes da indulgência, esse sentimento tão doce, tão fraterno, que todo homem deve ter para com seus irmãos, mas de que bem poucos fazem uso.

A indulgência não vê os defeitos alheios, ou, se os vê, evita falar deles, de apregoá-los de casa em casa. Ela, ao contrário, os oculta, a fim de que só sejam conhecidos por ela, e se a malevolência os descobre, ela tem sempre uma desculpa pronta para atenuá-los; mas uma desculpa plausível, séria, e não dessas que, parecendo atenuar o erro, o fazem sobressair com pérfida habilidade.

A indulgência nunca se preocupa com os defeitos alheios, a menos que seja para prestar um favor, mesmo assim com o cuidado de disfarçar, para não serem sentidos.

A indulgência não faz observações chocantes, não tem censuras nos lábios, mas somente conselhos, o mais freqüentemente velados, seja sob o manto da brincadeira, seja sob o disfarce de um nome hipotético, de uma anedota contada, de um exemplo citado por acaso.

Vocês se acreditam indulgentes, espíritas, quando julgam seus irmãos e dizem: ele errou, isso é mau; ele não deveria ter dito isso, ou feito aquilo.

Pobres cegos! Qual é o íntimo de seu pensamento ao lançar assim a crítica? Que conseqüências se devem tirar de suas palavras? É que vocês, vocês que censuram, vocês não teriam feito isso nem dito aquilo. Ora, vocês valem bem mais que o culpado que sobrecarregam com sua censura. Ó humanidade! tu não vês nunca senão os erros alheios, e fechas teimosamente os olhos para os que são teus! Quando então julgarás teu próprio coração, teus próprios pensamentos, teus próprios atos, sem te preocupares com o que teus irmãos fazem? Quando então abrirás teus olhos severos apenas para ti mesmo?

Amigos, julguem-se a si mesmos, mas nunca julguem os outros. Sejam severos consigo mesmos, mas indulgentes para com os outros, pensem naquele que julga em última instância, que vê os mais secretos pensamentos de cada um<sup>130</sup>, e, por conseqüência, desculpa freqüentemente os erros que vocês censuram, porque ele conhece as causas desses erros; e vocês, que gritam com força ANÁTEMA, vocês talvez tivessem outros mais graves.

Sejam indulgentes, meus amigos, porque a indulgência atrai, reconstrói, acalma, enquanto a severidade desanima, distancia, irrita.

JOSEPH, Esp. protect<sup>131</sup>.

---

<sup>130</sup> “Jesus, porém conhecendo-lhes os pensamentos, disse: Por que cogitais o mal no vosso coração?” (Mt. 9: 4 e Lc. 5: 22).

<sup>131</sup> A brochura não registra o nome do Espírito comunicante. *La Lumière pour tous* (1º ano, Nº 24, quarta-feira, 15 de março de 1865, p. 2) registra o nome da médium, Sra Collignon, mas não identifica o nome da entidade espiritual. Em abril de 1864, Allan Kardec irá publicá-la, originalmente, no *Imitation de L'évangile selon le Spiritisme* (chapitre X, item 120, pp. 137-8, 1ª edição FEB, 1979, Rio de Janeiro), quando então indicará o nome da entidade como Joseph, Esp. protect, com a informação complementar de que ela fora ditada em Bordeaux, em 1863. Mais tarde, na edição definitiva dessa obra, agora com o título de *L'évangile selon Spiritisme - troisième édition - revue, corrigée et modifiée*, de 1866 (chapitre X, item 16, pp. 142-3, 1ª edição FEB, 1979, Rio de Janeiro), Allan Kardec voltará a informar os mesmos dados anteriores. Há ainda mais uma mensagem ditada por esse mesmo mentor, Joseph, Esprit protecteur, captada em Bordeaux, em 1862, que com certeza pode ser atribuída à mediunidade de Émilie Collignon, e que Allan Kardec a inclui em



## VII- O ESPIRITISMO PRÁTICO

Caros amigos, sejam severos consigo mesmos, indulgentes com as fraquezas dos outros; é uma prática sublime da caridade santa que poucas pessoas observam; todos vocês têm inclinações ruins a vencer, defeitos a corrigir, hábitos a modificar para chegar ao cimo da sagrada montanha do progresso; por que então ser tão clarividentes com o próximo e tão cegos para com vocês mesmos? Quando então vocês cessarão de perceber no olho de seu irmão um cisco de palha que o fere, para olhar no seu a viga que os cega e faz andar de queda em queda até o esquecimento de suas imperfeições? Acreditem em seus irmãos, os Espíritos: todo homem orgulhoso demais para se crer superior em espírito e em mérito aos seus irmãos encarnados é insensato e culpado, e Deus o castigará no dia de sua justiça. O verdadeiro caráter da caridade é a modéstia e a humildade, que consistem em só ver superficialmente os erros alheios para procurar fazer valer o que há de bom e de virtuoso em si; porque se o coração humano é um abismo de corrupção, existem sempre em alguns de seus recôncavos mais escondidos<sup>132</sup> o germe de alguns bons sentimentos, centelha vivaz da essência espiritual do Espírito, criado do sopro vivificador<sup>133</sup> do Altíssimo.

Ó doutrina consoladora e abençoada! Espiritismo! Felizes os que te conhecem e que aproveitam os ensinamentos salutareos dos Espíritos do Senhor! Para eles, não há mais obstáculos a transpor, nem dificuldades a vencer. A estrada está iluminada e permite a vocês ver em seu fim as esplêndidas e graciosas belezas das moradas imateriais<sup>134</sup> aonde vocês devem chegar. Coragem, pois, meus fiéis! tenham cuidado para não tropeçar nas pedras do caminho; andem com passo firme através dos espinheiros e não tenham medo de machucar nem de ensangüentar seus pés nas asperezas que cobrem o rochedo abrupto das provas da vida terrestre; porque para consolá-los e fortalecê-los em seus cansaços e seus sofrimentos, estão plantados para guias de vocês os postes indicadores de seu avanço, sobre os quais estão escritos em letras de fogo: Caridade prática, caridade do coração, caridade para o próximo como para si mesmo, caridade moral, caridade física, e, finalmente, amor e caridade para todos, e amor a Deus sobre tudo, que é a última barreira que vocês terão de transpor para descansar de suas fadigas em seu seio, onde esperamos recebê-los, impelidos pelo agulhão estimulante do Espiritismo prático.

---

*O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XIX, item 11, intitulada: *A fé; mãe da esperança e da caridade*. Queremos ainda ressaltar que Joseph é o mentor da médium Sra Collignon (ver *Le Sauveur des peuples*, domingo, 5 de junho de 1864, p. 3-4) e que faz parte, juntamente com outros luminares, da falange do Espírito da Verdade, que nos legou a Terceira Revelação, o Espiritismo. Para conhecer toda a história dessa mensagem na íntegra, inclusive a editoração toda especial feita pelo Codificador para a sua publicação, indicamos os nossos livros *A Bandeira do Espiritismo – Origem histórica e crítica*, Edição Particular, 2001, Rio de Janeiro e *Jean Baptiste Roustaing – Apóstolo do Espiritismo*, Edição CRBBM (Rua Bambina, 128, Botafogo), Rio de Janeiro, 2005.

<sup>132</sup> O *inconsciente* pode ser dividido em duas zonas bem caracterizadas: 1º - O *subconsciente*, “abismo de corrupção”, onde estão registradas nossas experiências do passado; 2º - O *superconsciente*, os “bons sentimentos”, “centelha vivaz da essência espiritual”, onde se encontra latente todas as nossas possibilidades do futuro (Ver Pietro Ubaldi, *Ascese Mística*, 4ª ed. FUNDÁPU, 1988, Campos-RJ, capítulos XIX e XX, pp. 115-26 e André Luiz, *No Mundo Maior*, F. C. Xavier, 6ª ed. FEB, 1973, capítulo 3, pp. 38-50). Ressalto que na linha do tempo a obra citada de Pietro Ubaldi é de 1939 e a do Espírito André Luiz é de 1947.

<sup>133</sup> Vide Apêndice I: *A Criação Espiritual*.

<sup>134</sup> No original francês se encontra: *demeures aériennes*.

---

<sup>135</sup> A brochura não registra o nome do Espírito comunicante. *La Lumière pour tous* (1º ano, Nº 24, quarta-feira, 15 de março de 1865, p. 2) e *Le Sauveur de peuples* (2º ano, Nº 4, domingo, 26 de fevereiro de 1865, pp. 3-4), onde ela foi republicada, identificam o nome da entidade espiritual: DUFÊTRE, évêque de Nevers; porém, registram o nome da médium de forma abreviada, Sra C... e o título original da mensagem como *Le Spiritisme Pratique*. Em abril de 1864, Allan Kardec irá publicá-la, originalmente, com o título geral de *L'indulgence*, no *Imitation de L'évangile selon le Spiritisme* (chapitre X, item 121, pp. 138-9, 1ª edição FEB, 1979, Rio de Janeiro), quando então indicará o mesmo nome para a entidade espiritual, com a informação complementar de que ela fora ditada em Bordeaux, sem citar o ano de sua recepção. Mais tarde, na edição definitiva dessa obra, agora com o título de *L'évangile selon Spiritisme - troisième édition - revue, corrigée et modifiée*, de 1866 (chapitre X, item 18, pp. 144-5, 1ª edição FEB, 1979, Rio de Janeiro), Allan Kardec voltará a informar os mesmos dados anteriores. A data do ditado não é informada em nenhum lugar, ficando entre 1860-61, ano em que Émilie Collignon entrou para o Espiritismo, e o início de 1864; pois, em abril deste último ano, essa mensagem já aparecerá no *Imitation* de Kardec. Queremos ainda ressaltar que Dufêtre faz parte, obviamente, juntamente com outros luminares, da falange do Espírito da Verdade, que nos legou a Terceira Revelação, o Espiritismo. Para conhecer toda a história dessa mensagem na íntegra, inclusive a editoração toda especial feita pelo Codificador para a sua publicação, indicamos o nosso livro *Jean Baptiste Roustaing – Apóstolo do Espiritismo*, Edição CRBBM (Rua Bambina, 128, Botafogo), Rio de Janeiro, 2005.

## VIII- CRISTÃO DE CORAÇÃO

Para muitos espíritos humanos, a lembrança constante que temos dos preceitos de Cristo pode parecer e parece um contra-senso.

Como, perguntam aqueles que não foram educados nesta lei de amor que ele pregou, como podemos andar em sua via? Nossas crenças não são as mesmas; nossas aspirações são opostas, e aquele que vocês olham como um enviado abençoado do Senhor aos nossos olhos não é senão um impostor, ou no máximo um homem dotado de boas intenções.

Essa é a linguagem, ou, antes, o pensamento de todos aqueles que não nasceram cristãos, e cujo número ultrapassa e em muito o daqueles em cuja testa escorreu a água do batismo<sup>136</sup>. Mas nós lhes responderemos: estudem a moral de Jesus; leiam seus livros sem idéia preconcebida, com o único desejo de seguir um caminho que os conduza ao bem **SEGURAMENTE E RAPIDAMENTE**, e digam-nos, na sinceridade de seu coração, se essa moral dos Evangelhos não é a mais doce, a mais pura? Digam-nos se, em alguma outra doutrina, vocês encontram tantos elementos de perfeição?

Venham então a nós de todos os pontos do globo; quer vocês sejam cristãos, muçulmanos, judeus, hindus ou idólatras<sup>137</sup>, venham a nós, porque nós lhes pregamos a lei do amor e da caridade. Venham a nós, e se vocês observarem nossas instruções pela prática, e não pela teoria, vocês serão cristãos de coração, senão pelo batismo.

Hoje, meus filhos, vocês não devem mais prender-se aos atos exteriores da religião, embora cada um de nós deva observar a sua; mas vocês devem pensar que todo ato exterior

---

<sup>136</sup> Émilie irá também psicografar sobre as distorções teológicas no símbolo do *batismo*:

“A Igreja romana desvirtuou a natureza, o objeto, as condições e o fim do batismo pela água, derramando-a na cabeça da criança que acaba de nascer, sob o pretexto de apagar, na pessoa dessa criança, dando-lhe o nome de pecado original, uma falta que ela não cometeu, que teria sido cometida por outrem. E isso quando, segundo a mesma Igreja, a alma da criança foi criada por Deus expressamente para o corpo em que veio habitar, alma que, pessoalmente, havia de ser pura e sem mancha, pois que das mãos de Deus nada pode sair, nem sai, maculado.

“A Igreja romana não houvera instituído deste modo o batismo pela água, se tivesse compreendido bem as palavras do Cristo a Nicodemos, proclamando a reencarnação como uma realidade e não como uma alegoria; realidade, por ser lei emanada de Deus desde toda a eternidade, como meio de purificação e de progresso do Espírito culpado, como meio único posto ao alcance do homem para entrar “no reino de Deus”, isto é, para chegar à perfeição que, só ela, lhe permitirá aproximar-se do foco da onipotência.

“Cristãos de todas as seitas, católicos, protestantes, gregos, deixai de só ter em conta a matéria, abandonai a letra que mata para vos ocupardes unicamente com o Espírito que vivifica. Do batismo pela água no Jordão conservai apenas o espírito; praticai a parte simbólica: o arrependimento e a humildade. Preparai-vos assim para o batismo em Espírito Santo e em fogo, que purifica as almas e que, se dele vos tornardes dignos praticando o trabalho, a humildade de coração, o amor e a caridade, o Cristo vos ministrará, enviando os Espíritos puros para vos assistirem, inspirarem, ampararem e ajudarem no trajeto pela senda do progresso moral e intelectual.” (QE, I, 280).

<sup>137</sup> J.-B. Roustaing – Apóstolo de Espiritismo -, ensinou com sabedoria o significado da nova era que o Espiritismo com Jesus abria:

“Sim, é a fase teológica que se **abre**, afim de preparar, pela vinda de futuros missionários, instrumentos e órgãos do Espírito da Verdade, a desejada fusão das seitas religiosas diversas: Catolicismo, Protestantismo, Budismo, Judaísmo, Bramanismo, Maometismo, religião dos selvagens e das tribus” (QE, 1942, FEB, p. 120 ou *Les Quatre Évangiles de J.-B. Roustaing – Réponse a ses critiques et a ses adversaires*, Bordeaux, Imprimerie de J. Durand, 1882, p. 156 – Na nossa edição em português, já citada, *Os Quatro Evangelho – Resposta a críticos e adversários*, p. 120). O negrito é do original.

é apenas um freio imposto à matéria, e que quanto mais vocês se desmaterializarem, menos necessidade terão de freio<sup>138</sup>.

Sigam meus conselhos, pois eles os levam para o bem. Mas sigam-nos! Não se limitem a registrá-los em suas agendas para enfiá-los depois no fundo de suas gavetas. Que seja no coração de vocês que nossa moral penetre, e que daí ela se espalhe por todos os seus atos. Que ela jorre, como fonte abundante, e se divida em milhares de canais que possam levar a vida e a fertilidade a todas as margens ressecadas. Que os bons frutos que germinam em seus corações façam desabrochar do lado de fora as flores da caridade, essas flores vivazes que vocês cultivam, e que o Senhor colhe com suas próprias mãos.

Vocês são depositários delas [das flores da caridade]; lancem a semente; que ela se espalhe à volta de vocês, e quando chegar o dia da colheita, vocês poderão, a partir da aurora, tecer uma coroa dessas flores benditas e apresentar-se na sala do festim com a fronte cingida com as flores mais puras que o homem possa colher.

JOSEPH<sup>139</sup>

-----  
FIM

---

<sup>138</sup> A grande obra psicografada por Émilie Collignon, *Os Quatro Evangelho*, ensina a mesma verdade: “[...] prestai a Deus a homenagem pública do vosso culto. Vós, espíritas, qualquer que seja o templo onde pratiqueis o culto exterior a que pertenceis pelo nascimento, prestai a Deus o culto da vossa adoração *em espírito e em verdade*. É um exemplo que dareis aos irmãos que vos cercam, conhecedores da vossa fé, das vossas crenças e para os quais, por menos adiantados do que vós, o culto externo *ainda* é um freio necessário. Servireis ao mesmo tempo de emulação aos mais tíbios, que, tendo despertados os sentidos pelas práticas exteriores e pelas imagens materiais, serão levados a pensar no seu Criador” (QE, II, p. 262).

<sup>139</sup> A brochura indica o nome da entidade comunicante como sendo JOSÉ. Evidentemente estamos diante de um erro do funcionário da tipografia que devia ser português, ou no mínimo ter o domínio desta língua. A grafia correta é JOSEPH; aliás, como se encontra em *Le Sauveur des peuples* (2º ano, Nº 9, domingo, 2 de abril de 1865, p. 4), onde ela também foi publicada.

# APÊNDICES

## I- A CRIAÇÃO ESPIRITUAL

- . Deus, criador incriado [...] Nós somos suas criaturas, mas saídas do inexistente por sua vontade.
- . Dieu, créateur incréé [...] Nous sommes ses créatures, mais sorties du néant par sa volonté.

O pensamento destacado acima faz parte do início do terceiro parágrafo do capítulo XII – *Objetivos da Encarnação – Reencarnação e Metempsicose*. Nele se evidencia a palavra *néant*, que o *Dicionário Michaelis* traduz por *nada, inexistente, vazio* (Melhoramentos, 2002, São Paulo). Optamos por traduzir que a criatura saiu do *inexistente*, no sentido de que sua origem espiritual não procede do mundo da *existência*; onde existência indica *ex-sistere* [estar de fora].

Aqui não seguimos o conceito agostiniano, dualista, da *creatio ex nihilo* (criação do nada). Não! Isso é um absurdo filosófico ou teológico; absurdo que nenhuma revelação espiritual autoriza.

Deus é Espírito (Jo 4: 24) e a palavra Espírito em grego é *pneuma* (sopro); logo ensina Jesus: o Espírito sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai (Jo: 3: 8). O sopro não se vê, mas é uma realidade; o Espírito não se vê, mas também é uma realidade. O Espírito é invisível, é o Ser que dá existência a tudo. Ele não é visualizado do exterior, é então, em si mesmo *inexistente*, pois não pertence às aparências periféricas do mundo fenomenal. É o *Nóúmenon* (ou Númeno), a causa das existências. Acompanhemos o ensino de Jean-Yves Leloup, psicólogo e teólogo católico:

“É verdade que o termo “nada”, é ambíguo.

“O próprio Deus pode ser dito um “puro nada”, no sentido de que ele é nada do que existe. É o incriado...”

“Nesse caso, podemos dizer que ele “não existe”, não pertence ao reino dos entes, “não é do mundo”.

“Mas esse nada, esse não-ente, é a matriz de onde nascem os mundos, de onde vêm todas as criaturas” (*O Evangelho de João*, Editora Vozes, 2ª ed., 2001, Petrópolis, p. 170).

Huberto Rohden é ainda mais didático:

“[...] o ponto de partida do universo fenomenal não foi o *nada*, mas sim o *Tudo*; não a infinita vacuidade de “0” (zero), mas a ilimitada plenitude do “∞” (infinito). O mundo não é um aumento do *nada* para *algo*, mas uma diminuição do *Tudo* para *algo*. Simbolicamente falando, o movimento criador não vai em linha ascensional (nada-algo), mas em sentido descensional (Tudo-algo).

“[...]”

“Se Deus tivesse criado o mundo da nada, existiria mais realidade depois da criação do que antes – o que é intrinsecamente impossível, uma vez que Deus é a Realidade plena, total, absoluta, infinita – e mais do que tudo não pode existir. Nesse caso, o mundo fenomenal seria um aditamento ou acréscimo a Deus; o

mundo acrescentaria uma nova realidade fenomenal à antiga Realidade numenal; existiria um finito, ou uma coleção de finitos, acrescentados ao infinito; o advento do mundo equivaleria a um enriquecimento da Realidade. Numa palavra, depois da criação existiria maior soma de realidades do que antes da criação, o que é, evidentemente, impossível; pois, antes da criação já existia a Infinita Realidade, e ao Infinito nada se pode acrescentar, como do Infinito nada se pode subtrair”.

“A Realidade (Deus) é infinita e ilimitada, *antes, durante e depois* do advento do mundo dos fenômenos.

“A chamada criação não é senão uma nova modalidade, ou um novo modo de ser da infinita e eterna Realidade - assim como as ondas do mar não são um aditamento à realidade “mar”, senão apenas uma modificação superficial da antiga realidade do oceano. Ou, servindo-nos de outra comparação, assim como o espectro de luzes coloridas do outro lado do prisma não são novas luzes, senão apenas novos modos de ser, ou novas revelações e manifestações daquela mesma luz incolor do outro lado, que é a fonte e causa dessas cores várias da única luz”(*Filosofia Universal*, Livraria Freitas Bastos S.A., 4ª edição, Rio de Janeiro, pp. 238-9).

A revelação transmitida pela Sra Émilie Collignon segue o mesmo sentido do exposto acima. *Primeiro*, aqui, nesse mesmo opúsculo, temos a mensagem do Espírito DUFÊTRE, évêque de Nevers, intitulada: *O Espiritismo Prático* que confirma, sem deixar dúvidas, ser o Espírito “criado do sopro vivificador do Altíssimo”. Daí a nossa segurança na tradução do texto aqui em foco: *néant* por *inexistente*. Sopro, hálito, *pneuma*, espírito, é a mesma instrução de André Luiz: “O fluido cósmico é o plasma divino, hausto do Criador ou força nervosa do Todo-Sábio ... HÁLITO ESPIRITUAL...” (*Evolução em Dois Mundo*, F. C. Xavier e W. Vieira, FEB, 4ª ed., 1977, Rio de Janeiro, p. 19 – o versal é nosso).

*Segundo*, a revelação dada a Allan Kardec em *O Livro dos Espíritos*, abriga o mesmo ensino: “[...] o nada não existe” (pergunta Nº 958).

*Terceiro*, na magnífica obra *Os Quatro Evangelhos* fica claro, que a essência espiritual de onde procede o Espírito, é de tal forma pura e invisível que se poderia imaginar como sendo um “nada” para os nossos sentidos materializados. Acompanhemos a psicografia elucidativa da Sra Collignon:

“O Espírito, na origem da sua formação, como essência espiritual, princípio de inteligência, sai do todo universal. O que chamamos o “todo universal” é o conjunto dos fluidos existentes no espaço. Estes fluidos são a fonte de tudo o que existe, quer no estado espiritual, quer no estado fluídico, quer no estado material.

“O Espírito, na sua origem, como essência espiritual, princípio de inteligência, se forma da *quinta-essência* desses fluidos, elemento tão sutil que nenhuma expressão pode dar dele idéia, sobretudo às vossas inteligências restritas. A vontade do Senhor Deus todo poderoso, única essência de vida no infinito e na eternidade, anima esses fluidos para lhes dar *o ser*, isto é, para *mediante uma combinação sutilíssima*, cuja *essência* só nas irradiações divinas se encontra, fazer deles essências espirituais, princípios primitivos do Espírito em germen e destinados à sua formação.

“A vida universal está assim, por toda a natureza, em germens eternos, graças a essa quinta-essência dos fluidos, que somente a vontade de Deus anima, conformemente as necessidades da harmonia universal, as necessidades de todos os mundos, de todos os reinos, de todas as criaturas no estado material ou no estado fluídico.

“Ao serem formados os mundos primitivos, na sua composição entram todos os princípios, de ordem espiritual, material e fluídica, constitutivos dos diversos reinos que os séculos terão de elaborar.

“O princípio inteligente se desenvolve ao mesmo tempo que a matéria e com ela progride, passando da inércia à vida. Deus preside ao começo de todas as coisas, acompanha paternalmente as fases de cada progresso e atrai a si tudo o que haja atingido a perfeição.

“Essa multidão de princípios latentes aguarda, no estado cataléptico, em o meio e sob a influência dos ambientes destinados a fazê-los desabrochar, que o Soberano Mestre lhes dê destino e os aproprie ao fim a que devam servir, segundo as leis naturais, imutáveis e eternas por ele mesmo estabelecidas” (QE, I, 289-90).



## II- QUESTÕES E PROBLEMAS

Émilie Collignon, coerente com o pensar de sua época, centrada nas *questões e problemas* pertinentes ao ano que corria de 1864, comenta no capítulo XV- *Livre arbítrio – Deveres do espírita – os três aspectos da caridade* – que a origem dos animais não era ainda uma questão resolvida pela ciência da observação espírita, chegando mesmo a dizer que a solução do problema ainda se encontrava em aberto:

“A caridade deve estender-se até aos animais, essas criaturas de Deus, como nós, cuja origem e destinos nos são desconhecidos, mas que vivem sob o olhar dele e que não temos o direito de maltratar, de martirizar sob o vão pretexto de que são *animais* e de que não têm *almas*. São animais, é verdade, mas, desse jeito, não há muitos homens cujos gostos, hábitos, instintos não são mais elevados e talvez o sejam menos que os de muitos de nossos animais domésticos? Eles não têm almas! Mas estamos certos disso? E entre nós, aqueles que não crêem em suas almas, se arrogam o direito de matar ou torturar sem razão os outros homens que eles olham igualmente como privados de um futuro espiritual? Temos tanto de animais que deveríamos ter um pouco de caridade por eles; deveríamos lembrar-nos com um pouco mais de freqüência que eles são, como nós, obra de Deus e que o Pai universal nos pedirá contas de nossa crueldade para com essas criaturas ínfimas, com as quais, como somos mais inteligentes, deveríamos ser mais generosos. Se há uma grande distância entre o homem e o animal, puxa! que distância não há entre Deus e o homem? e sua bondade incansável por nós não deve servir-nos de exemplo?”

Evidentemente, como já observamos, a revelação espírita sobre tal questão já havia sido dada pelos Evangelistas assistidos pelos Apóstolos, desde abril de 1863, à sua mediunidade; revelação que faria parte da obra *Os Quatro Evangelhos* (pp. 281-336). Porém, esta obra ainda estava sendo captada, e sua recepção só terminaria em maio de 1865 (QE, IV, 70); logo, a Sra. Émilie Collignon não tinha toda a visão do conjunto e talvez, quem sabe, a autorização para publicar parte do seu conteúdo, que estava sendo organizado pelo Dr Roustaing – esse sim, autorizado a publicar todo o material na íntegra em 1866 - como o fez, com todo o cuidado e determinação.

Assim, em 1864-65, esta questão se encontrava em aberto, e era um problema que carecia de solução. Observemos esta questão em *O Livro dos Espíritos*, inicialmente na 1ª edição de 18 de abril de 1857:

127 – A alma do Homem não teria sido primitivamente o Princípio Vital de ínfimos seres vivos da Biocriação, que chegou, ex-vi de lei progressiva, até o ser humano, percorrendo os diversos graus da escala orgânicas?

“Não! Não! Os Espíritos, homens somos desde natos.

“Cada ser vivo só pode progredir na sua espécie e em sua essência. O Homem não foi jamais outro ser senão *homo*” (*O primeiro livro dos espíritos de Allan Kardec 1857*, Abreu, Canuto, Companhia Editora Ismael, São Paulo, 1957, p. 65).

Agora, na 2ª edição, revista e ampliada, de março de 1860. Aqui transcreveremos a nota de Kardec à pergunta Nº 613, onde o Codificador registra que sobre esta questão havia dúvida até entre os Espíritos por ele consultados:

“É assim, por exemplo, que *nem todos pensam da mesma forma* quanto às relações existentes entre o homem e os animais. *Segundo uns*, o Espírito não chega ao período humano senão depois de se haver elaborado e individualizado nos diversos graus dos seres inferiores da Criação. *Segundo outros*, o Espírito do homem teria pertencido sempre à raça humana, sem passar pela fieira animal. O primeiro desses sistemas apresenta a vantagem de assinar um alvo ao futuro dos animais, que formariam então os primeiros elos da cadeia dos seres pensantes. O segundo é mais conforme à dignidade do homem” (O itálico é meu).

Mais à frente, Kardec vai assumir a fileira dos partidários da segunda opinião, a de que o homem só teria pertencido a raça humana, sem passar pela fieira animal:

“Se sabe que o homem jamais foi animal. É verdade” (RS, 1861, agosto, FEB, p. 338).

J.-B. Roustaing vai mostrar que essa tomada de decisão pessoal de Kardec era contrária, inclusive, ao conhecimento científico já anunciado por Charles Darwin (1859):

“Por efeito de suas idéias preconcebidas, rejeitava os argumentos e as comunicações espíritas que, antes de Darwin, afirmavam a verdade da *descendência do homem*, bem como a seleção e a evolução das espécies, afastando assim da sua Sociedade os pensadores” (QE, 1942, I, 101 ou *Les Quatre Évangiles de J.-B. Roustaing – Réponse a ses critiques e a ses adversaires*, 1882, p. 129).

Essa introdução mostra bem como a discussão sobre este tema se encontrava nos anos de 1864-65, em que a Sra Émile Collignon publicava na imprensa e em brochura esta obra: *Conversas Familiares sobre o Espiritismo*.

É assim, que um outro grande pioneiro e líder do movimento espírita de Bordeaux, Sr Augusto Bez, diretor do jornal *La Voix d’Outre-Tombe*, visando o conhecimento dos seus leitores, levanta nove (9) *Questions et Problèmes*; inicialmente as duas primeiras (1º ano, Nº 4, 21 de agosto de 1864, p. 4) e, depois, mais sete (1º ano, Nº 5, 28 de agosto de 1864, p. 4), solicitando a atenção dos médiuns em geral, para que qualquer resposta medianímica concernente à essas *questões e problemas* fossem enviadas para o bureau du journal , 19, rue du Palais de l’Ombrière.

Seu apelo foi atendido de boa vontade. Cinco médiuns bem conhecidos da imprensa espírita da época colaboraram mais de uma vez: Sr. S...B..., da cidade de L...; Sr L... G..., da cidade de X...; Sr. Édouard de LAS GRAVES, da cidade de X...; Sr. Auguste Bez, da cidade de Bordeaux e a Sra Émilie Collignon, da mesma cidade de Bordeaux.

Émilie Collignon participou com duas comunicações, as que por hora interessam a este trabalho, respondendo mediunicamente três das nove *questões e problemas* levantados. A comunicação inicial responde sobre a 1ª questão: *Que pensar do panteísmo e da imanência de Deus?* A outra, responde sobre a 2ª e a 3ª questões, em conjunto: *A ação de Deus no homem, denominada Providência, é real? e Como a presciência de Deus e o livre-arbítrio do homem podem se conciliar?*

Todas as duas comunicações foram autografadas pelo Espírito Antoine de Padoue. Logo de saída, ressalta aos olhos, que a entidade espiritual não se apresenta como *santo*,

como ficou tão conhecida através da história. E, isso tem um porquê, que ela mesma irá esclarecer em outra oportunidade, agora através do médium Auguste Bez:

“Um santo! Os homens me deram esse título. Mas me consultaram? Vocês devem ter notado que nunca fiz alusão a isso em minhas comunicações, e simplesmente assinei Antônio de Pádua” (19 de novembro 1865, domingo – Ver *L'Union*, 1º ano, Nº 25, 1º de dezembro de 1865, pp. 5-8).

Uma outra questão pode ser aventada: Porque um *frade menor*, um franciscano, atendeu a um apelo de solução de tão elevadas questões metafísicas? Se o próprio mentor da Ordem, Francisco de Assis, recomendava na Regra que a posse de livros, teológicos e filosóficos, não era autorizada pela *irmã obediência*? E chegava mesmo a restringir e a definir o tipo de livros que os frades deviam manusear. Observemos:

“[...] todos os irmãos, clérigos ou leigos, façam o Ofício Divino, os louvores e as orações, como devem. Os clérigos façam o Ofício e rezem pelos vivos e defuntos, segundo o costume dos clérigos [...] E só podem ter os livros necessários para desempenhar o seu ofício. E também os leigos que sabem ler, podem ter o saltério. Aos outros, porém, que não sabem ler, não lhes seja permitido ter livros” (*Regra Não Bulada* [RNB], 3 – Ver *Fontes Franciscanas*, editora Mensageiro de Santo Antônio, Santo André-SP, 2005, p. 43).

Este era o costume que Francisco impunha aos frades, e isso porque queria que sua Ordem permanecesse no espírito de simplicidade, longe de toda a *soberba e vanglória e guardada da sabedoria deste mundo e da prudência da carne* (RNB, 17). Aliás, como recomendou o Apóstolo Paulo:

“Mas a ciência incha; é a caridade que edifica” (1ª Co 8: 1).

Mas, toda a *regra* tem sua exceção, inclusive a franciscana. É sabido que Francisco autorizou por escrito que Antônio de Pádua lesse a teologia, sem perder de vista o *espírito*, como recomenda a Regra e o Apóstolo das Gentes:

“Não apagueis o Espírito” (1ª Ts 5: 19).

Acompanhemos a carta-autorização (1223-24) na íntegra:

“Frei Francisco a Frei Antônio, meu Bispo, saudações. Apraz-me que leias a sagrada teologia aos Irmãos, contanto que, nesse estudo, não *extingas o espírito* da oração e da devoção, como está contido na Regra” (*Fontes Franciscanas*, p. 106).

Então, o Espírito Antônio de Pádua era devidamente autorizado a realizar estudos teológicos. Séculos depois, ele toma da pena sensibilíssima da Sra Collignon para esclarecer *questões e problemas* concernentes a evolução do princípio espiritual.

É com alegria em Cristo, e dever espírita, que esta pesquisa resgata estas duas mensagens do Espírito Antônio e as entrega aos espíritas de língua portuguesa, reafirmando o sobejamente sabido de que *não há nada oculto que não venha a ser revelado*.

## QUESTÕES E PROBLEMAS

-----  
Questão Nº 1. – Que pensar do panteísmo e da imanência de Deus?  
-----

Bordeaux – Médiun, Sra. Émilie COLLIGNON  
-----

O panteísmo é um desvio<sup>140</sup> da crença no princípio comum fornecendo o *ser* a tudo que *existe*. Desvio produzido pelo esquecimento de Deus<sup>141</sup>.

O panteísmo é uma negação do princípio divino que o orgulho humano dividiu nos seres, não mais compreendendo sua ação pessoal.

Como princípio de formação, tudo provém deste *Todo Universal*, palavra tão vaga quanto profunda que é utilizada pelos divulgadores da impessoalidade da alma.

Como conclusão, nada do que dele saiu, se perde, mas somente a matéria serve para reconstituir a matéria. A inteligência, o pensamento, o ser espiritual guarda enfim, sua individualidade.

Nós dissemos, ao começo, que o panteísmo era um desvio da crença de um princípio comum que fornece o *ser* a tudo que *existe*, porque ele efetivamente existe, no espaço que envolve os mundos suspensos na imensidão, uma aglomeração de fluídos, mais ou menos ponderáveis, destinados à formação de tudo que existe. Estes fluídos, participando da natureza dos mundos que eles envolvem, fornecem à matéria os princípios que a constituem, mas... (para nosso entendimento disto tudo, seria necessário entrar em longos desenvolvimentos e considerar os mundos na sua origem) estes fluídos não são, por assim dizer, mais que um recipiente onde as emanções materiais vão se condensar, se reconstituir. Quanto ao princípio espiritual, sua essência sublime provém de uma fonte mais elevada que, uma vez destacado, dela não mais faz parte, mas para a qual ele tende a se aproximar sem cessar.

Os inumeráveis mundos nos quais vocês habitam, átomos orgulhosos, provém deste *Todo Universal*, palavra cujo emprego tornou-se tão banal. Dispersos no espaço, os fluídos ponderáveis destinados a formar a matéria esférica se reúnem; é primitivamente um ponto perdido no espaço, atraindo pela ação de sua gravitação os fluídos envolventes e, desta forma, agrupando por vertiginosa rotação os elementos necessários à sua formação, crescendo gradativamente e, enfim, após séculos, desenvolvendo uma esfera fluídica composta de camadas de fluídos de diferentes naturezas.

---

<sup>140</sup> O *panteísmo* é uma visão parcial, capenga e míope, pois só vê o lado da *imanência* divina (característica impessoal), sem levar em conta a transcendência divina (característica pessoal). No *monismo* temos a visão completa, onde Deus é a criação - imanência, e a transcende - como seu Eu maior e diretor. Jesus ensinou: “Eu e o Pai somos um” - imanência [Jo 10: 30]; mas “o Pai é maior que eu” - transcendência [Jo 14: 28]. Ver “*Deus e Universo*”, Pietro Ubaldi, ed. Fundápu, Campos-RJ, capítulo XVII: *Imanência e Transcendência*.

<sup>141</sup> O homem *esquecera e desprezara* a lei de Deus na sua própria *consciência* (*O Livro dos Espíritos*, pergunta Nº 621 e 621 a.).

Este ponto, ao redor do qual os fluídos são agrupados, este imã, que os atraem, é o princípio da vida, o princípio espiritual, emanado da vontade divina, das esferas luminosas onde reside o Mais-Alto. Esta centelha que deve dar vida a tudo o que existe, desde a pedra inerte até o sábio que a classifica. É assim que o homem, a planta, o animal, a pedra têm uma origem comum, ponto de partida do princípio panteísta. Mas, onde o homem se transviou? Foi desejando lançar sem cessar ao mesmo núcleo os mesmos elementos para fazê-los produzir as mesmas matérias; é negando a essência pessoal de Deus e considerando-O como um imenso reservatório mantido pelas mesmas fontes que dele provém e que a Ele retornarão sem cessar para se subdividir novamente.

ANTOINE DE PADOUE

Finda a comunicação mediúnica, profunda e surpreendente para a época, o diretor do jornal *La voix* escreve uma interessantíssima e pertinente observação. Vamos também transcrevê-la na íntegra:

*Observação.* – Esta resposta é plena de conseqüências filosóficas, desta forma nos apressamos em dizer que toda responsabilidade da mensagem é do Espírito que a ditou. Mas se a teoria emitida ainda não foi comprovada, se ainda não foi demonstrado, de maneira irrefutável, que da transformação contínua de uma molécula do princípio espiritual surgem todos os Seres da criação, do mineral mais inerte aos nossos olhos até ao homem mais inteligente e puro, também ainda não foi provada a impossibilidade desta teoria, e que a unidade do princípio criador com origem nas mãos de Deus está totalmente de acordo com sua justiça e bondade. É por tudo isto que nós nos apressamos em publicar esta profunda comunicação. Persuadido de que fugir de um problema é não resolvê-lo, e de que uma verdadeira solução somente é alcançada pela discussão; convidamos nossos leitores a comentar seriamente esta mensagem; nossas colunas estarão sempre abertas às observações que nos serão encaminhadas com o objetivo de elucidar esta grande questão ainda coberta de um véu impenetrável: a questão da origem do Espírito.

AUGUSTO BEZ

(1º Ano, nº 14, 30 de outubro de 1864, pp. 3-4).

-----

Questão Nº 2. – A ação de Deus no homem, denominada Providência, é real? Ou então Deus, após ter dado ao homem as faculdades necessárias ao seu desenvolvimento e de tê-lo colocado no caminho, o deixaria só? A Providência Divina se ocupa de cada criatura em particular, ou sua ação se exerce em todo o conjunto do universo, deixando de lado os indivíduos?

Questão Nº 3<sup>142</sup>. – Como a presciência de Deus e o livre-arbítrio do homem podem se conciliar?

-----

Para responder claramente a esta pergunta, seria necessária a vossa compreensão a respeito de Deus, mas vosso entendimento não a permite. Vós esqueceis facilmente a ínfima posição que ocupais na criação, e se comportam como o pardal<sup>143</sup> que desejaria, a exemplo da águia, sondar a luz do sol.

A ação de Deus se exerce sobre tudo o que *existe*, como a força elétrica se propaga sobre tudo que se encontra em seu raio de ação. Portanto, a radiação divina envolve todos os mundos de forma completa. Sua Providência governa, portanto, o todo e as individualidades; mas não rebaixemos a ação divina à uma escala, e não devemos imaginar Deus embalando cada homem como uma simples ama de leite.

A Providência é o sábio justo por excelência, exercendo sua autoridade sobre todo seu império; não fechando seus olhos a qualquer necessidade, o ouvido a qualquer prece, a qualquer queixa, mas tendo seus ministros sábios e justos como ele, plenos de zelo, de devotamento, de abnegação, e servindo de intermediários entre o chefe supremo e os mais simples dos governados. Intermediários sempre sob o olhar paternal do Rei dos reis; incapazes de falhar em suas obrigações, algo impossível de acontecer mesmo se assim desejassem.

Estes ministros têm igualmente seus colaboradores, e é assim que se comportam, de elo em elo, o ser mais ínfimo da criação, o menor grão de areia que as ondas e o vento conduzem e o homem sob a ação direta da Providência. Desta forma, e aí se encontra a vossa maior dificuldade de compreensão, a Providência mesmo exercendo sua ação sobre o todo, não perde de vista o menor dos átomos. Toda individualidade se silencia diante de seu olhar penetrante; toda matéria se forma sob seu total controle, porque tudo o que existe não poderia existir sem o Senhor, origem incompreendida e ainda incompreensível para vós. É desta forma a ação da Providência bem como do livre-arbítrio do homem, que vós negais transformando tudo isto em escravidão, uma conseqüência arbitrária da natureza, ou da qual não podeis admitir a possibilidade a não ser eliminando de vossa opinião a onipotência e onisciência de Deus.

Qual é o pai de família que mesmo conhecendo muito pouco do caráter e da natureza de seus filhos não possa prever as conseqüências da liberdade de ação que ele deseja lhes conceder! Qual é a mãe atenta que não consegue prever que sua criança sofrerá diversas quedas antes de adquirir o seu perfeito equilíbrio! Mesmo assim, pai e mãe deixam a criança com liberdade para que ela possa aprender a usar sua inteligência, suas forças, a prévia orientação sobre as possíveis faltas que ela possa cometer, fazendo-a compreender suas conseqüências, explicando-as conforme seu grau de inteligência, mas deixando-a adquirir a própria experiência afim de que ela possa refletir, dominar seu caráter sem a presença permanente de uma tutela que a envolva e mantém.

---

<sup>142</sup> Esta questão Nº 3, que também será respondida nesta segunda mensagem, encontra-se em uma nota de rodapé do jornal *La voix*.

<sup>143</sup> No original francês está *linot*: espécie de passarinho de plumagem cinza. Aqui, para facilitar, traduzimos por *pardal*.

Tal é a ação da Providência sobre o homem; as duas perguntas se relacionam intimamente: responder a uma, é responder à outra.

ANTOINE DE PADOUE

(1º ano, Nº 15, 06 de novembro de 1864, p. 3-4).

### III- A ENCARNAÇÃO PRIMITIVA

No mês de maio de 1865 a Sra Émilie Collignon termina a recepção mediúnica da maior e mais importante obra sobre os Evangelhos de Jesus-Cristo, *Les Quatre Evangiles*. Então, ela recebe espontaneamente uma mensagem orientando o Sr J.-B. Roustaing sobre a publicação da grande obra; a certa altura ela psicografa um trecho que descreve a *queda* e a *salvação* para o Espírito que livre e conscientemente faliu:

“A certeza de que há, para a alma que faliu, uma vida eterna, a princípio expiatória e por fim gloriosa” (QE, IV, 72).

Aqui estamos diante do chamado fenômeno da *queda* espiritual devidamente explicada na obra de Roustaing (QE, I, pp. 281-336).

*O livro dos espíritos*, na pergunta Nº 122, fala em *queda do homem e do pecado original*. A pergunta Nº 124 diz que há Espíritos que *desde o princípio seguiram o caminho do bem absoluto*. Na pergunta Nº 125, os Espíritos reveladores explicam que os que enveredaram pelo caminho do mal chegarão também à perfeição, só que *as eternidades lhes serão mais longas*. A pergunta Nº 262 ensina que a consequência do *desatender os conselhos dos bons Espíritos*, é a chamada *queda do homem*.

A *queda* arremessou o Espírito no exílio da encarnação. Agora, ele, como *o filho pródigo da parábola*, deve expiar seus erros, refletir, entrar em si, e trilhar o caminho de volta à *Casa Paterna*. O Espírito Lamennais recomenda:

“Filhos pródigos, deixai o exílio voluntário” (RS, FEB, 1860, novembro, p. 513).

Allan Kardec conhecia bem esse tema, pois ele mesmo alerta os espíritas bordelenses. É muito interessante ver estas palavras ditas pelo Codificador:

“Vedes, pois, senhores, que o impulso que vos anima vem do Alto, e bem temerário seria quem o quisesse deter, porquanto seria abatido como os anjos rebeldes, que quiseram lutar contra o poder de Deus” (RS, FEB, 1861, novembro, p. 512).

Toda a revelação da *queda* espiritual, apresentada por Roustaing, se encontra devidamente comentada e explicada, com várias figuras e gráficos, no livro *A evolução de Adão – reencarnação do Gênesis a psiquiatria*, de Jorge Damas Martins e Roberto Silveira, edição particular, Rio de Janeiro, 1985.

Aproveito para comentar que são nestas páginas, sobre a *queda* espiritual, em *Les quatre évangiles*, que há a tão propalada questão sobre a comparação com os *criptógamos carnudos*. O Espírito após a sua *queda*, se é muito simples no seu percurso evolutivo, vai habitar formas humanas rudimentares, em mundos primitivos. Foram essas condições patológicas que permitiram a comparação, feita pelos Espíritos reveladores. Vejamos primeiro a citação na obra:

“Não poderíamos compará-los melhor do que a criptógamos carnudos. Podeis formar idéia da criação humana, estudando essas larvas informes que vegetam em certas plantas, particularmente nos lírios. São massa, quase inerte, de matéria moles e pouco agregadas,



que rasteja, ou antes desliza, tendo *os membros*, por assim dizer, *em estado latente*” (QE, I, 313. Itálico do original).

Solicito ao leitor que atente para as COMPARAÇÕES usadas pelos Espíritos. Eles fazem duas comparações:

A) Criptógamos carnudos: *Cryptogames charnus* (no francês, 1882, 1º vol, p. 499)

B) Larvas informes: *larves informes* (no francês, 1882, 1º vol. p. 499).

O que são criptógamos? *Cripto + gamia*. Na botânica é a classe do sistema sexual de Carl Von Linneu (1707 – 1778), naturalista sueco, onde se encontram os vegetais pluricelulares (cogumelos, musgos etc.) cujos órgãos da reprodução estão ocultos ou pouco aparentes.

Entre os cogumelos há os microscópicos, como o mofo, e espécie de grande talhe, alguns apresentando frutificação em forma de chapéu encimando um pé ou talo. Há modalidades comestíveis, algumas tóxicas e até mesmo mortais.

No *sentido figurado* – e é isso que nos interessa - diz-se das coisas que surgem rapidamente e em grande número. *Crescer como cogumelo, crescer rapidamente* (ver *Enciclopédia e dicionário ilustrado*, Koogan / Houaiss, Edições Delta, 1998).

Kardec, dada a sua cultura invejável que todo o movimento espírita reconhece, fala sobre os *criptógamos*, inclusive os bem *carnudos*, muitas vezes, e mesmo bem antes de J.-B. Roustaing. Vejamos algumas de suas citações. Inicialmente como um vegetal minúsculo:

“O botânico não pode conhecer o reino vegetal a não ser observando o mais humilde criptógamo [*cryptogame*, no original francês, p. 192], que o musgo oculta, até o carvalho altaneiro, que se eleva nos ares” (RS, FEB, 1858, julho, 298).

Agora, como um vegetal grande e bem *carnudo*:

“O cogumelo é um produto dos mais bizarros; delicioso ou mortal, microscópico ou de dimensão fenomenal, confunde, sem cessar, a observação do botânico. No túnel de Doncastre existe um cogumelo que há doze meses se desenvolve, parecendo não haver ainda atingido sua última fase de crescimento. Atualmente mede 15 pés<sup>144</sup> de diâmetro. Veio num pedaço de madeira; é considerado o mais belo espécime de cogumelo que já existiu. Sua classificação é difícil, porque as opiniões estão divididas. Assim, eis a ciência em grande dificuldade por causa de um cogumelo que se apresenta sob um novo aspecto. Esse fato provocou em nós a seguinte reflexão: Suponhamos vários naturalistas, cada um a observar por seu lado uma variedade desse vegetal: um dirá que o cogumelo é um criptógamo comestível, apreciado pelas pessoas de fino paladar; o segundo, que é venenoso; o terceiro, que é invisível a olho nu; e o quarto que pode alcançar até quarenta e cinco pés de circunferência<sup>145</sup>, etc.” (RS, FEB, 1858, agosto, p. 323).

Em outro ponto fala Kardec das lições que um criptógamo pode oferecer:

---

<sup>144</sup> O *Dicionário Aurélio eletrônico 3.0* informa: Unidade de medida linear anglo-saxônica, de 12 polegadas, equivalente a cerca de 30,48 cm do sistema decimal. Logo, a medida do cogumelo citado por Kardec é de aproximadamente 4,57 m. Como se pode constatar é muito *carnudo*.

<sup>145</sup> 13, 75 m

“Para o observador nada é perdido, encontrando ensinamentos até mesmo no criptógamo que cresce no adubo” (RS, FEB, 1858, dezembro, p. 506).

Aliás, foi assim que os Espíritos reveladores da obra *Les quatre évangiles* fizeram, como sugere Kardec: observando os cogumelos ou criptógamos, fizeram uma comparação deles e de suas características, com as primeiras encarnações humanas rudimentares, em planetas primitivos.

Allan Kardec ainda diz mais. Agora ele vai usar criptógamo em sentido figurado, numa crítica a erudição superficial do Sr Louis Figuier:

“O Sr Louis Figuier deu-se à especialidade de recolher, um a um, os mil fatos que brotam, dia a dia, em torno das academias, como longas carreiras de cogumelos que nascem da noite para o dia sobre as camadas criptogamíferas” (RS, FEB, 1861, abril, p. 169).

É óbvio que Allan Kardec não está falando que o Sr Louis Figuier recolhe criptógamos, ele está fazendo uma comparação. E é precisamente isto que os Espíritos reveladores fazem.

O Espírito André Luiz também faz uma comparação bastante incomum, para o corpo espiritual humano primitivo:

“Em tais circunstâncias, se o monoideísmo é somente reversível através da reencarnação, a criatura humana desencarnada, mantida a justa distância, lembra as bactérias que se transforma em esporos” (*Evolução em dois mundos*, F. C. Xavier, FEB, Rio de Janeiro, 1977, pp. 90-1).

Assim, a comparação da encarnação do Espírito primitivo com cogumelos carnudos significa que ele, nesta triste condição não lavra, nem semeia, mais vive como um parasita, de tudo o que a natureza disponibiliza ao alcance de suas mãos. À semelhança do cogumelo citado por Kardec, que *veio num pedaço de madeira*, e que naturalmente vive a custa dela.

Aliás, é precisamente isso o que os Espíritos orientadores do nosso Chico Xavier lhe informaram:

“Agora, os Espíritos nos explicam que aquelas criaturas demasiadamente primitivas, que às vezes nem mesmo se deslocam para o serviço de auto-alimentação, essas criaturas estarão talvez na primeira experiência de existência humana” (*O Estado de Minas*, 8, 9, 10, e 12 de Julho de 1980 ou *Mandato de amor*, Xavier, F. C., U. E. M., Belo Horizonte-MG, 1997, p. 250).

A outra comparação da encarnação em planeta primitivo, na obra de Roustaing, é com as *larvas informes* (*larves informes*). Os habitantes destes planetas têm muitos de seus membros bastante acanhados, estando mesmo alguns em *estado latente*.

Émilie Collignon psicografou tal comparação, inclusa em *Os Quatro Evangelhos*, em abril de 1863 (ver QE, I, 295). E, interessante, aqui neste opúsculo, ela publica uma mensagem de SIMÉON, por MATTHIEU que faz a mesmíssima comparação:

“Como o inseto que sai da terra para arrastar-se no chão, depois fechar-se em sua crisálida e despertar finalmente ornado de cores sedutoras para elevar-se em direção ao céu,

vocês foram larvas informes (*larves informes*); vocês passaram por todas as fases da deformidade, da baixeza, da ignorância, do crime”<sup>146</sup>.

Aqui Siméon faz duas comparações: a primeira com um *inseto* e a segunda com as *larvas informes*. Evidentemente, em realidade, o Espírito humano não passa por uma coisa nem outra.

Um exemplo de latência de órgãos, parcial ou total, na encarnação primitiva, temos no cérebro, bem menor, e que manifesta menos funções, em relação ao homem civilizado. E, também, ele rasteja ou desliza, como um *macacóide*. André Luiz fala de um Espírito encarnado, em nosso planeta, mas em profunda aberração:

“Por fora, sim, era ele dolorosa máscara de anormalidade e aberração. Mirrado, nada medindo além de noventa centímetros e apresentando grande cabeça, aquele corpo disforme, tresandando odores fétidos, inspirava compaixão e repugnância... A fisionomia denotava configuração macacóide, exibindo, porém, no sorriso inconsciente e nos olhos semilúcidos, a expressão de um palhaço triste” (*Ação e reação*, F. C. Xavier, FEB, Rio de Janeiro, 1980, p. 180).

Uma outra revelação é bastante concorde com a das psicografias da Sra Collignon: Ela foi dada pelo Espírito João, sobre a deformidade e o comportamento bestial do homem primitivo:

“Era extremamente preguiçoso. Estendido na terra, alimentava-se do que estava ao alcance de sua mão; e, sempre que se punha em movimento, seus gestos revelavam repugnância e desgosto” (*Roma e o Evangelho*, D. José Amigó Y Pellicer, FEB, Rio de Janeiro, 1982, p. 167).

De tudo isto, conclui os Espíritos pela antena psíquica da Sra Émilie Collignon:

. Eis, oh! homem, a tua origem, o teu ponto de partida, quando o orgulho, a inveja, o ateísmo, surgindo mesmo no centro da luz, a indocilidade e a revolta te fizeram falir em condições que exigem a primitiva encarnação humana. Não desvie horrorizado o olhar, antes bendize do Senhor que te permite elevar os olhos para ele e entrever a imagem da perfeição nos Espíritos radiosos que o cercam (QE, I, 313).

. Esperem pois com confiança sua transformação; desenvolvam suas asas, nós sustentaremos vocês e, empurrados por nosso sopro amigo, vocês se laçarão para essas regiões abençoadas onde tudo é amor, fraternidade, glória e esplendor (SIMÉON, *por MATTHIEU*)

---

<sup>146</sup> Mensagem inicialmente publicada em *La Lumière pour tous* (1º ano, Nº 22, 15 de fevereiro de 1865). Nesta época a Sra Collignon já havia psicografado a comparação semelhante em *Les quatre évangiles* (abril de 1863). O ensino é então confirmado espiritualmente, e aprovado por Kardec, como vemos na *Introdução* deste opúsculo: “Submeti – diz a Sra Collignon - este trabalho ao nosso orientador, o Sr. Kardec, que o aprovou como sendo exato na exposição dos princípios”. A bem da verdade ele o aprovou por duas vezes: inicialmente, antes de ser publicado em série no *La Lumière* (ver Nº 1, 7 de abril de 1864, p. 2) e, mais tarde, quando ele foi enfaixado em brochura (RS, 1865, setembro, FEB, p. 382). É crível, mas uma passagem tão criticada de *Les quatre évangiles* - evidentemente em crítica sem nenhuma razão de ser - recebeu tal aprovação da Espiritualidade e de Kardec, no mínimo por quatro vezes.

# APÊNDICE ESPECIAL

# HOMENAGEM AO SESQUICENTENÁRIO DE *O LIVRO DOS ESPÍRITOS*

## O LIVRO VERDE DA ESPERANÇA ESPIRITISMO: 150 ANOS DE LUZ E PAZ

### COMEMORAÇÃO DOS MORTOS – 1882 IMORTALIDADE E REENCARNAÇÃO

A melhor forma de saudarmos o sesquicentenário de *O Livro dos Espíritos* é divulgando os seus postulados básico, entre ele, a *imortalidade da alma* e a *reencarnação*.

É assim que esta pesquisa resgatou e traduziu, das páginas basilares da *Revue Spirite* (1882, dezembro, pp. 369-85), uma bela e instrutiva comunicação mediúnica.

É desde 1857 que Allan Kardec saúda, o então chamado *dia espírita*, a comemoração dos mortos, pela comunhão de pensamento adquirida pelo amor, que se irradia, pela prece sincera e fervorosa. Em 1864 esta data passou a ser oficializada e comemorada na *Sociedade de Estudos Espíritas de Paris*.

Com a morte de Allan Kardec, em 31 de março de 1869, a inesquecível Mme Amélie Boudet, viúva Rivail, passou pessoalmente a presidir esta festiva reunião.

É assim que chegamos à solenidade de 1882, última presidida corporalmente por Madame Kardec, pois ela ira desencarnar, *docemente e com rara lucidez de espírito*, em 21 de janeiro de 1883.

Mme Kardec foi a esta reunião acompanhada de Mme Berthe Froppo, sua devotada amiga e uma de suas futuras herdeiras. Entre outros convidados destacamos a presença de M Bourgès, M Thouars, M Pichery, M Tarley e a do Presidente da *Sociedade Anônima para a Continuação da Obras Espíritas de Allan Kardec*, M G.-P. Leymarie e de seus assessores M H. Joly e M Vautier. O grande salão da *Sociedade* estava repleto: trezentas pessoas.

A oratória coube a Mme Sophie Rosen (Dufaure) que desenvolveu o tema: *L'humanité devant la mort*. Ao término da esclarecedora palestra, M J.-Camille Chaigneau declamou uma linda poesia, composta especialmente para aquela reunião.

Depois, Leymarie fez a leitura do artigo: *Da comunhão de pensamento – a propósito da comemoração dos mortos*, de Allan Kardec (RS, 1864, FEB, dezembro, pp. 473-481), o que causou profunda impressão no auditório. Em seguida, ele passa a listar todos os desencarnados desde a última reunião comemorativa em novembro de 1891.

Preces especiais, tiradas de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, foram lidas por Mme Rosen, M Warroquier e M C. Chaigneau (ver capítulo XXVIII, *Coletânea de Preces Espíritas – IV Preces pelos que já não são da Terra*). Então, foi dada a palavra simpática ao M L. Vignon que apresentou uma de suas composições poéticas intituladas: *Ne pleurez pas*.

Dos médiuns presente, quinze eram *escreventes* e dois *desenhistas* (M Hugo d'Alesi e M Oswald Wirth).

A *Revue Spirite* transcreveu as seguintes comunicações medianímicas: a obtida pela médium Augusta de Lassus, que recebeu a instrutiva e interessante mensagem assinada: *Un serviteur indigne du maître* – TORQUEMADA, *grand inquisiteur d'Espagne*; a mensagem da médium Mme Gonnet; a da médium Mlle Lepetit; a da médium Mlle Huet, assinada pelo Espírito Charles Collard e a do médium Pierre, pelo Espírito BERNARDEAU, antigo juiz de paz [juiz de paix]. É esta última mensagem que vamos transcrever na íntegra, dada a sua grande beleza e pela instrução veiculada do Espírito Allan Kardec. Rememoremos:

## MÉDIM PIERRE

Glória ao grande e sublime obreiro dos céus!

Eu me desprendi do meu pobre corpo, instrumento que me serviu nesta última existência.

Moléculas que o formavam, volatilizai-vos, e tornai-vos a semente, o fruto, o caule, a flor, a cor e o perfume.

Perispírito ainda material, tu conduziste minha alma. Como um balão muito rápido tu devias parar nas altas camadas da atmosfera mas, para minha surpresa, tu devias as ultrapassastes com uma velocidade prodigiosa. Eu atravessei os espaços interplanetários atraído por um mundo superior ao da Terra e, durante esta ascensão inesperada e gloriosa, os meus queridos parentes se ajoelhavam, lamentando-se, ao lado de meu despojo humano.

Que grande alegria é a minha. Minha abnegação, meu firme desejo de praticar o bem ao exercer minhas funções de juiz de paz, me permitiram esta recompensa, esta notável distinção, de atingir a morada onde vivem os Espíritos luminosos e de ser, aí, recebido como Irmão.

Na entrada deste mundo superior, reluzente pela emanção de seus fluidos, me aguardavam respeitados Espíritos da Terra: Swedenborg, Ch. Bonnet, Jean Reynand, Fourier, Arago, Demeure, Roustaing e outros, que Allan Kardec me apresentava com simplicidade e com seu sorriso pleno de bondade e amizade. A linguagem desconhecida que eles usavam me parecia familiar, pois eu sabia onde estava e quais seriam minhas novas responsabilidades. Allan Kardec me afirmava:

Como nós e conosco, você voltará a realizar na Terra uma missão superior. Nós levaremos para a Terra a palavra de Deus, a boa nova. Nós somos uma legião bem preparada, pelos trabalhos anteriormente realizados, para desenvolver na Terra a ciência da verdade, da justiça e da beleza. Nós lhe ensinaremos a sair do meio em que vivem, do sofrimento que aí se perpetua e debilita as almas, para subsistir a alegria, a saúde e a confiança pela prática da mais ampla solidariedade. Imitaremos o agricultor que inteligentemente mantém limpa sua cultura, deixando somente o que possa produzir semente e fruto, esperança e providência.

Deus que se devota constantemente às humanidades, se sacrifica continuamente. As forças que atuam sob sua vontade desenvolvem, no espaço onde mundos se movem por atração, ondas de calor, de eletricidade e de magnetismo. O seu amor, daquele que é o Pai, a mãe da criação, produz em tudo a harmonia.

Amigo e bravo irmão que vem da Terra, e que aí retornará, instruí-vos. Se você compreende o alcance sublime do sacrifício divino, por bondade você magneticamente irradiará sobre as almas e, por sacrifício, você as reviverá.

Sim, Anjos do bem, com alegria eu abandonarei esta morada gloriosa, as belezas sublimes de uma natureza etérea, pelo tempo que for necessário. Descerei para as esferas de penosas provas e de constantes lutas. No sulco que tantos bravos espíritos traçaram, sementearei com sabedoria. Ensinaremos métodos superiores, através dos quais todas as questões de educação, de instrução e de organização social podem ser resolvidas em benefício de todas as almas encarnadas.

Na hierarquia infinita dos mundos tudo se retifica e se simplifica com a dedicação que representa a base inquebrantável do governo dos universos. Deus, o rico dos ricos, se despoja sem cessar pelos pobres que se voltam para Ele.

Eu agradeço pelas minhas dores, sorrio pelas que me são reservadas, pois muitas delas haverá na luta a realizar pelo desenvolvimento progressivo das inteligências rebeldes, refratárias a todo movimento de progresso. Uma legião de Espíritos, um raio luminoso formado de distintas individualidades (semelhantemente à cem chamas de velas que unidas formam um único raio luminoso e, separadas, voltam a ser cem chamas isoladas), deve renovar os homens e a realidade do ser.

Atraídos pelas vossas preces, ao vosso apelo, nuvens de queridos Espíritos descem até vós, semelhantes ao Espírito Santo que visitava os iniciados. Esses protetores dizem através da minha voz:

Continuai a perseverar, a trabalhar o solo intelectual da pátria aonde vocês vivem. Na hora divina, quando este solo estiver bem fertilizado, nós voltaremos novamente a lançar a semente conforme a vontade soberana, em nome da lei eterna a qual tudo obedece.

Eu não vos digo adeus, mas um até breve, amigos que eu amo.

BERNARDEAU.

---

A redação da *Revue Spirite* ainda vai fechar a matéria com as seguintes palavras:

A reunião, aberta às duas horas e meia, terminou às cinco horas e meia. Todos os presentes estavam muito satisfeitos e assim demonstraram calorosamente. As pessoas que assistiram a reunião desejavam cumprimentar a Senhora Allan Kardec que demonstrava grande felicidade.

La vie matérielle, emprisonnement de l'âme, c'est l'oiseau dans la cage; ici, c'est la liberté, car la cage fut ouverte par la mort; l'âme qui s'est envolée revient avec bonheur vers ceux qu'elle a aimés et qui l'aiment encore; le jour où, séparés de la matière, vous viendrez nous retrouver sera une époque de joie et de réjouissance pour vos amis de l'erraticité.

Ayez beaucoup d'amour, de charité pour autrui, ayez confiance en Dieu et comptez sur l'avenir; si l'homme pensait bien à cela, s'il pouvait se corriger de ses passions envieuses, ambitieuses, s'il avait moins d'amour pour l'argent qui le pousse à l'orgueil, à la vanité, il serait assez heureux sur la terre; son cœur se donnerait à la bonté, à la fraternité, et il attendrait vaillamment son dernier jour.

En pensant à nous, pensez à nos paroles, vous serez dans la justice et la paix.

Voire vieil ami, celui de la Société à laquelle il portait un si grand intérêt.

CHARLES COLLARD.

### **Médium Pierre.**

Gloire au grand et sublime ouvrier des cieux!

Je suis délivré de mon pauvre corps, de l'instrument qui me servit dans cette dernière existence.

Molécules qui le composiez, volatilisez-vous, et devenez le grain, le fruit, le chêne, la fleur, la couleur, le parfum.

Périsprit encore matériel, tu as emporté mon âme; comme un ballon trop lesté, tu devais t'arrêter dans les hautes couches de l'atmosphère, à mon étonnement tu as pu les dépasser avec une vitesse prodigieuse; je traversais les espaces interplanétaires, attiré par un monde supérieur à celui de la terre, et, pendant cette ascension inattendue et glorieuse, les miens, mes bien-aimés, s'agenouillaient, se lamentant, auprès de ma dépouille humaine.

Quelle joie est la mienne; mon abnégation, mon vif désir de faire le bien en remplissant mes fonctions de juge de paix, m'ont donné cette récompense, cette faveur insigne, de monter vers le séjour où vivent les Esprits lumineux et d'y être reçu en Frère.

Au seuil de ce monde, étincelants car ils rayonnent par leurs fluides, m'attendaient des Esprits respectés sur la terre, Swedenborg, Ch. Bonnet, Jean Raynaud, Fourier, Arago, Demeure, Roustaing, et bien d'autres, qu'Allan Kardec, me présentait avec simplicité, avec



RS, 1882, dezembro, 383

## SUMÁRIO

PREFÁCIO EDIÇÃO BRASILEIRA

INTRODUÇÃO EDIÇÃO BRASILEIRA

PREFÁCIO EDIÇÃO FRANCESA.....

DEDICATÓRIA ....

INTRODUÇÃO .....

### CAPÍTULOS

- I. — O Espiritismo do ponto de vista religioso ...
- II. — Base do Espiritismo: Deus — Imortalidade da alma ....
- III. — Da alma ou Espírito e da Reencarnação ...
- IV. — Necessidade da reencarnação — Causas das desigualdades existentes ...
- V. — Do Perispírito e das Manifestações ...
- VI. — O Espírito depois da morte ...
- VII. — Penas eternas ...
- VIII. — Punição dos Espíritos culpados — Expição humana ...
- IX. — Influência dos Espíritos sobre os homens — Anjos da guarda ...
- X. — Obsessão e loucura — suas causas e os meios de evitá-las ...
- XI. — Suicídio — suas conseqüências ...
- XII. — Objetivo da encarnação — Reencarnação e metempsicose ...
- XIII. — Laços de família — Lembranças do passado ...
- XIV. — A lei do trabalho ...
- XV. — Livre arbítrio — Deveres do espírita — Os três aspectos da Caridade ...
- XVI. — A Mediunidade: suas causas, seus efeitos, diversos tipos de médiuns ...

Dissertações medianímicas

### CAPÍTULO

- I. — Ide e instruí os homens ...
- II. — Utilidade do Espiritismo ...
- III. — Do Culto ...
- IV. — Origem da alma no Gênesis ...
- V. — Onde se encontra a justiça do Senhor ...
- VI. — A indulgência ...
- VII. — O Espiritismo prático ...
- VIII. — Cristão de coração...

APÊNDICE I: A Criação Espiritual

APÊNDICE II: Questões e Problemas

APÊNDICE III: A Encarnação Primitiva

APÊNDICE ESPECIAL: Homenagem ao Sesquicentenário de *O Livro dos Espíritos*

FIM DO SUMÁRIO